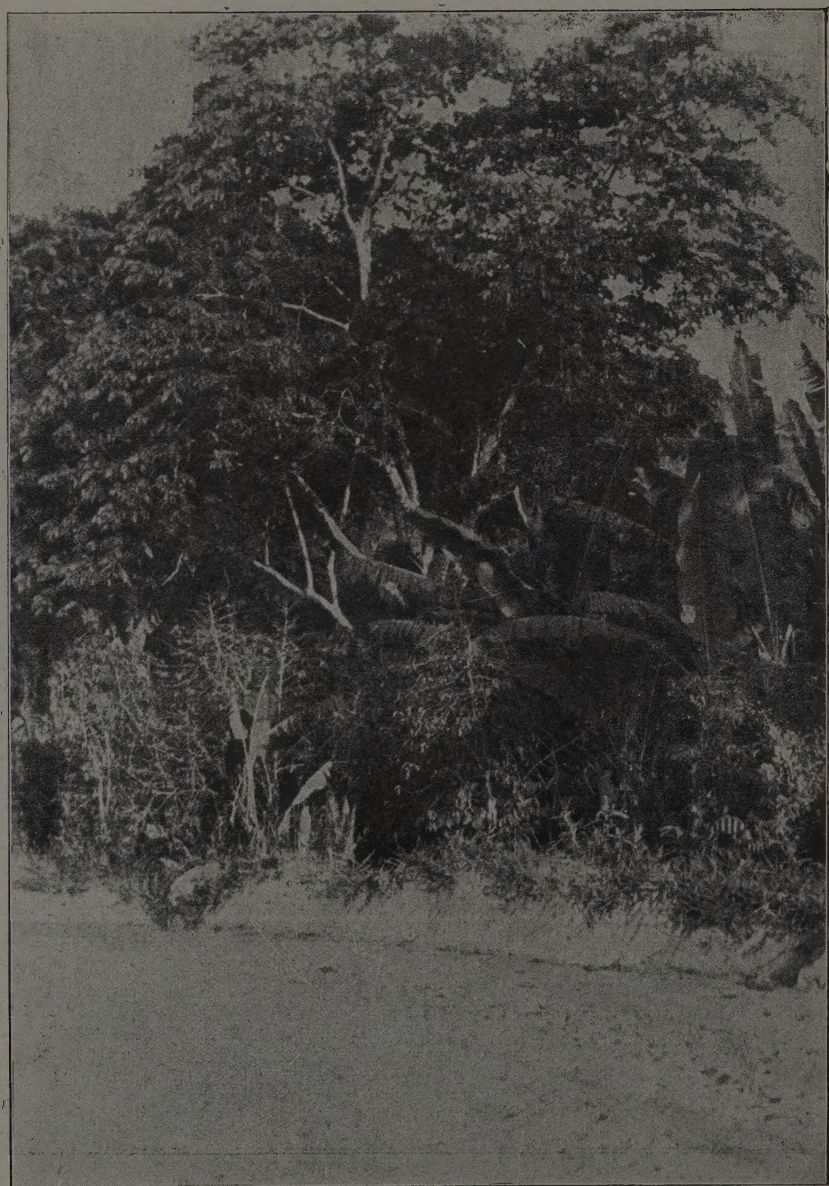
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXXI • MAIO DE 1956 • N.º 351

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXXI | MAIO DE 1956 | Número 351

Sumário

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

NOSSA CAPA

Colheita do café. Após colhidos das árvores, os frutos do cafeeiro são "abanados" em peneiras manuais, no próprio cafèzal, afim de sofrerem uma primeira limpeza dos detritos — fôlhas, ramos, terra, etc., com que se encontram misturados.

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

É MUNDIAL O PROBLEMA DA DISTRIBUIÇÃO

J. TESTA

No excelente boletim "Mercado do Café", do Bureau Pan-Americano editado em New York, deparamos com uma afirmativa deveras curiosa, que julgamos interessante transcrever para os nossos leitores. Comentando a situação econômica dos Estados Unidos, afirma o Boletim o seguinte:

"O Secretário da Agricultura declarou margem diferencial entre os preços nas fazendas e os preços no varejo dos produtos agrícolas, que aumentaram em 83% desde 1945. A causa principal dêsse aumento é o custo cada vez maior da distribuição, isto é, a mão de obra, o transporte e o armazenamento requeridos no processo de distribuição, cada vez mais organizado e mais complexo".

Em outras palavras, e para quem conhece a situação econômica dos Estados Unidos, tôda ela baseada na eficiência e na concorrência, é talvez inesperado constatar que a prodigiosa capacidade de transportes do país e sua organização admirável nos setores do armazenamento e da distribuição, não tenham conseguido evitar um tão grande aumento, em dez anos, pois é sabido que em gráu muito menor aumentou o custo da vida. Nessas condições, é lícito supor que houve apenas módico ou pequeno aumento, talvez mesmo decréscimo, em outros itens. A racionalização da indústria e a crescente mecanização da agricultura têm conseguido, como se sabe, uma produção cada vez maior com menos braços e menos despesas. Sabendo-se da excelência e da capacidade de serviço do sistema de transportes dos Estados Unidos, era de se esperar que, também nêste setor, houvesse estabilidade, ou, quando muito, pequeno aumento. Fica-se agora sabendo que no aumento dos custos, ali, o maior responsável é o sistema de transportes, de armazenamento e de distribuição.

Que se dirá, então, do Brasil, país que pràticamente não tem transporte? — Dir-se-á que ou fazemos o milagre de produzir "à porta da cozinha", ou que nossas emprêsas de transporte trabalham com prejuízo (o que é uma parte da verdade) ou, ainda, que nosso povo é subnutrido (resto dessa mesma verdade).

O que é fato é que se precisa produzir muito para aproveitar apenas uma parte da produção, aquela que se situa mais próxima aos centros de consumo. A outra parcela, que está longe ou é servida por meios deficientes de transporte, essa apodrece ao longo das estradas ou no pátio das estações ferroviárias, como tem acontecido, já, frequentemente, e oxalá não aconteça mais uma vez, pois, segundo estamos informados, é enorme a safra de cereais nos Estados do Sul, especialmente o Paraná.

Não há muitos dias, em reunião conjunta com diversas entidades de classe e com representantes do Ministério da Viação e da Marinha, o sr. Ministro do Trabalho traçou planos para o escoamento dessa safra. Foram assentadas medidas para o escoamento da safra de milho do Ceará, que estava ameaçada de ficar sem transporte, enquanto compraríamos milho estrangeiro.

E foram, também, determinadas várias providências para eliminar os anti-econômicos e anti-políticos impostos e barreiras interestaduais. Veremos se, desta vez, se consegue realmente escoar a tempo a safra de cereais do sul, tão aumentada, agora, principalmente como decorrência das geadas...

Pensamos que o mais necessário não chegou a ser feito: a rêde de armazèns e silos, o aumento da capacidade ferroviário e a melhoria das estradas de rodagem. Esperemos, todavia, para ver o que conseguem a boa vontade e a operosidade do Sr. Ministro do Trabalho.

CAFE' E GEADA

Lauriston POUSA BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

As últimas geadas de 53 e 55, que tantos danos causaram aos cafèzais paulistas e paranàenses, colocaram o assunto na ordem do dia, entre cafeicultores e técnicos. Lamentàvelmente, embora existam hoje meios de provável eficiência e economia para o combate ao fenômeno, ainda não cogitamos de comprová-los sèriamente, organizadamente e, mesmo, oficialmente, no sentido de obter uma orientação segura a esse respeito. Na iminência de novas geadas, estamos mais uma vez discutindo, propondo, planejando ou fazendo conjecturas, alguns, outros correndo atrás de "fogareiros", de aparelhos super-automáticos ou da abertura de valas e buracos onde queimar óleo, matéria apodrecida, pneus, panos e quejandos — outros ainda simplesmente confiados na proteção divina. Desta proteção ninguém pode prescindir, mas é mister que esgotemos todos os recursos humanos, para efetivamente merecê-la.

ONDE E QUANDO SE JUSTIFICA O COMBATE — PORQUE O FENÔMENO TEM, HOJE, MAIOR IMPORTÂNCIA EM SÃO PAULO

As grandes geadas têm apresentado uma incidência cíclica, em períodos de dez anos e trinta e cinco anos, segundo parece sob a influência de modificações ainda não muito bem estudadas das manchas solares. No caso paulista, cêrca de 80% das lavouras acham-se pràticamente isentas de geadas frequentes e mais de 60% das velhas lavouras estão relativamente acobertadas de ventos frios ou mesmo das ondas frias que possam conduzir ao surgimento das "geadas pretas" por se encontrarem em exposições norte e noroeste. Avalia-se em apenas 20% dos cafeeiros de cada propriedade ou região aqueles que sofrem duramente os malefícios do fenômeno, em uma média geral, para o Estado, no que se refere ao conjunto de lavouras antigas. (Os prejuízos de 53 não ultrapassaram aquele limite, em média). Acontece que, de alguns anos a esta parte, novas lavouras vão-se formando, exatamente sob os melhores auspícios técnicos e para as quais não é mais possível conciliar "terra boa, exposição norte ou noroeste e altitude adequada" que as isente, com relativa segurança, da incidência de frequentes geadas. E são precisamente essas lavouras que se devem estimular, no objetivo nacional de produzir mais café, café mais barato e de alta qualidade. As regiões ou glebas paulistas mais imunes às geadas estão ocupadas pelos talhões mais antigos e, por isso, de pequena produtividade e oneroso custeio.

Resulta dessa contigência que a defesa contra as geadas assume atualmente, em São Paulo, importância capital. Admite-se, mesmo, que o fator "insegurança em relação aos malefícios da geada" poderá, se não nos prepararmos, estrangular o intento geral de fazer cafeicultura agronômica, intensiva, racional. Felizmente, o próprio caráter intensivo dessas nóveis culturas permite um contrôle razoàvelmente econômico e eficiente contra às geadas.

Como veremos adiante, há duas formas pelas quais a geada se apresenta e há também uma maneira básica de contrôle para cada uma delas, além de um conjunto de recomendações gerais que deve ser seguido qualquer que seja a sujeição da lavoura ao fenômeno (ou mesmo que determinado talhão seja julgado "não sujeito").

A defesa integral contra as geadas, incluindo a aplicação de métodos físico-químicos, imediatos, visando impedir a formação local do fenômeno, se justifica:

a) nos talhões mais baixos e reconhecidamente sujeitos às geadas;

b) nos melhores e mais produtivos talhões da propriedade, mesmo que venham se mostrando de pouca sujeição;

c) nas lavouras novas, formadas tècnicamente, qualquer que seja a sua situação topográfica.

A defesa contra os ventos frios ou ondas frias, que podem determinar as geadas pretas:

a) nos talhões de encostas expostas em direção sul ou sudeste;

b) nos melhores e mais produtivos talhões das propriedades;

c) nas lavouras novas, qualquer que seja sua exposição.

A aplicação de uma série de preceitos que objetivem dar aos cafeeiros maior resistência à ação deleteria do frio:

a) de um modo geral, em todos os cafèzais do Estado;

b) de um modo especial, nas lavouras de cultivo intensivo e racional.

No caso especial das lavouras formadas em nível, com variedades selecionadas e de acôrdo com as mais modernas normas de cultivo, seria verdadeiramente um contrasenso econômico deixar de aplicar toda e qualquer medida que possa conduzir à eliminação do menor malefício das geadas, mesmo o mais leve "chamuscamento".

Para que os métodos de contrôle sejam melhor compreendidos, faremos antes um resumo sôbre o fenômeno em si, sua origem, seus efeitos e as circunstâncias que o presidem.

AS FORMAS DE GEADA — FORMAÇÃO e MALEFÍCIOS

Diz-se que há geada, toda vez que a temperatura da camada de ar que envolve o solo e a planta atinge zero grau Contigrado, ou menos. Se o abaixamento da temperatura a esse limite implicar na condensação do vapor d'água existente no ar fazendo passar a "orvalho" e na solidificação deste, que passe a gelo (na prática, a transformação de umidade em cristais de gelo se faz de modo contínuo), tem-se a "geada branca". Se atingir-se o 0 C ou menos sem formação de gelo, surge a "geada preta", cujos efeitos para a planta são igualmente graves.

Geada Branca — Nas madrugadas absolutamente sem ventos, havendo certo teor de umidade no ar (chuvas mais ou menos recentes) e a temperatura atingindo 0° C, dá-se sôbre a superfície das plantas ou qualquer outro material exposto o "congelamento do orvalho", surgindo a geada branca. Trata-se, portanto, de um fenômeno local, explicado pelas seguintes circunstâncias:

a) Progressivo resfriamento do solo, que vai absorvendo continuamente calor da camada de ar envolvente; essa camada de ar mais fria é mais densa e desse modo aí permanece, esfriando cada vez mais, até propiciar o aparecimento da geada;

b) a falta de movimentação de ar concorre para o máximo resfriamento, por falta de novas camadas de ar que viessem funcionar como novas fontes de calor que o solo reclama;

c) o volume de gelo formado é maior ou menor, conforme o teor de umidade do ar, é mais difícil ocorrer geada quando é muito elevada a umidade ambiente, porém, quando ocorre, é mais grave. Sem embargo, apesar de não pròpriamente o gelo externo que afeta as plantas, não há duvida de que quanto maior o seu volume, mais duradouro e mais agressivo será o "frio" interno que traumatizará os tecidos vegetais.

d) o abaixamento da temperatura do ambiente é devido à perda de calor por irradiação — fato que se verifica sempre, o ano todo, a qualquer hora. Acontece que essa perda é normalmente compensada pela absorção dos raios caloríficos do sol, não atingindo baixas temperaturas. Quando há o desequilíbrio, isto é, quando o calor armazenado foi muito pequeno e a perda muito elevada (noites calmas) sobrevem a geada. Nas exposições sul ou sudeste é mais provável a ocorrência do fenômeno, por serem faces menos batidas pelo sol. Igualmente, as baixadas recebem, por gravidade, as camadas mais frias (que são mais pesadas) e também aí há maior frequência de geada branca.

Geada Preta — De tempos a tempos, ondas de frio intenso se deslocam (massas de ar frio) do sul do continente, invadindo as áreas cafeeiras do Paraná e São Paulo, varrendo-as literalmente. Pode, então, sobrevirviolenta queda de temperatura e ser atingida a temperatura extrema. Quando isso acontece, tem-se a geada preta ou geada negra, na qual não há formação de gelolo, mas os tecidos vegetais são altamente afetados, tanto mais quanto maior tempo permanece a temperatura a O° C ou abaixo desse limite. Trata-se, portanto, de um fenômeno geral, de formação, como se vê, não condicionada a fatores locais. As ondas frias podem propiciar ou preparar terreno para a posterior formação da geada branca, quando em junho, julho ou agôsto. E aparecem até em setembro ou outubro. Os seus prejuízos são, em regra, igualmente elevados para os cafèzais. Este tipo de geada é que dá a maior importância à escolha das faces norte ou noroeste, para o estabelecimento de lavouras de café.

Os Malefícios para a Planta — Forme-se ou não se forme gelo, toda vez que a temperatura atinge O° C, ou menos, verifica-se o congelamento de água nas células, nos espaços intercelulares, ficando os tecidos de certa forma turgidos, aparentemente indenes, até o descongelamento. Quando este sobrevem, acredita-se que por ação

meramente mecânica as paredes celulares são parcial ou totalmente destruidas, sobrevindo então os grandes estragos, às vêzes determinantes do parecimento da planta. A morte da vegetação pode-se dar tanto sob a ação de uma geada branca, como de uma geada preta. É mais iminente, porém, quando há gelo externo, porque este, ao se liquifazer, rouba calor da superfície vegetal, podendo determinar maior congelamento interno, na planta. Quando o dia imediato amanhece coberto, o descongelamento dos cristais que se formaram internamente nos tecidos vegetais, é lento, dando tempo para que as paredes celulares se refaçam, ao menos parcialmente. Os maus efeitos ficam menos evidentes. Quando,ao contrário, surge dia claro e ensolarado, tanto o descongelamento interno como o externo verificam-se rapidamente, sob a ação do calor absorvido dos raios solares — e é nestas condições que mais graves se tornam os maus efeitos da geada, para a planta. Essa suposição de que é o rápido descongelamento dos cristais de gelo formados nos tecidos vegetais que maior traumatismo acarreta, encontra também comprovação pelo fato de que quando se irriga, lavando, as plantas, antes do nascer do sol, os malefícios são menores. Porque o gelo externo é arrastado em sua maior parte, por ação mecânica da água, não se desfazendo sôbre a superfície vegetal, e deste modo não dando origem à maior cristalização interna, que logo em seguida haveria de entrar em liquefação, quase sem solução de continuidade nessas passagens de estado. Além disso, o que seria o principal, a elevação artificial da umidade local poderá concorrer para a formação de "cerração" mais duradoura, que retardará, por pouco que seja, o descongelamento que a insolação virá determinar, logo mais.

OS MEIOS DE CONTROLAR AS GEADAS

Contrôle das geadas brancas — Até o ano passado — ainda este, provàvelmente — muitos cafeicultores vêm-se utilizando de processos mais ou menos empíricos para controlar as geadas brancas. O mais comum é a abertura de valas ou buracos, ao longo da lavoura, prevendo-se um "foco" de calor e fumaça quente e úmida para certa porção de cafeeiros. O calor e fumaça são obtidos pela combustão lenta, em meio úmido, de toda sorte de matéria apodrecida, pneus, lixo, oleo queimado ou oleo cru, este para garantir e facilitar o pegamento do fogo. Outro sistema é a distribuição de numerosos focos de calor em latas ou fogareiros. Aparelhos produtores de calor e fumaça têm sido imaginados e postos em pratica. O objetivo evidente seria impedir que a temperatura caia a 0° C e se dê a geada, mercê de calor irradiante e de fumaça quente e úmida que possa melhor difundir esse calor. O princípio no qual se baseia é falho e a experiência tem demonstrado a pouco eficiência do sistema, considerado isoladamente. Além do mais, é oneroso, pouco prático, exigindo quantidade de mão de obra que poucos têm disponível no exato momento. O princípio é falho, porque todo calor produzido quando a temperatura está de 0° C, ou toda fumaça quente, não chega a irradiar-se num raio de ação razoável: simplesmente sobe com incrível rapidez, em decorrência da diferença de densidade. Forma-se uma corrente de ar quente ascendente, em espiral, deixando envolvendo a planta, quase sem se movimentar, a camada fria que se desejava aquecer. Novas camadas frias descem para estabelecer o equilíbrio de pressões — e como essas correntes descendentes são menos frias que a camada quase estática que envolve o solo, há realmente uma leve diminuição na velocidade de queda da temperatura, enquanto os focos perdurarem acesos. De duas uma: ou a geada ia ser naturalmente bastante fraca (e neste caso não se justifica o gasto com o processo), ou as condições são para forte geada que, neste caso, sobrevirá de qualquer modo, podendo no local "tratado" ser, quando muito, um pouco menos intensa, sendo bastante duvidoso que o sacrifício seja compensado por um prejuízo final problematicamente menor.

Para o contrôle eficiente deste tipo de geada, o princípio deve ser, não o de aquecer a camada fria envolvente, mas sim expulsá-la ou rarefazê-la, mercê da formação no local de uma camada gasosa naturalmente "pesada" ou densa devido à sua constituição química. Os nevoeiros artificiais e compactos que os norte-americanos utilizaram durante a última guerra, como medida de camuflagem militar, estão sendo empregados com este objetivo. Os compostos fumigenos ou nebligenos já se encontram no mercado, devendo no corrente ano ser experimentados em condições reais, isto é, em glebas do Paraná, no momento da provável ocorrência do fenômeno. A formação de uma nuvem de fumaça pesada e fria (fria, no caso, quer dizer que não é quente...) que permanecerá envolvendo as plantas por tempo mais ou menos longo

e em camada espessa, é a maneira mais promissora de evitar a ocorrência do fenomeno, como também, se este se formar (mais fracamente, no caso) a despeito dessa proteção, ficará ao menos garantido um lento degelo, por eliminação da insolação do nascer do dia. Urge, tão sòmente, que experiências controladas oficialmente sejam estabelecidas este ano, também em nosso Estado, para que se comprovem, sem deixar margens a dúvidas ou ao natural pessimismo dos lavradores, os seus mais do que prováveis bons resultados. O inimigo natural deste procedimento seria o vento — que não o há, no caso das geadas brancas. É preciso verificar, de outro turno, se a fumaça ou a neblina produzida permanecerão realmente sôbre o cafèzal por espaço de tempo igual ou superior a duas horas, quando em condições reais de combate, e até que ponto evitarão a queda da temperatura. Verdade é que já se efetuaram experimentos, em condições não reais, e os resultados foram bastante favoráveis, sob esses dois básicos aspectos. Quanto ao lado econômico, um ensaio realizado com um produto paulista — F. C. G., da Química Paulistana Icqua Ltda.) parece ter demonstrado que o custo do procedimento não excederá de Cr$ 0,20 por cafeeiro (sic). Se ficar a Cr$ 1,00, ainda será bastante econômico, em lavouras de alto rendimento e, portanto, alto valor, desde que haja margem de segurança quanto aos bons resultados.

O momento indicado para a aplicação do método será dado pelo termômetro, respeitadas as famosas e tão conhecidas "noites calmas e límpidas". Quando a temperatura chegar a + 1° C, será o momento de iniciar a combustão dos fumígenos. Outro indício de que vai giar é quando, por volta da meia-noite, o termômetro assinalar + 4° C, ou menos. A necessidade de mão de obra é mínima pois tudo se resumirá em distribuir os "cartuchos" ou recipientes contendo a mistura química e, no momento azado, atear a chama, que pode ser e de um simples palito de fósforo.

No caso de lavouras recém plantadas, a cobertura das (covas com arapucas e palha, se bem que não evite a geada, diminuirá os seus malefícios, porque não permitirá um rápido descongelamento. Essas coberturas, que sòmente são indispensáveis em glebas muito expostas aos ventos frios, encontram melhor justificação exatamente para a proteção contra êsses ventos frios.

Contrôle das geadas pretas — As medidas de contrôle das geadas pretas têm que ser tomadas a tempo, pois nunca se sabe exatamente quando elas vão ocorrer e, principalmente, porque a presença de ventos mais ou menos fortes torna impraticável qualquer metodo de ação local ou momentanea. Sabemos que, mesmo que não ocorra "geada preta", isto é, mesmo que a temperatura não alcance o 0° C, a ação das massas de ar frio é grandemente prejudicial aos cafeeiros, castigando os ponteiros, ramos e fôlhas novas. Portanto, a defesa contra êssa forma de geada se resume em opor obstáculo ao ingresso dos ventos na lavoura. A melhor e mais prática defesa é a escolha adequada da face do terreno. Não obstante a rigor, isto já não é mais possível em São Paulo, quando se cogita do estabelecimento de novas lavouras, pois a maior parte das boas exposições está tomada com os velhos cafèzais.

A instalação de "quebra-ventos" convenientemente distribuidos constitui, como se sabe, a maneira indicada de combater geadas pretas. A questão está na escolha da árvore, para esse fim, desde que o eucalipto — o melhor quebra vento, do ponto de vista mecânico — provou ser absolutamente inadequado, pelos malefícios que ele próprio acarreta aos cafeeiros numa extensão cêrca de duas ou três vêzes a sua altura. Oferecem-se hoje, aos lavradores, as seguintes possibilidades:

a) O simples plantio "em nível", conforme a conformação do terreno, e uma vez que se procure formar a lavoura em renque (espaçamento 2,5 x 3,5), pode, em muitos casos, constituir-se em poderosa defesa contra os ventos. Com efeito, as linhas mais ou menos compactas de cafeeiros, em direção sinuosa, funcionam como pequenos anteparos, não permitindo que a massa de ar frio forme correntes contínuas e agressivas dentro da lavoura. É óbvio que algumas linhas mais externas, do lado sul, ou segmentos de renques, em pontos diversos dentro do cafèzal, serão mais afetados, porém, em benefício da maior parte da lavoura.

b) Em lavouras novas, até 4 anos (são estas as que mais sentem os ventos frios) é aconselhável a intercalação massiça, em plantio tardio, de uma leguminosa erbácea, de porte relativamente alto (v. g. crotolária juncea ou paulina), que será ceifada e enterrada em outubro.

c) A interposição, em direção que aproximadamente "corte" a direção dos ventos predominantes, de cada 50 ou 60 metros dentro da lavoura, de uma linha de leguminosa arbustiva (guandu ou ingàzeiro).

d) No caso de plantio em derrubada de mato (muito raro, em São Paulo, porém comum no Paraná), conservar, do lado sul um capão de mato, ou, melhor ainda, conservar uma faixa de mato envolvendo toda a lavoura.

e) A escolha de quebra-ventos pròpriamente ditos, não podendo recair no eucalipto, deve ficar entre: cipreste, pinheiro das caraibas, ou outra essência de fôlhas perenes, que atinja grande altura e que não apresente desenvolvimento muito lento. Neste caso, do lado do cafèzal, deve ser construido uma vala de certa profundidade e largura, que impeça a concorrência prejudicial dessas árvores, para os cafeeiros.

Nenhum desses procedimentos é totalmente eficiente para a completa defesa contra as geadas negras, mas não há dúvidas de que controlando e "amortecendo" os ventos, todos concorrerão expressivamente para diminuir os efeitos ruinosos que elas possam determinar. Acresce considerar que os cafeeiros (como, de resto, as plantas em geral) resistem bem melhor ao frio intenso, mesmo a temperatura de 0º C, quando não há ventos.

MEDIDAS COMUNS DE CONTRÔLE DAS GEADAS

Visando combater, ao mesmo tempo, tôda e qualquer forma de frio que possa afetar economicamente os cafèzais, aconselha-se a adoção de uma série de medidas preventivas ou preparatórias, cujo objetivo é conferir às plantas maior resistência às baixas temperaturas. São medidas por assim dizer circunstanciais e aplicáveis na generalidade dos casos, entre nós:

a) Utilizar-se, na maior escala, das leguminosas como "adubo verde", com a finalidade de aumentar o teor em matéria orgânica do solo e desse modo propiciar aos cafeeiros maior vigor vegetativo.

b) Valer-se, mais intensivamente, das adubações fosfatadas e potássicas, especialmente destas, pois esse elemento (potássio) preside à formação em maior proporção de hidrocarbonados que conferem aos tecidos vegetais maior resistência ao frio intenso.

c) Para as novas lavouras em zonas de maior sujeição, valer-se de variedades selecionadas, de maior resistência natural ao frio. A variedade Mundo Novo tem-se destacado como bastante resistente.

d) Não proceder indiscriminadamente a podas no cafeeiro (a não ser a simples retirada de ramos ou galhos secos), pois qualquer brotação ou vegetação nova é bem mais sensível às baixas temperaturas.

e) Proteger as replantas ou covas recém-plantadas com "casinhas" de taquara e coberta de palha, durante a primeira estação hibernal, ou mais economicamente — com vegetação cerrada de crotelária juncea, adrede semeada nas imediações da cova ou com "canas" de milho e outros restos vegetais, que parecer mais prático, em cada caso).

f) Segurar, por todos os meios, a água das chuvas junto ao pé de café e diligênciar para que a umidade do solo seja conservada, plantando em linhas de nível, ou estabelecendo cordões em contôrno, bacias ou banquetas individuais e promovendo o "forrageamento" do solo, com restos vegetais trazidos de fora ou pela ceifa local dos adubos verdes. Eliminar toda e qualquer cultura intercalar de cereais.

Esses preceitos se baseiam em que, cafeeiros bem nutridos e, assim, mais vigorosos, dispõem de condições orgânicas adequadas que lhes dão bem maior resistência ao frio rigoroso. E cafeeiros vigorosos terão, de outro turno, condições orgânicas para a rápida recuperação, se, apesar de todos os nossos esforços, vierem a ser afetados pelas geadas.

RESUMO E CONCLUSÕES

1.º — O problema das geadas, em São Paulo, assume atualmente maior significação que no passado, pelo fato de que novas e mais promissoras lavouras que tècnicamente se vão implantando já não dispõem de altitude e face de exposição que as tornem de pouca sujeição ao fenômeno. E essas lavouras são a maior garantia para a indispensável produção de cafés finos, de alto rendimento agrícola e a baixo custo de produção.

2.º — Bem compreendido o que é "geada" e circunstanciado o surgimento de cada uma de suas formas, oferecem-se, hoje, aos lavradores dois métodos racionais e econômicos de combate: o emprêgo de preparados químicos fumígenos ou nebligenos, para o contrôle de geada branca, e a utilização de "quebra-ventos" e plantio em renque e em nível, para as geadas negras.

3.º — Frisa-se, também, que não é sòmente uma medida momentanea ou artificial, que há de controlar eficientemente as geadas: é mister a adoção fiscal, que há de controlar eficientemente as geadas: é

mister a adoção de um conjunto de preceitos técnicos que objetivem dar aos cafeeiros maior resistência ao frio, dentre estes a adubação verde, a conservação da úmidade no solo e fortes adubações potássicas.

4.º — Sugere-se, igualmente, que, na oportunidade que se aproxima, sejam levadas a efeito, oficialmente, experiência que possam averiguar a eficácia real (que se afigura tècnicamente muito provável) dos preparados produtores de densa nuvem, que o mercado oferece. Principalmente no sentido de vencer o natural pessimismo dos cafeicultores.

5.º — Calcula-se que, em nosso Estado, não mais do que 20% das antigas lavouras e mais ou menos 80% das novas, estão por merecer a adoção integral de todos os meios artificiais e naturais de combate às geadas, fato que torna bastante razoável o emprego generalizado de todas essas medidas.

6.º — Procurou-se demonstrar, a seu tempo, que as medidas artificiais e momentâneas de combate à geada branca que até aqui vêm sendo empregadas (fontes de calor irradiante e de fumaça quente), são empíricas, não se estribam em princípios corretos e daí o pouco entusiasmo que a elas se devota, em face dos seus resultados mais que duvidosos. Além do que são, mesmo, inexequíveis, para extensão de cafeeiros que escape à de pequenos talhões ou pequenas lavouras.

É bem possível que, a se comprovarem os bons resultados dos preparados químicos produtores de fumaça pesada e espessa e com a utilização de quebra-ventos e medidas "preparatórias" para o maior vigor dos cafeeiros, em futuro muito próximo as geadas venham a ocupar lugar de bem menor destaque, como fator de medos e preocupações, no seio da lavoura cafeeira de São Paulo.

O CAFÉ SELVAGEM DA ABISSÍNIA

ALCIDES CARVALHO

Houve época em que se pensou que o café cultivado no Brasil se originaria na Arábia. O seu próprio nome Coffea arábica — faz lembrar essa origem, a qual não foi confirmada quando os botânicos iniciaram estudos da flora abissínica. Hoje é tido como certo que o café Arábica originou-se no sul da Abissínia.

Restava, no entanto, determinar quais os tipos que aí ocorrem, pesquisa interessante e sobretudo útil.

Como parte do programa de assistência aos países subdesenvolvidos a FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) nestes últimos anos passou a se interessar pelo desenvolvimento econômico da Abissínia e, como consequência, pelo estudo das variedades de café aí existentes, de suas possibilidades, do melhoramento dos métodos culturais, enfim, pelo aumento da produção de café e melhoria do nível de vida da população. Para dar início ao programa de trabalhos traçado, para lá enviou vários técnicos, entre os quais o dr. Pierre Sylvain, especialista em filosofia vegetal e que há tempos vem realizando pesquisas junto ao Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas de Turrialba, em Costa Rica. Este técnico efetuou numerosas excursões pelas províncias onde o café é nativo e procurou dar um balanço geral dos vários tipos encontrados. O seu trabalho, de grande atualidade, acaba de ser divulgado na revista Turrialba.

O atual império da Etiópia compreende regiões muito variáveis do ponto de vista ecológico, desde as desertas do oriente, com temperaturas muito elevadas e altitude às vêzes inferior à do nível do mar, até as partes montanhosas do norte, frequentemente cobertas de neve e as florestas tropicais do sudoeste, com queda pluviométrica elevada. Esta variedade de climas explica porque a Abissínia é ao mesmo tempo pátria do café Arábica, planta tropical ou subtropical e também de vários tipos de trigo, cevada e aveia, consideradas de clima temperado.

Segundo Sylvain, hoje em dia é difícil decidir-se sôbre o que se pode considerar como "café selvagem", pois há sempre possibilidade dos conjuntos de plantas encontradas representarem restos de antigas plantações feitas pelo homem, as quais reverteram ao estado selvagem ou semiselvagem. Pode-se todavia afirmar que as florestas onde há café considerado como nativo se estendem entre as latitudes de 6 a 9.°N e longitudes de 34 a 40.°E, com 1 600 a 2 000 m de altitude, nas províncias de Wolloga, Ilu-Babor, Jimma, Gamu, Gofa e Harar. Nesta região a temperatura, média se aproxima a 20°C, com pequenas variações nas estações e grandes variações diurnas. Ocorre um período de sêca de 3 a 4 meses e as chuvas alcançam de 1 600 a 2 000 mm anuais. Os solos são de origem vulcânica e, os mais comuns, são argilosos, vermelhos e pardos, muito profundos. Amostras tiradas nas florestas onde o café parece ser nativo, deu pH variando de 5,4 a 6,0, o que pode indicar que o café arábica se originou em solos ácidos.

Entre as espécies associadas com o café destaca-se a albizzia e Cordia, embora outras pertencentes a generos diversos sejam também encontradas. Convém salientar que a espécie Cordia abyssínica já é usada para sombreamento na África Oriental Inglesa.

Quanto á densidade do café selvagem, às vêzes encontram-se várias plantas por metro quadrado e, outras vêzes, poucas plantas por hectare. Onde a floresta é virgem, é bem cerrada e os pés de café atingem altura de 4 a 5 metros e até 7 metros de diâmetro de 10 a 18 m, tendo-se encontrado um tronco com diâmetro 48 cm. A produção é pequena. A dispersão da espécie é em parte feita pelos vários tipos de macacos encontrados nessas florestas.

Comparando a situação do café salvagem com o cultivo, vê-se que este se estende por regiões ecológicas mais diversas do que na Etiópia. Isto talvez seja devido à ocorrência de pragas e moléstia na Etiópia como a ferrugem, a qual dizima o café de altitude inferior. Também é provável que durante os séculos de cultivo as variações genéticas obtidas tenham permitido a adaptação da espécie a novas regiões ecológicas.

Embora alguns botânicos tenham mencionado a ocorrência de outras espécies de café na Abissínia, Sylvain assegura que sòmente encontrou exemplares de "*Coffea arábica*, pertencentes a vários grupos e plantas de outros gêneros próximos ao café.

A fim de estudar os vários tipos de café Sylvain coletou sementes e plantou-as em coleção a fim de eliminar futuramente a variação das localidades. Foram provisòriamente agrupados com as seguintes denominações: S. 2 — Ennarea ou Ennaria; S. 3 — Jimma, S. 2 — Kaffa e Anfilo; S. 4 — Agarro ou Agaro; S. 6 — Cioccie; S. 17 — Irgalem; Dilla; S. 8 — Tafari — Kela; S. 9 — Arba Gougou red tipped; S. 10 — Harrar ou Harar; S. 13 — Zeghie; S. 14 — Loulo; S. 15 — Wolkite ou Uolchitte; S. 16 — Wollamo.

O tipo S. 3 é o que mais se parece com a var. abyssinica, descrita por Chevalier e considerada por êsse autor como predominante no país. Tem brotos verdes e frutos grandes. Os tipos S3, S12 e Anfilo foram agrupados por serem semelhantes e, na opinião de Sylvain, constituem o tipo mais primitivo de café arábica. Tem cálice mais desenvolvido e persistente até a maturação do fruto, embora de dimensões menores do que o nosso café Goiaba. Os brotos são verdes e os frutos de tamanho médio. Os tipos S4, S6, S7 e S8 são menos comuns. O S9 aparentemente corresponde ao café conhecido entre nós como Café Roxo — (var. purpurascens) e o S10 é uma das variedades de maior interêsse econômico e cultivado em Harar. Os demais grupos são de menor interêsse.

O grupo Jimma-Kaffa (S2) além de ser o mais comum em todas as florestas abissínicas, é o de maior interêsse para os estudos da evolução da espécie *C. arábica*, por parecer o mais primitivo. Além de ter o cálice persistente e brotos verdes, assemelha-se mais ao café Bourbon (var. bourbon) do que ao Nacional (var. tipica), a julgar pelas dimensões das fôlhas.

Quanto à resistência à Hemileia, algumas das seleções feitas por Sylvain e estudadas em Portugal, se vêm mostrando altamente resistente a quase todas as linhagens de ferrugens conhecidas.

Embora estes estudos sejam de inestimável interêsse para os que se dedicam ao estudo do cafeeiro, convém lembrar que o melhor conheci-

mento das variedades abissínicas, de sua produtividade, resistência a pragas e molestias, permitirá, num futuro próximo, que surja mais um poderoso concorrente do Brasil em matéria de café e, neste caso, com um agravante, por se tratar da própria região de origem do café. Alguns dos numerosos tipos encontrados poderão ser de alta produtividade e muito bem adaptados, pois já estiveram por longo tempo sujeitos â ação contínua da seleção natural.

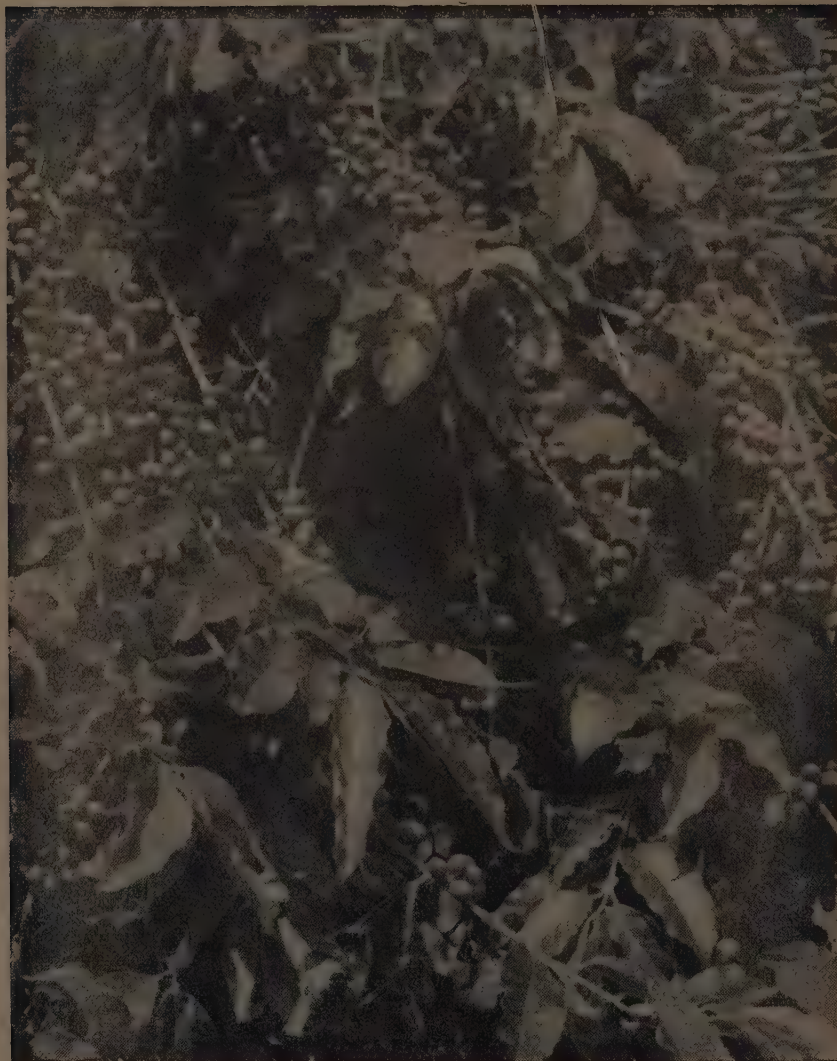
Entre nós é preciso que não haja impedimentos na ampliação dos trabalhos experimentais com o cafeeiro a fim de se poder dar normas cada vez mais acertadas, as quais, favorecendo obtenção de colheitas mais abundantes, permitirão aos lavradores fazer face a essa futura concorrência pelo mercado internacional.

PREPARO DO CAFÉ

O Serviço de Divulgação Agrícola da Divisão de Fomento da Secretaria da Agricultura vem prestando conselhos aos lavradores sôbre a melhor maneira de prepar o produto, de acôrdo com a sugestão da Secção de Café dessa Divisão. Assim, esclarece aos agricultores de que há necessidade de melhorar o sistema de colheita, fazendo-a no pano ou em cestos e colhendo apenas o café cereja. O café cereja, como se sabe, é materia-prima para se obter café de boa qualidade. Lembra ainda que o café colhido não deve ficar fermentado na roça e que se deve proceder o seu levantamento no mesmo dia de colheita. Finalmente preconiza que não se deve misturar o café colhido com o de derriça.

O café da Angola nos Estados Unidos

Sabe-se que Portugal tem se preocupado ùltimamente em aumentar a exportação do café de Angola para os Estados Unidos. A exportação iniciou-se há pouco, sendo vendidas em 1947, cêrca de 200.000 sacas. Já em 1955 os Estados Unidos importaram cêrca de 600.000 sacas, o que corresponde a 3% do consumo norte-americano. Vê-se, pois, que o café aos poucos vai sobrepujando os outros produtos como cortiça, vinhos da Madeira etc., que Portugal costumava exportar aos Estados Unidos. Ao que parece os produtos portugueses estão agora sendo "descobertos" pelos Estados Unidos, pois até a música popular portuguesa está a fazer sucesso nesse país, a julgar pelas informações do "A Província de Angola".

(De "O Estado de S. Paulo", 9-5-56)

Resumos e Transcrições

SUMATRA E MUNDO NOVO

H. ANTUNES FILHO

ESTAMOS AGORA em plena época de preparo de sementes de café para plantio. Nas Estações Experimentais procede-se à colheita de frutos maduros nos diversos "campos de aumento" formados com as linhagens selecionadas de café Mundo Novo, Bourbon Amarelo, Bourbon Vermelho, Caturra Amarelo e Caturra Vermelho. Nas fazendas particulares organizadas para a produção de sementes já se iniciou também o preparo do café despolpado para entrega imediata aos interessados. Os compradores, por sua vez, encaminham os seus pedidos aos produtores particulares ou ás dependências do govêrno estadual. No que diz respeito á preferência por esta ou aquela variedade, tudo indica até agora uma tendência igual á que se verificou no ano passado: grande procura de café Mundo Novo, e relativo desinteresse pelas demais variedades. Assim sendo, achamos oportuno insistir, uma vez mais, sôbre a natureza das variedades conhecidas pelos nomes de Sumatra e Mundo Novo. Sabendo a origem destas duas variedades comerciais terão os interessados elementos para distinguir, na maioria das vêzes, entre Sumatra e Mundo Novo, e para não comprar uma variedade pela outra.

ORIGEM DO CAFÉ SUMATRA

Segundo informações coligidas há cêrca de vinte anos, o café Sumatra entrou em São Paulo no ano de 1896, quando a firma Fonseca Costa & Cia. recebeu da ilha de Sumatra uma partida de sementes de café, parte das quais foi empregada na formação de 1.000 pés numa chácara de Barra Bonita. O restante das sementes foi plantada na Fazenda Monte Belo, hoje Santa Ernestina, situada também no município de Barra Bonita, e onde foi plantado o talhão "Rocinha", com cêrca de 15.000 pés provenientes das sementes importadas. Utilizando-se de sementes produzidas na chácara, por volta de 1903, o sr. Salvador Toledo Piza plantou 18.000 cafeeiros numa fazenda em Agúdos (Fazenda Santa Rita). Entusiasmado com as enormes produções da lavoura de Agudos, o sr Toledo Piza levou o Sumatra para as suas novas plantações da Noroeste, de onde essa variedade, que conserva ainda o nome primitivo de Sumatra ,se disseminou para outras regiões do Estado de São Paulo e Paraná.

As pesquisas efetuadas em Campinas mostraram que o Sumatra é praticamente idêntico ao café Nacional ou Comum, com o qual se assemelha bastante do ponto de vista morfológico, diferindo apenas por ser mais produtivo. Num ensaio comparati-tivo de variedades, plantado em 1931 na Estação Experimental de Campinas, verificou-se, ao cabo de 16 anos de produções consecutivas, que o Sumatra produziu 30% a mais que o Nacional, não tendo, porém, sobrepujado as variedades Bourbon Amarelo e Vermelho.

Durante vários anos realizaram-se estudos comparativos de progênies derivadas do café Sumatra e de outras variedades comerciais. Foram marcados, para esse fim, em 1935 e em outras ocasiões, diversos cafeeiros representativos da variedade impor-

tada, na zona de introdução, isto é, na própria Fazenda Santa Ernestina e ainda nas plantações subsequentes feitas pelo sr. Salvador Toledo Piza. O resultado desses estudos veio confirmar o que já indicava o Ensaio de Variedades: o Sumatra, apesar de ser mais produtivo que o nacional, é evidentemente inferior ás melhores linhagens de Bourbon Vermelho. Não obstante, foram selecionadas algumas das plantas encontradas entre as melhores progenies, a fim de preservar esse valioso patrimônio, que possìvelmente figurou de modo preponderante na gênese do café Mundo Novo.

No que concerne ao café Mundo Novo, são infelizmente menos precisas as informações relativas á sua origem. O ancestral mais antigo que pôde ser encontrado na árvore genealógica dessa importante variedade é representado por uma plantação existente no bairro de Campos, em Mineiros do Tietê. Este cafèzal foi plantado por volta de 1911, com sementes tiradas de uma planta excepcional que existiu outrora á beira de um correador, em um sitio que se chamou Santa Terra, localizado no bairro Santa Terra, também em Mineiros. A despeito dos esforços para se localizar esse cafeeiro, foi impossível encontrar quem o tivesse visto, ou alguém que pudesse explicar a origem desta planta legendária e informar sôbre as sementes que haviam dado origem ao cafèzal onde ela se encontrava. De 1911 para trás, a história do Mundo Novo continua sendo um misterio sôbre o qual podemos quando muito fazer conjecturas e hipóteses que talvez nunca venham a ser comprovadas.

De 1911 para diante, todavia, já não é tão obscura a genealogia do café Mundo Novo. Sementes produzidas na primitiva plantação de Mineiros, cujo proprietário, até 1948, era o sr. Luiz Luppi, foram levadas em 1928 e em 1930 para formar duas outras lavouras nas vizinhanças de Mineiros do Tietê, de propriedade respectivamente dos srs. Gregorio Santilli e Filomeno Bruno de Melo. Existem talvez outras fazendas com talhões formados a partir das mesmas sementes. As duas mencionadas, contudo, representam gerações mais avançadas do café que mais tarde veio a ser chamado Mundo Novo.

Chegando ao ano de 1928 a história do café Mundo Novo nos conduz a outro cenário, ou seja, ás cercanias da cidade de Urupês, que até há poucos anos se chamou Mundo Novo, situada na região Araraquarense do Estado de São Paulo. Nesta localidade encontra-se um sítio conhecido pelo nome de Brumado, cujo proprietário, em 1946, ocasião em que foi visitado por um agrônomo, era o sr. Mariano La Bander. Havia, há muitos anos, no sítio Brumado, um cafèzal formado com sementes vindas de Mineiros do Tietê. É provável que não existam mais os cafeeiros deste sítio, pois em 1946 já estavam abandonados. Esta plantação, porém, constituiu o nucleo inicial do café Mundo Novo na região Araraquarense. Foi desses cafeeiros que sairam as sementes para formar as conhecidas lavouras dos srs. Luiz Crivelaro e Pedro Mazzaro, em Urupês, as quais, por sua vez, representam as matrizes de numerosas plantações de café Mundo Novo, entre elas podendo ser citadas, por serem as mais conhecidas, as da família Zancaner e a do sr. Antônio Stoco, em Catanduva, além das que se encontram em vários sitios daquela região do Estado de São Paulo e também do Paraná, para onde essa variedade foi levada com o nome de Sumatra de Ponteiro Branco.

A última fase da evolução do café Mundo Novo processou-se há poucos anos. Em 1943 um grupo de técnicos visitou a plantação do sítio Aparecida, que pertencia ao sr. Luiz Crivelaro. Entre alguns milhares de plantas, dezoito foram escolhidas para se dar início ao estudo acurado dessa variedade. As sementes colhidas nesses dezoito cafeeiros foram semeadas separadamente e plantadas em forma de progênies em cinco Estações Experimentais, em 1944. Após alguns anos de observações durante os quais se tornou evidente a excelência desses cafeeiros praticou-se a seleção dos indivíduos mais produtivos e que não apresentassem o defeito de ter muitos frutos com lojas vazias (sementes chochas). Foi a partir dessas dezoito progênies, que receberam os números de P 374 a P 391, que se isolaram as linhagens selecionadas de café Mundo Novo, ora em franca distribuição nos Estados de S. Paulo e Paraná. Outra série de seleções foi realizada em 1952, quando se marcaram para estudo do progênies mais 87 cafeeiros cuidadosamente escolhidos em várias plantações de café Mundo Novo da região Araraquarense. As novas progênies encontram-se em estudo em seis Estações Experimentais e em uma fazenda particular do município de Campinas, em confronto com outras seleções, desta e de outras variedades comerciais.

QUE É CAFÉ MUNDO NOVO

Diante da exposição feita, conclui-se que o café conhecido hoje por Mundo Novo originou-se na mesma região onde foi introduzido e cultivado o verdadeiro e primitivo Sumatra. É provável que o Mundo Novo tenha nascido de um cruzamento natural entre plantas de Sumatra e Bourbon Vermelho, pois seguramente houve oportunidade para que se desse tal hibridação, uma vez que as duas variedades existiram juntas em Barra Bonita. Uma hipótese alternativa é a de que o Mundo Novo foi importado com o próprio Sumatra, que a sua evolução, marcada pela existência de tipos de plantas como as que são encontradas nos sítios de Mineiros, de Urupês e de Catanduva, seja o produto de seleções praticadas pelas pessoas que durante as várias gerações do Café Mundo Novo escolheram plantas mais produtivas e mais vigorosas para fazer replantas ou para iniciar plantações novas.

A suposição de que o Mundo Novo resultou de um cruzamento natural nada tem de desabonadora, em que pese a opinião dos que possam alimentar preconceitos contra "hibridos". Foi de híbridos naturais, com toda certeza, que surgiram o Bourbon Amarelo e o Caturra Amarelo, não havendo quem oponha restrições a essa origem espuria. Quando se diz que o Mundo Novo resultou de cruzamento, quer-se apenas dizer que o seu ancestral mais remoto era híbrido. Isso, porém, passou-se há tantos anos, que tem hoje importância secundária, em nada afetando as inegáveis qualidades da variedade selecionada. Basta percorrer qualquer dos "campos de aumento" das Estações Experimentais ou as plantações de café Mundo Novo, em propriedades particulares para nos certificarmos que essa variedade é hoje tão uniforme quanto se pode exigir de qualquer café.

A confusão que às vêzes se nota, entre Sumatra e Mundo Novo, resulta em parte dos nomes aplicados à segunda destas variedades. Para que haja maior clareza na designação das variedades comerciais de café, convém chamar "Sumatra" apenas aos derivados puros do café introduzido em 1896 e propagado por Salvador Toledo Piza. Talvez convenha cha-

mar "Mundo Novo de Mineiros" ao café derivado das plantações de Luiz Luppi, Gregorio Santilli. Filomeno Bruno de Melo, e de outras em condições anàlogas. Ao café cultivado em Urupês e em Catanduva e aos seus derivados não selecionados, é melhor dar o nome de "Mundo Novo não selecionado", para distinguir do Mundo Novo que emanou dos trabalhos de seleção e melhoramento. Devem ainda ser abolidos do uso os nomes de Sumatra ou de Sumatra de Mundo Novo, quando aplicados ao café Mundo Novo, bem como a corruptela "Chumati", o pseudonimo "Café Urupês" e o nome de "Sumatra de Ponteiro Branco".

Ao adquirir sementes para plantio, procure o cafeicultor saber a origem do cafèzal que as produziu. Será facil, assim, saber se se trata de Sumatra, de Mundo Novo não selecionado, ou se é realmente o Mundo Novo derivado das seleções feitas pelo Instituto Agronômico.

(De "O Estado de S. Paulo", 23-5-56)

Herbicidas em Cafèzais

R. FOSTER

"A procura de métodos eficientes no combate a ervas infestantes, em dada cultura, é assunto ao qual, há muito tempo, dedicam sua atenção tanto os técnicos nas pesquisas de produtos eficientes, quanto os lavradores, imediatamente interessados na melhoria de sua tarefa, qual seja, a de ter às mãos processos mais fáceis e econômicos para o trato cultural. Essa atualização de métodos processa-se sempre que surgem novos produtos químicos com especificações adequadas ao problema, ou modelos renovados de máquinas agrícolas, que pretendam resolver, em melhores condições, um problema velho.

Nos últimos anos, apareceram no mercado diversos herbicidas, cuja aplicação em lavouras de café tem sido já experimentada com sucesso. O primeiro deles, o 2,4-D, é o herbicida de mais largo uso na lavoura, em virtude da sua eficiência, da sua amplitude técnica, do baixo preço e facilidade de aplicação. Experimentado em cafèzal a viabilidade de seu emprêgo foi demonstrada em primeiro lugar, pelo fato de o cafeeiro não ter sido prejudicado a ponto de afetar sua produção, mesmo quando adotado em concentrações elevadas. Naturalmente, deve ser usado quando as ervas más não pertencem ao grupo das gramíneas ou capins perenes, que são resistentes. O 2,4-D pode ser aplicado tão logo tenham ocorrido as primeiras chuvas no início do ano agrícola, quando as ervas más iniciam sua germinação. A essa altura, a redução de mato é sensível; mesmo não sendo total, vem facilitar largamente o trato mecânico ou manual posterior.

O segundo herbicida experimental, o T. C. A., age pelas raízes das plantas, prejudicando-as de tal modo que as ervas más não se desenvolvem. Justamente por essa característica, sua adoção é restrita em cafèzais. O. T. C. A. mostra-se eficiente contra as gramíneas, e pode ser empregado em conjunto com o 2,4-D. Dessa maneira, a combinação de ambos visa atingir os dois grandes grupos nos quais podem ser separadas as ervas daninhas, a saber, gramíneas, por um lado, atacadas pelo T. C. A. e não gramíneas, atingidas pelo 2,4-D. A aplicação de ambos faz-se com água, utilizando os pulverizadores conhecidos, motorizados ou não, preferìvelmente munidos de bicos de jacto leque, que possibilitam melhor cobertura da superfície". —

PREPARO DO CAFE'

ALCIDES CARVALHO

Já se tem pedido a atenção dos lavradores, neste Suplemento, sôbre a necessidade de preparar melhor o nosso café. Recentemente, o setor de Catanduva iniciava essa campanha, a qual provàvelmente será seguida por outras regiões cafeeiras.

Não é novidade que todo o café maduro da espécie *C. arábica,* quando bem preparado, dá café de boa qualidade, independentemente da região, clima e solo. Desse modo, o problema do bom preparo se resume em seguir umas tantas regras que já se acham estabelecidas. Essas regras foram repetidas vêzes discutidas pelo eng. agr.. André Tosello, que se vem dedicando a esse importante setor da tecnologia.

O preparo do café compreende várias operações, desde a colheita até o benefício, e é um dos principais responsáveis pelo tipo e bebida do café. Duas são as maneiras de se preparar o café. Uma delas, por via úmida, emprega o despolpador. Entre nós o despolpamento poderá ser feito nos cafèzais pequenos, em regiões onde haja abundância de água e onde se verifique um amadurecimento mais desigual e prolongado. É sempre aconselhável este processo, pois no geral redunda em tipo de boa qualidade.

Mas é o preparo por via seca que predomina entre nós, produzindo o café em côco. É sabido que também por este processo pode-se obter bebida e tipo de ótimas qualidades.

A colheita bem feita é decisiva na qualidade do café e daí a necessidade de se preconizar a colheita no pano de apenas os frutos secos e maduros. Tolera-se a derriça no chão nas regiões de solo arenoso, de clima seco e quente, onde quase todos os frutos secam na própria planta. Deve-se, no entanto, limpar muito bem o chão antes da derriça, procurando derriçar apenas os frutos secos e maduros. Deve-se levantar o café no mesmo dia da derriça e transportá-lo para o terreiro.

Uma das máquinas que presta excelente serviço no melhor preparo, principalmente nas regiões de solo arenoso e massapé, é o seletor. Essa máquina recebe o café da roça e separa as impurezas como terra, paus, folhas, cafés chochos, casquinhas, broqueados etc. O café é separado também em dois lotes — o *leve* constituido por cafés mais secos e o *pesado,* constituido pelos cafés cereja, passa e verde. Cada um desses lotes precisa ser conservado separadamente na secagem, operação que pode ser feita em terreiros de tijolos ou

secadores. Nas regiões de cafés finos ou neutros, pode-se usar o terreiro de tijolos e, tendo o café passado pelo seletor, é claro que ao lote pesado deverá ser dada maior atenção. Deve-se esparramar o café logo que sair do seletor principalmente em camadas finas com constantes revolvimentos. À medida que perdem umidade as camadas poderão ficar mais espessas sendo amontoadas e cobertas com encerado ao anoitecer. No fim da secagem o café é amontoado com mais frequência para uniformização. A umidade final do fruto não deve exceder de 20%.

Nas regiões de cafés duros ou tipo Rio, pode-se dar preferência a secadores, principalmente os de ar quente que não contém produtos de combustão de fornalha. O café é aí mantido até apresentar umidade inferior a 20%. A secagem é feita de uma só vez ou parceladamente, conforme o produto inicial fôr homogêneo ou heterogêneo.

O café em côco não pode ser armazenado com mais de 20% de umidade, pois o benefício seria dificultado. Os cafés *pesados* e *leves* provenientes dos seletores deverão também ser armazenados separadamente em tulhas abrigadas do sol, de chuva e de preferência revestida de madeira.

O benefício é facilitado quando o café contém de 13 a 17% de umidade. Os cafés de colheita por derriça no chão requerem máquinas de benefício providas de catadores de pedras.

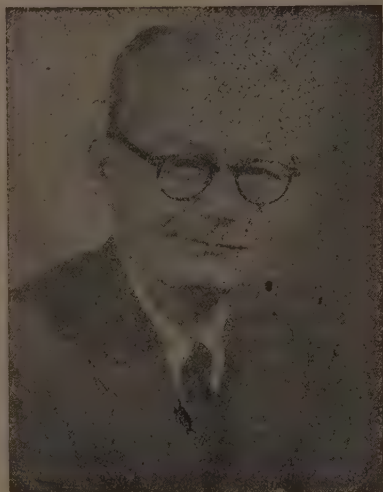
No geral o café preparado com auxílio do seletor e de boa máquina de benefício não exige o rebenefício, operação que tem por fim melhorar o tipo. Nas regiões de terra roxa, onde o café beneficiado vem acompanhando de pequenos torrões é aconselhável o uso de separadores magnéticos ou do tipo "airfloat".

Resumidamente, são esses os cuidados que se devem tomar para obtenção de café de bom aspecto e boa qualidade.

CAMPANHA DO BOM CAFÉ

A DIVISÃO do Fomento Agrícola, por intermédio da Secção de Café, está empenhada na melhoria do nosso produto. Assim, aconselha que se use o lavador ou seletor para separar as impurezas. Nas zonas de terra roxa, a limpeza deve ser feita com lavadores e, nas terras massapé e arenosa, a limpeza e classificação podem ser feitas com o seletor.

UM GRANDE AMIGO DO BRASIL NA PRESIDÊNCIA DA NTERNATIONAL STANDARD BRANDS, INCORPORATED

Vem de ser anunciada pela Standard Brands, Incorporated, a nomeação do Sr. Cecil L. Hudnall para a presidência da International Standard Brands, inc., em substituição ao Sr. William L. Cunliffe que passou a exercer o cargo de presidente da Junta Administrativa da referida emprêsa. O Sr. Hudnall que já inúmeras vêzes nos visitou, tendo firmado em nosso país sólidas amizades, especialmente nos altos círculos ligados à produção e à exportação de café, atinge assim o ponto culminante de sua carreira. Quando da fundação da Standard Brands, em 1929, o Sr. Hudnall foi enviado a Chicago a fim de se especializar em moagem e beneficiamento de café. Após completar seus estudos, voltou para Los Angeles, como gerente da fábrica do café "Chase & Sanborn", onde teve oportunidade de pôr em prática os conhecimentos que adquirira. Em 1937 foi transferido para o Departamento de Café da Companhia, em São Francisco, como gerente-assistente. Um ano mais tarde, tornava-se chefe do referido Departamento. Em 1948 foi nomeado gerente da Divisão de Compras de Café e Chá em Nova York, chegando a adquirir, nessa época, nosso principal produto de exportação, em quantidades que alcançaram a cifra de 40 milhões de dólares. Em 1953 foi designado para o cargo de chefe da Divisão de Importação, onde permaneceu, como gerente, até sua recente promoção para a presidência da International Standard Brands, Incorporated.

SR. CECIL L. HUDNALL

BRASIL: Café nos portos de exportação

Damos abaixo o café em estoque nos portos brasileiros de exportação em 10 de março de 1956 e em 10-3-955:

Sacas	*10-3-956*	*10-3-955*
Santos	2.648.000	1.996.000
Rio	390.000	329.000
Vitória	84.000	132.000
Paranaguá	2.172.000	387.000
Recife	16.000	17.000
Salvador	17.000	14.000
Angra dos Reis	45.000	21.000
TOTAL	5.372.000	2.896.000

(Do "Correio da Manhã", Rio 7-4-56)

DIMINUTAS AS POSSIBILIDADES DE ALCANÇAR-SE ELEVADO GRAU DE DESENVOLVIMENTO NA CULTURA DE CAFÉ NA ÁFRICA

Rui MILLER PAIVA

Podemos dizer sem receio de exagerar, que são muito pequenas as possibilidades de as colônias africanas virem a desenvolver-se no sentido de se tornarem regiões produtivas com capacidade de sustentar uma sociedade rica e civilizada. O continente africano não é, como se supõe, uma região inexplorada, rica, coberta de matas virgens e terras férteis, à espera de gente e capital para progredir. Ao contrário, a África é um continente já gasto, muito explorado, que sustenta uma grande população há milhares de anos. Não se encontram zonas novas e férteis para serem abertas, como o nosso norte do Paraná.

FATOS DESFAVORÁVEIS

Além disso, é um continente pobre de recursos naturais. Suas terras são fracas. Afora a enorme área de deserto que se estende por quase um terço de seu território e das regiões semidesertas, que também cobrem grandes extensões, o que caracteriza o continente são as regiões de savanas, também chamados de prados tropicais, e que são campos geralmente pobres de árvores, de solos laterizados e sujeitos a secas prolongadas, paupérrimos em rios e onde a camada de água subterrânea se acha muito profunda, tornando difícil e de resultados problemáticos a abertura de poços artesianos.

É, aliás, uma cena bem tipica da África, a fila de indígenas transportando água para suas casas, às vêzes de grande distância, assim como a abertura de cacimbas no leito seco dos rios. Regiões de selvas equatoriais só se encontram numa pequena faixa que acompanha o golfo de Guiné, e nas proximidades do rio Congo, mas aí as condições de clima são muito difíceis ao homem. As tribos indígenas que vivem nessa região são as mais primitivas e algumas delas fogem ao contacto da civilização, como é o caso dos pigmeus. Quase sempre essas selvas se apoiam em solos pobres, imprestáveis para a agricultura; poucas vezes são encontradas manchas de solos férteis, como aquelas em que se acham lantadas as culturas de cacau em Costa do Ouro e Nigéria. Ainda mais raras são as regiões do continente que dispõem de solos bons, em altitudes que permitem condições de clima favoráveis como os "highlands" de Quenia, ou as terras de Ruanda-Urundi e Quivu, no Congo Belga. É importante acentuar que essas regiões de solos e de condições de clima favoráveis, já se encontram superpovoadas.

Além dos desertos e da pobreza das savanas, o continente ainda luta contra a doença do sono, que torna inabitável grande extensão de sua superficie. Aliás, a doença do sono traz outros empecilhos, pois impede a manutenção de rebanhos nas zonas infestadas e com isso torna difícil a melhoria da dieta dos indígenas e praticamente impossível a recuperação dos solos, os quais, conforme já dissemos, são altamente laterizados e

não podem ser cultivados permanentemente, sem aplicação de doses elevadas de estêrco. Outras doenças também agem no sentido de impedir o desenvolvimento da pecuária, tais como a febre aftosa, a peste bovina, a "tristeza", tanto a causada pela anaplasmose como pela iroplasmose ,além de muitas outras.

A conclusão a que se chega após a enumeração dessas dificuldades, é que são de fato, muito pequenas as possibilidades dessas colonias adquirirem elevado grau de desenvolvimento econômico. Seus recursos materiais não se mostram suficientes para sustentar uma população com padrão de vida equiparado ao das sociedades civilizadas. E sua população autoctone, devido ao atraso cultural em que se encontra, não tem possibilidade de melhorar, em futuro próximo.

Planos de Reerguimento Econômico:

É necessário, porém, indagar se os grandes planos de valorização dessas colônias, postos em execução pelos países europeus, não virão modificar a situação de modo que lhes proporcione as condições necessárias ao desenvolvimento econômico. Conforme tivemos ocasião de expor, os países colonizadores estão empenhados em aparelhar essas regiões e estimular o trabalho de suas populações indígenas, e muito dinheiro está sendo gasto atualmente. Parece-nos porém que êsse plano sòmente poderão alcançar um objetivo mais imediato, que é o de ampliar a exportação de certos produtos agrícolas e minerais e trazer com isso alguma melhoria ao padrão de vida dos indígenas, mas, de modo algum poderão elevar o índice de produção aos níveis de progresso de que acima falamos.

Devemos em primeiro lugar esclarecer que não há contradição nessas questões. Uma colônia pode não ter possibilidade para desenvolver-se no sentido de se tornar um país civilizado, produtivo e rico ,mas pode, entretanto, oferecer condições para produzir um determinado artigo e incrementar essa produção até níveis muito elevados. É esse o caso da Tanganica, com o sinal, e o do Senegal, com o amendoim.

À vista dessas considerações, cabe pois indagar se as colônias da África dispõem de condições de clima e solo que permitam o desenvolvimento das culturas que interessam ao nosso comércio de exportação. Limitaremos, porém, nossas indagações ao campo da cultura cafeeira.

PERSPECTIVAS DO AUMENTO DA PRODUÇÃO

CAFÉ ARÁBICA: Conforme já procuramos mostrar, são poucas as regiões nas quais o café Arábica se adapta bem. São pequenas áreas em Quenia, Tanganica, Uganda, Ruanda-Urundi e Quivu. Ainda não estão provadas as possibilidades das demais regiões.

É difícil calcular a produção do café Arábica dessas regiões. As estatísticas não são coerentes em seus valores e não discriminam a produção do Arábica e Robusta. Pode-se calcular, a grosso modo, que a produção do Arábica é de aproximadamente oitocentos ou um milhão de sacas. A possibilidade de aumentar sensìvelmente a produção desse tipo parece-nos diminuta. As áreas que se prestam à cultura são pequenas e se acham localizadas nas encostas das montanhas. Não é possível estender essas culturas para as regiões mais baixas. Não só as moléstias e os ataques das pragas se tornam mais fortes, como também surgem os desequilíbrios fisiológicos, que matam as plantas. Contra os primeiros, poder-

se-ia esperar que os novos inseticidas pudessem agora oferecer contrôle seguro, mas quanto aos segundos não há possibilidade de combate. De modo que não é possível estender a cultura a outras regiões do continente. A ampliação das lavouras nas regiões em que elas já se instalaram poderia dar-se pela substituição da cultura de alimentos dos nativos ou outras culturas comerciais que aí existem e que competem com o café, como a quineira em Quivu e Ruanda-Urundi e o sisal em Quenia. Quanto à primeira hipótese, achamos pouco viável porque os nativos que habitam essas regiões consideram os seus bananais ou o seu mandiocal mais importantes do que as culturas comerciais. Quanto à segunda hipótese as possibilidades são pouco maiores, pois é necessário considerar que a substituição das culturas comerciais é, em princípio, uma questão de preço. Se os do café continuarem em níveis elevados, pode esperar-se que se processe alguma substituição.

Teòricamente, a produção de café dessas colônias também poderia aumentar através de um aumento da produção por área. Com adubações, melhores tratos culturais, podas bem cuidadosas e colheitas mais frequentes seria possível fàcilmente aumentar a produção em uns 30 ou 40%. Mas, não acreditamos que os indígenas sejam levados fàcilmente a essa intensificação de práticas agrícolas. E isso devido à atitude dos nativos em relação a qualquer coisa que implique em aumento de trabalho, e devido ao fato de a produção de estêrco nessas regiões ser difícil, pois a doença do sono e outras moléstias impedem a criação de gado.

CAFÉ ROBUSTA — Quanto ao café Robusta, as perspectivas são outras. Como é cultura menos exigente em solo e clima, e bastante resistente às doenças e ao ataque dos insetos, encontram-se extensas regiões adequadas à sua exploração. Assim é que se podem citar as terras próximas ao lago Vitória, em Uganda e Tanganica, as manchas florestais de Angola, grandes extensões da bacia do Congo, as regiões florestais que acompanham o contôrno do golfo de Guiné e ainda, fora do continente, certas áreas da ilha de Madagascar. Ao contrário do que acontece com as culturas do Arábica, o café Robusta não deixa de ser cultivado por falta de terras boas e de condições de clima adequado, pois essas características, (solos e climas adequados à cultura do Robusta) são encontradas em quaisquer das regiões acima citadas. As razões que limitam a sua cultura devem ser encontradas na falta de braços, como acontece nas regiões de Angola, ou na competição de outras culturas, como é o caso do cacau em Costa do Ouro e da palmeira de dendê na Nigéria, ou ainda devido a uma combinação dessas duas causas, como é o caso das regiões próximas ao rio Congo e em Costa do Marfim.

É difícil estimar o aumento da produção do café Robusta. Afirmamos que a do café Arábica seria pequena porque nos apoiamos principalmente no fato de as áreas adequadas às suas culturas serem diminutas. Mas no caso do Robusta, em que há abundância de área e o aumento está preso a uma questão de braços e de competição com outras culturas, torna-se mais difícil fazer uma previsão. E ainda, para dificultar, há a considerar que o Robusta é café de qualidade inferior, cujos preços não mostram a mesma garantia que o Arábica e que, portanto, não interessam tanto aos produtores. Devido a essas dificuldades procuraremos dis-

-cutir o assunto sem fazer uma afirmativa em definitivo.

Em primeiro lugar, devemos considerar que se o aumento de produção do café Robusta depende da falta de braços e da competição com outras culturas, é fácil admitir que, se os preços continuarem em níveis elevados, como agora, os govêrnos colôniais poderão modificar os seus planos e cuidar de incrementar a produção, em detrimento de outras culturas que competem com ele. Aliás, em Angola, cuja economia de produção não está regida por planos governamentais, já se nota grande atividade nesse sentido.

De outro lado, é preciso considerar que as colônias mostraram um grande aumento de produção nestes últimos quinze anos. O mesmo se deu com outros produtos de exportação. Para o futuro é de esperar, portanto, que o aumento dessas culturas seja, de modo geral, mais lento, porque já deve ter passado o período do aproveitamento fácil de mão de obra dos indígenas e das melhores terras. Se houver um desequilíbrio grande no preço a favor do café, a sua produção deverá aumentar, mas em rítmo mais moderado.

* * *

Isso foi o que escrevemos como conclusão e resumo do que observamos em nossa viagem de estudo à África, participando, como especialista em economia rural, da comissão de técnicos que o govêrno do Estado de São Paulo enviou ao Continente africano, em maio de 1950. Todo o material acima transcrito foi retirado "ipsis-verbis", do último capítulo do trabalho que escrevemos na ocasião e que foi publicado no Boletim da Agricultura n.º único-1950, e do qual a Diretoria de Publicidade da Secretaria da Agricultura extraiu 2.000 separatas que foram distribuidas aos interessados. Consta ainda das edições da FÔLHA DA MANHÃ, do dia 30 de janeiro e 2 de fevereiro de 1951, de que, aliás, divulgou todo o trabalho sôbre a África numa série de 44 artigos.

O objetivo de transcrevermos agora as conclusões desses trabalhos é ùnicamente o de responder aos estudiosos dos problemas cafeeiros, que insistem em dizer que teríamos em nossa viagem concluido que a África não seria concorrente do Brasil. Conforme se constata do material acima transcrito, não poderia ter sido, pois, na ocasião, o aumento de produção nesse Continente já era considerável, falando-se em produções de 5,7 milhões de sacas. A África já era, portanto, concorrente do Brasil no comércio internacional.

A causa da má compreensão em torno de nossas conclusões deve-se possìvelmente ao fato da África contar com dois tipos de cafés, bem distintos o Arábica e o Robusta, e sôbre os quais fizemos apreciações, separadamente. Dissemos, então, que não havia possibilidade prática de ampliar a cultura do Arábico, por falta de terras em condições climáticas favoráveis, uma vez que as que se poderiam prestar já estão ocupadas por cultura de alimentos ou culturas comerciais. Mas, quanto ao café Robusta, a nossa conclusão foi outra, muito diferente, tanto que terminamos o nosso trabalho com esta frase, que é ainda inteiramente valida no dia de hoje:

"Em conclusão, podemos dizer que a marcha da produção do café o Robusta na África fica na dependência de dois fatores principais, que são as cotações do café Arábica do Brasil e a preferência ou procura que os mer-

cados consumidores mostrarem pelo Robusta, que é de bebida inferior. Se esses dois fatores continuarem elevados, a produção de café Robusta da África deverá aumentar sensìvelmente no futuro, em rítmo, porém, menos acentuado que o dos últimos anos".

E é justamente o que ocorre. A alta espetacular dos preços dos nossos cafés em 1950, e posteriormente em 1953, e o desenvolvimento do café solúvel trouxeram as condições que se faziam necessárias para se processasse um aumento sensível na produção do café Robusta na África.

(Da "Fôlha da Manhã", 6-5-56)

Sugerida a extinção da dualidade de órgãos divulgadores de Estatísticas sôbre o Café

Na última reunião da Sociedade Rural Brasileira, o sr. Luís Pisa Sobrinho comunicou que vai propor, no Conselho de Política da Agricultura, onde representa aquela entidade, a extinção da dualidade de órgãos encarregados de compilar e divulgar a estatística cafeeira. Tais dados se contradizem, dando ensejo a explorações prejudiciais por parte de especuladores. Acrescentou que irá sugerir a manutenção de um só serviço estatístico, a cargo do I. B. C., *sendo que em São Paulo disso ficaria encarregada a Superintendência dos Serviços do Café, da Secretaria da Fazenda, cujos dados têm sempre correspondido a realidade, mesmo na estimativa das safras.*

Nessa mesma reunião, o sr. Luís Pisa Sobrinho comunicou que a Rural recebera a visita de um representante das Câmaras de Comércio Norte-americana, o qual trata em São Paulo do conclave sôbre investimentos, a instalar-se em Nova Orleans, em março do próximo ano. O sr. Luís Figueira de Melo comentou, de modo favorável, a mensagem que o sr. Silvio Pacheco de Almeida Prado enviou de Boca Raton aos cafeicultores reunidos na recente III Conferência Rural Brasileira.

Sugerida a extinção da dualidade...

CAFÉS "MOLES" NO BRASIL

O sr. Antônio de Queirós Teles focalizou o problema dos cafés "moles" no Brasil cujo tipo é o preferido na generalidade dos mercados norte-americanos. Disse que, da safra paulista, apenas um terço do produto entra nessa classificação. Após enumerar uma série de dados, informou que a porcentagem de café "mole" na safra brasileira de 1954 era de 46%, porcentagem essa alcançada graças à geada de 1953, que causou sensível diminuição na produção das zonas em que predominam os tipos "duros", não sendo especialmente afetados os setores dos "moles". Acrescentou ainda que toda a produção do Brasil que não puder ser absorvida pelo mercado norte-americano, que tem preferência pelo tipo "mole", deve ser dirigida para os mercados que apreciam os tipos "duros", entre os quais existem muitos e importantes na Europa, a começar pela França, "onde necessitamos intensificar a propaganda, assim em outros países de escasso consumo". Finalizou o sr Antônio de Queirós Teles dizendo que o importante para o bom nome da rubiácea brasileira é não ser permitida a exportação de café com detritos, impurezas e defeitos, que realmente tornam o produto desacreditado e dão mau paladar à bebida. (Da Fôlha da Manhã)

O CAFÉ NO INSTITUTO AGRONÔMICO

Eng. Agr. Walter Lazzarini

O Instituto Agronômico desde a sua fundação, há quase 70 anos, tem dedicado os maiores dos seus esforços ao problema cafeeiro. Compreende-se fàcilmente esse fato por ser o café a principal atividade agrícola paulista e brasileira.

Os estudos feitos abrangem o café em todos seus aspectos, quer sob o ponto de vista teórico-científico, ou prático de interêsse imediato da agricultura. São estudados, quanto a taxanomia, morfologia e fisiologia as diversas espécies de café, com mais intensidade a C. arábica, que é de todas as espécies a mais reputada como bebida, por seu melhor sabor, alcançando os melhores preços no mercado internacional e que medram bem ém nosso meio, ao contrário do que acontece em outros países, ou regiões onde seu cultivo é pràticamente impossível.

São estudados cruzamento entre espécies e variedades da mesma espécie, e fecundações controladas que ofereçam interêsse para o conhecimento dos problemas do cafeeiro.

Importações de semente de Espécies e Variedades cultivadas em outros países para verificação de seu comportamento em nosso meio, são feitas constantemente.

Um programa amplo de melhoramento do cafeeiro, especialmente sob o ponto de vista da produção, rusticidade e resistência, é desenvolvido pelo estudo das variedades cultivadas comercialmente em nosso meio e seleções dos indivíduos mais promissores, cujas descendências são comparadas experimentalmente, separando-se as linhagens melhores para propagação e distribuição aos lavradores.

Estudos ecológicos sobretudo buscando o interêsse econômico da cultura cafeeira, em que se investigam os processos agronômicos, que possibilitem uma exploração mais racional da planta sem o prejuízo do solo, mas conservando-lhe as boas propriedades físicas e fertilidade, para que se produza indefinidamente e não se esgote ràpidamente como é norma e regra na maioria da agricultura atual.

São feitas as avaliações das perdas por erosão de água e terra e elementos úteis do solo nas principais regiões cafeeiras do Estado.

Esses ensaios já revelaram as perdas enormes de elementos úteis que sofrem as terras anualmente, bem como os processos melhores de combate à erosão. Processos práticos, exequíveis e de custo reduzido, têm sido usados pelos agricultores de São Paulo, aumentando continuamente o número dos que procuram os meios de conservação do solo.

As investigações sôbre os adubos já de uso corrente, ou dos micro-elementos que estão entrando agora nas cogitações dos lavradores, modo de aplicação desses elementos, de maneira a que solos gastos voltem a dar boas colheitas e por preços compensadores. Formulas de adubação mais equilibradas, para cada tipo de solo, para os diversos estados do cafeeiro, para seu desenvolvimento ou produção, quantidade de minerais úteis, dosados de maneira a que as plantas

aproveitem integralmente a adubação e esta se torne menos dispendiosa e se generalize mais ràpidamente, o que consulta os interesses da nossa produção.

Trabalhos são conduzidos sôbre as maneiras de plantio, variação entre espaçamentos, experimentando-se os sistemas de plantio em quadrados, usados antigamente e mesmo hoje, erroneamente, com a distância de 16 e mais palmos entre plantas, com enorme perda de terra, comparando-se com plantio em espaçamentos mais cerrados, com melhor disposição das plantas, cabendo muito maior número de indivíduos por alqueire de chão e aproveitando elas quase que integralmente o terreno, o que diminui capinas e erosão, protege os solos e as plantas do calor excessivo, etc. Estuda-se também qual o melhor número de mudas por cova de café, o tipo de muda e profundidade a que deve ser plantada e outros detalhes que possam afetar a produção.

Trabalhos de sombreamento dos cafeeiros por meio de árvores ou do solo pelos adubos verdes, ensaios de irrigação, herbicidas combate às pragas e molestias, cultivo mecânico assim como sôbre a colheita obtenção de melhor bebida e muitos outros problemas têm sido investigados pelos técnicos do Instituto Agronômico, e a muitos deles tem sido dada solução mais adequada e de aplicação imediata na agricultura, com resultados em muitos casos, altamente econômicos.

Além desses trabalhos ainda um programa intenso de produção de sementes selecionadas tem sido executado pelo Instituto e das principais variedades, depois de melhoradas por seleções, no sentido do aumento da produtividade ou pela eliminação de defeitos específicos, dezenas de toneladas de sementes, de alto valor cultural, têm sido distribuidas aos lavradores, não só de São Paulo como de todos os Estados brasileiros, que cultivam o café e que em número sempre crescente procuram o Instituto Agronômico.

Pela organização atual do Instituto Agronômico, além da Secção de Café, integralmente dedicada a essa cultura, muitos outros têm a maior parte da sua atividade voltada aos problemas cafeeiros e ao todo 18 Secções técnicas do Instituto Agronômico tratam das diversas questões que apresenta o cafeeiro. Estão nessas condições as Secções de Genética, Fisiologia, Citologia, Botânica, Introdução de Plantas, Fitopatologia, Entomologia, Virologia, Agrogeologia, Conservação do Solo Fertilidade do Solo Química, Tecnologia Agrícola, Mecânica, Irrigação, Climatologia e Técnica Experimental.

Os trabalhos com café são executados, não sòmente na sede do Instituto Agronômico em Campinas, como nas diversas Estações Experimentais, sediadas nas varias zonas cafeeiras de São Paulo, como nas de Ribeirão Preto, Pindorama, Mococa, Jaú, Monte Alegre do Sul, Presidente Prudente, Pindamonhangaba, Tietê e Ubatuba.

Cêrca de 30 Engenheiros Agronômicos têm se dedicado aos trabalhos com café no Instituto Agronômico e si os seus trabalhos não são conhecidos do grande público, no entanto, são de milhares de lavradores, que procuram constantemente o Instituto Agronômico e seguem as normas recomendadas pelos seus técnicos. Esses trabalhos com a cultura cafeeira possibilitaram o estabelecimento de culturas novas em terras velhas, derrogando um conceito até há pouco tempo aceito sem discussão, de

que o café sòmente se desenvolvia bem em terras virgens e necessitava do "bafo do sertão" para sua vida.

As inúmeras lavouras novas, nas terras de cultivo secular de Campinas e adjacências, bem como em outras regiões do Estado, também bastante velhas e de terras cansadas, a confiança com que muitos agricultores estão arrancando lavouras de café velho e em seu lugar instalando novos cafèzais, mais produtivos, mais faceis de cultivar e sobretudo muito mais econômicos, são um atestado seguro de que, com o o nosso clima, com as condições de solo e topográfica que a natureza nos brinda, com a organização já existente, com os atuais conhecimentos agronômicos, a região geneológica que tem por centro São Paulo e representa o Brasil cafeeiro, tem condições excepcionalmente boas para liderar a produção de café no mundo.

(Da "A Gazeta", 23-5-56)

O BANCO DO BRASIL ESTABELECE BASES PARA O FINANCIAMENTO DO CAFE' BENEFICIADO

CR.$ 1.950,00 PARA O ESTILO SANTOS, TIPO 4, NOS PORTOS DE SANTOS, PARANAGUÁ E RIO — NÍVEIS FIXADOS PARA CONHECIMENTOS, NO INTERIOR E NOS DEMAIS PORTOS — TABELA ONTEM ANUNCIADA.

— O Banco do Brasil distribuiu o seguinte comunicado:

"O Banco do Brasil estabeleceu as seguintes bases para financiamento do café beneficiado de produção nacional: Cr$ 1.950,00 para o café estilo Santos, tipo 4, nos portos de Santos, Paranaguá e Rio; Cr$ 1.750,00 para os conhecimentos ferroviários com os mesmos destinos e relativos a cafés idênticas características.

"Para os tipos inferiores serão feitas as deduções de praxe.

É a seguinte a tabela completa desses financiamentos:

"I — Nos portos de Santos, Rio e Paranaguá para cafés do disponível: Cr$ 1.950,00 — estílo Santos, tipo 4, em lotes corridos, boa composição, esverdeados; Cr$ 1.800,00 — estílo Santos, "riado", tipo 4, idem; Cr$ 1.350,00, estílo Rio, tipo 7, idem; Cr$ 1.150,00, estílo Rio, tipo 8, idem; Para cafés em conhecimentos ferroviários; Cr$ 1.850,00, tipos preferenciais; Cr$ 1.750,00, estílo Santos, tipo 4; Cr$ 1.600,00, estílo Santos, "riado" — tipo 4; Cr$ 1.150,00, estílo Rio, tipo 7.

II — Nos demais portos (Vitória, Recife Salvador): Para cafés do disponível: Cr$ 1.000,00, tipo não inferior a 7/8; Para cafés em conhecimentos ferroviários: Cr$ 800,00, tipo não inferior a 7/8.

III — No interior: Para cafés destinados aos portos de Santos, Rio e Paranaguá, em conhecimentos ferroviários ou depositados em armazéns gerais ou particulares (penhor mercantil): Cr$ 1.850,00, tipos preferenciais; Cr$ 1.750,00, estílo Santos, tipo 4; Cr$ 1.600,00, estílo Santos "riado", tipo 4; Cr$ 1.150,00, estílo Rio — tipo 7.

"Para cafés destinados aos demais portos (Vitória, Recife, Salvador) em conhecimentos ferroviários ou depositados em armazéns gerais ou particulares (penhor mercantil): Cr$ 800,00, tipo não inferior a 7/8".

(Da "Fôlha da Manhã",)

Novo método de combate aos efeitos das geadas

ARAGUIA F. MARTINS

O prof. Reinhard Maack, da Escola de Agronomia e geólogo do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Paraná, prestou interessantes declarações ao boletim especializado da Associação Paranàense de Cafeicultura, a respeito de um aparelho de sua invenção, destinado a proteger os cafèzais contra o efeito das geadas. Inicialmente fez uma dissertação sôbre o clima da zona cafeeira paranàense e sôbre os efeitos e caracteres das geadas. Lembra que com a rápida baixa de temperatura, a selva, forma finos cristais de gelo nos vasos, provocando a morte das folhas ou plantas, quando se faz o degelo de modo brusco, especialmente com a ação dos raios solares, de manhã, rompendo os vasos das plantas.

Assinala que as observações até agora realizadas demonstram que, quando se formam, nas noites de geada, em certas regiões, faixas de cerração as plantas colocadas abaixo do nevoeiro são protegidas contra os efeitos do fenomeno.

LUTA CONTRA A GEADA

Prosseguindo diz o sr. Reinhard Maack:

"O único método para proteger a lavoura cafeeira, no futuro, deve ser a de cobrir grandes areas no menor prazo possível, com nevoeiros artificiais. Acentua que a queima de lenha ou borracha, com a formação de fumaça, não serve ao caso de combate à geada, pois, forma uma coluna de ar quente, que sobe verticalmente e não horizontalmente, como seria desejável. Hoje, já há pequenas velas que produzem nevoeiro artificial. Infelizmente essas velas têm uma duração de apenas 18 ou 20 minutos e não podem cobrir, durante muito tempo, grandes áreas, como na zona cafeeira do Paraná.

Nos últimos anos — acrescenta — foram desenvolvidos estudos especiais, de produtos químicos que satisfazem nossas esperanças para proteger os cafèzais contra as geadas. Trata-se de um ácido especial, sôbre uma composição de cal especial, que forma, imediatamente, enorme massa de nevoeiro pesado, que se estende, horizontalmente, sôbre as plantações. Caso haja vacuos dentro da camada de nevoeiro artificial, estes podem ser eliminados por pequenas velas que se deslocam dentro de barris ou em outros lugares do terreno. Deste modo temos uma camada de nevoeiro homogênea. O nevoeiro aludido pode ser produzido durante muitas horas. Em noites calmas, em 15 ou 20 minutos, produz-se uma camada de nevoeiro que pode cobrir quarenta alqueires de terra. A seguir, fecha-se o goteiro do tambor para economisar o produto químico, que ao contrário das velas, pode ser controlado".

Para os casos de emergência, quando se formam as geadas, inesperadamente, foi desenvolvido um produto especial em cartuchos grossos, que produzem, em 15 minutos enormes massas de nevoeiro branco e muito pesado, que pode cobrir a área de um quilômetro quadrado, aproximadamente. Informa o referido geólogo que o nevoeiro artificial produzido não é tóxico, sendo inofensivo ao homem, animais ou plantas. Todavia, aconselha o uso de máscara para que uma pessoa entre no nevoeiro, pois, embora não sendo tóxico, produz certas irritações nas vias respiratórias superiores.

SUBSTITUIÇÃO DE LAVOURAS VELHAS DE CAFÉ

GUIDO CESAR RANDO

Está em andamento nos meios cafeicultores do Estado um movimento generalizado, visando a elevação dos índices técnicos da produtividade cafeeira, pela implantação de métodos racionais de cultivo. As lavouras velhas de 20 a 30 arrobas por mil pés, deficitários, portanto, estão sendo substituidas, gradativamente, por lavouras novas de 100 a 150 arrobas, altamente rendosas.

Na formação de lavouras novas, o plantio em nível é uma operação que não poderá mais ser ignorada e constitui o ponto da partida para a racionalização da cultura. Todas as operações futuras, tais como adubação, combate á erosão, cultivo etc., são facilitadas com a adoção do plantio em nível.

Quando da substituição da lavoura velha de café, o método mais indicado é a eliminação total dos cafeeiros numa proporção mínima de 10% por ano, de forma que em 10 anos a operação estará concluída. Entretanto, conforme as disponibilidades do agricultor e o estado da lavoura velha, poder-se-ia aumentar esse índice. Com o espaçamento reduzido, obtém-se o mesmo número de cafeeiros em área muitas vezes menor.

Há certa resistência do agricultor contra o corte das árvores velhas, os quais procuram métodos intermediários a fim de lhes facilitar, durante a formação da nova lavoura, algum rendimento que cubra parte das despesas de formação. Neste caso, surge o plantio intercalar, que é prática muito em moda e que, quando bem executada, traz resultados satisfatórios. Todavia, o plantio intercalar deve ser feito, em qualquer hipótese, em nível, e obedecendo aos espaçamentos modernos. O plantio intercalar das lavouras novas em cafèzal velho, feito em esquadro, e no mesmo espaçamento anterior, deve ser condenado, por repetir os erros iniciais.

Não somos totalmente contrários á aplicação do método de substituição de lavouras velhas pelo processo intercalar em nível porque já representa um avanço na racionalização do plantio. Entretanto, não o recomendamos como ideal, e sòmente atendendo a certas peculiaridades da lavoura e a adoção de outras práticas conservacionistas é que podemos aceitá-lo, ainda que a título experimental.

Ao se instalar a lavoura nova intercalar deve-se, de início, projetar um sistema de carreadores em nível interligados com os caminhos de acesso á propriedade. Estabelecidos os carreadores, começa-se o plantio em nível obedecendo aos espaçamentos atualmente recomendados, sem a preocupação dos pés velhos existentes. Se a cova da planta nova coincidir com um pé velho, este deverá ser imediatamente arrancado e em seu lugar plantado o novo. Esta operação é importante, a fim de que não seja prejudicado o espaçamento. Conforme o estado da lavoura velha, essa coincidência poderá ocorrer em 6 a 10% de pés velhos.

O prof. Maack considera a referida invenção como a única salvação das lavouras cafeeiras, no futuro. Diz que o govêrno deverá ajudar com a conceção de câmbio favorável à aquisição do aparelhamento. Calculado no preço atual, uma instalação para proteger quarenta alqueires de cafèzais, em quatro noites de geada, custaria mais ou menos 55 mil cruzeiros. Dessa maneira o custo à proteção de um pé de café, importaria em 22 centavos e um alqueire de terra em 300 cruzeiros por uma noite de geada. Após a instalação, para as geadas futuras, as despesas de proteção custariam sòmente 12 centavos ou mais ou menos 180 cruzeiros por alqueire. (Do "Diário do Comércio", 12-5-56)

A Suiça continua a comprar café do Brasil por intermédio de terceiros países

A Suíça continua a abastecer-se de café brasileiro por intermédio de reexportadores de Hamburgo e Amsterdam. O acôrdo multilateral de pagamentos com a Alemanha, Holanda e Inglaterra não exerceu nenhuma influência sôbre essas transações. A despeito de certos sintomas que, no verão passado, deixavam entrever a possibilidade de restabelecimento de operações diretas, a verdade é que a Suíça não interrompeu as suas compras de café do Brasil na própria Europa, o que é mais surpreendente ainda — as firmas fornecedoras são exatamente as mesmas. Entretanto, os importadores não sabem — e nem, de resto se interessam em saber —qual é a procedência verdadeira dêsse café. Adquirem "frontiére suisse non dedouanê". e pagam em dólares ou em francos. Parece — e isso é informado sob reserva, de vez que é impossível comprová-lo — que as nações incorporadas ao chamado "Club de la Haye" insistem em pagar as bonificações que pagavam aos reexportadores de produtos brasileiros que vendem divisas livremente conversíveis. Não deve ser desprezada também a hipótese seguinte: dada a indicação de negócios "switc" com as mercadorias nacionais, as casas alemães e holandesas se servirem de vias mais complicadas, mais tortuosas, porém sempre igualmente lucrativas para operar através de terceiros países situados do outro lado da "cortina de ferro", como, por exemplo, a Iugoslávia. É sobejamente sabido que essas nações da órbita russa necessitam com sofreguidão de dólares U. S. A. e que, para obtê-los, não medem sacrifícios. Assim, é lícito admitir que os respectivos governos permitiriam que o "clearing" que mantém com o Brasil servisse de cobertura para negócios de trânsito e negócios "switc" os mais engenhosos. A coincidência de figurarem firmas alemães e holandesas nas importações de café feitas pela Iugoslávia quiçá confirme o que adiantamos, as nações que fazem parte do indigitado "Club de la Haye", se porventura o Brasil apresentasse reclamação, poderiam recorrer a uma destas suas evasivas: a) declarando que se tratara de negócios de trânsito, cujo caráter os subtrae do contrôle oficial, visto como a mercadoria não entra efetivamente no país, mas apenas o atravessa, e b) as vendas de café brasileiro á Suíça podem ser feitas por preços inferiores porque esse café fora comprado em momento de baixa e se encontrava em estoque acumulado. É certo que nosso café, para entrar na Suíça depois do acôrdo multilateral percorre caminhos mais difíceis. Não é menos certo, todavia, que esse acôrdo é contornado hàbilmente e que as moedas resultantes de tal comércio revertem em proveito da economia de outros países. (Da "Gazeta Mercantil", S. Paulo, 9-4-56)

A lavoura velha, após o plantio de novos pés, dará ainda duas colheitas quando então deverá ser totalmente eliminada. Nestas condições ela poderá compensar em todo ou em parte o novo plantio, além de possibilitar o financiamento normal da safra. Estas, aliás, são as duas únicas vantagens que poderá apresentar o sistema, ao lado de sérias desvantagens, como as seguintes: 1) o terreno não poderá receber o preparo adequado, a destoca mecânica mais barata, e o terraceamento antes do plantio; 2) os cordões em contôrno que substituirão o terraceamento, sòmente poderão ser executados depois de arrancados os cafeeiros velhos, pelo menos dois anos após o plantio da nova lavoura; 3) o alinhamento difìcilmente obedecerá ao espaçamento indicado, porque haverá sempre a necessidade de um pequeno desvio; 4) a lavoura nova sofrerá a concorrência natural da lavoura velha, principalmente no tocante á água do solo, em maior ou menor grau, de acordo com o estado da lavoura velha, com prejuízos á sua formação; 5) os pés novos que ficarem perto das árvores velhas, sofrerão com maior intensidade a concorrência que contribuirá para uma forma desigual da lavoura nova; 6) existe ainda o perigo do lavrador, que tem em vista ocasional produção dos pés velhos, relutar em cortá-los depois de dois anos, prejudicando definitivamente a lavoura nova.

Vimos na zona de Lins e Cafelândia lavouras novas, plantadas nesse sistema, em ótimas condições, porém formadas em lavouras decadentes que oferecem muitas falhas, às vêzes contínuas e com um espaçamento considerável. Nessas condições, e com cuidados especiais dispensados á lavoura nova, planificação adequada dos carreadores em nível e firme decisão de eliminar os pés velhos na época propicia, é possível formar-se um cafèzal novo em lavoura velha, em têrmos econômicos. Não deixa, entretanto, de ser uma reforma parcial, que talvez não compense a pequena economia que se pretende obter.

(De "O Estado de S. Paulo", 30-5-56)

O café na América Latina

Segundo o "Bulletin Agrícole de Haití", a importância das exportações de café, em 1954, para os países produtores da América Latina, atinge a porcentagem de 87,6% para El Salvador, 83,8% para a Colômbia, 78,7% para o Haití, 77,5% para a Guatemala, 60,7% para o Brasil, 17,4% para o México e 2,9% para o Peru. Por aí se vê as dificuldades progressivas que irão surgir para esses países com a superprodução, que em breve se verificará.

PROPAGANDA DO CAFÉ NA ALEMANHA

A Alemanha constitui bom mercado consumidor de café. Em 1955, o Brasil exportou para aquêle país 686.686 sacas de café, valendo Cr$ .... 1.057.322.000,00 Êste ano, no primeiro trimestre, a exportação foi de 196.213 sacas, valendo Cr$ 477.165.000,00.

Segundo comunicação recebida pelo Instituto Brasileiro do Café o Escritório Comercial do Brasil em Bonn realizou, recentemente, uma conferência, na qual tomaram parte 750 donas de casas, fazendo-se na ocasião provas de degustação e distribuição de amostras de café brasileiro, com inteiro sucesso.

(Do "Correio da Manhã", Rio, 20-5-56)

EVOLUÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DE SÃO PAULO

TITO LIVIO FERREIRA

Madrugam as primeiras claridades matutinas sôbre os campos de Piratininga ainda recobertos de mataria brava e bruta. Pelos trilhos sinuosos dispersos por entre os troncos milenares, formigam brasilindios irrequietos e ariscos. No alto da colina jogada sôbre o Tamanduatei e o Anhangabaú pairam nevoas claras na manhã nascente. Crescem os cantos da passarada no espaço rumorejente. Nos horizontes longínquos, recortados entre céu e terra, palpitam as luzes macias e douradas. E pelos caminhos batidos começam a correr em direção às águas cristalinas dos ribeirões correntes, homens, mulheres e crianças.

A manhã sobe, tímida e friorenta, no planalto de Piratininga. Neblinas esbranquiçadas acompanham o curso preguiçoso do velho Anhembi, o rio dos antigos, e o Tietê dos modernos. Das bandas luminosas do mar, onde o sol se alteia por cima das cristas verde-negras da serra de Paranapiacaba, grupos de homens se aproximam, conversando. Vinham de Santo André da Borda do Campo. A frente se destacam; o venerável Padre Manoel da Nóbrega, João Ramalho e seu primo Padre Manoel de Paiva. Caminham em seguida, o Irmão Antônio Rodrigues em animada prosa com André Ramalho, filho do Patriarca dos Bandeirantes, o primeiro paulista e luso-brasileiro dos campos de serra acima. E caminham junto deles os guaianás amigos.

Na vanguarda fala-se o português, língua materna dos europeus alí reunidos. Os detrás se expressam em tupí, o linguajar da terra. E os dois vocabulários se misturam no ambiente acolhedor e amigo.

Alcançam todos, daí a pouco, o alto da colina esguia como proa molhada pelas águas serenas do Anhangabaú e do Tamanduateí, cujas correntes se unem além no Tietê distante. No silêncio grave e promissor da manhã de verão. Nóbrega veste a alva e paramenta-se. Paiva e Rodrigues armam o altar portatil. Estava-se na manhã remota de 29 de agôsto de 1553. Ressoam na clareira verde as primeiras palavras da litúrgia católica. Padre Nóbrega faz os primeiros cinquenta catecumenos; abençoa a terra virgem e fecunda e derrama sôbre ela as primeiras sementes da fé, para o florescimento vindouro da civilização luso-cristã no solo piratininguara. Cinco mêses mais tarde, nesse mesmo lugar, a 25 de janeiro de 1554, Padre Manoel de Paiva, designado por Nóbrega, celebra a missa padroeira, acolitado pelo Irmão Anchieta. E assistem ao santo sacrifício, Padre Nóbrega, João Ramalho, Bartira, Tibiriçá, André Ramalho, Caiubí e suas tribus colocadas respectivamente no Largo de São Bento e na explanada do Carmo.

Está iniciado o ciclo da fé e do império de Cristo.

O CICLO DO EXPANSIONISMO

Dilata-se por todo o segundo século, o ciclo do expansionismo e do povoamento. Os bandeirantes paulistas extravasam para além da linha distante dos horizontes, penetram no interior do continente, irradiam por todos os rincões do Estado do Brasil, província do Império de Portugal, fundam cidades nos sertões do Nordeste, do Norte, do Oeste e do Sul, e anexam ao território da América Portuguêsa, mais de seis milhões de quilômetros quadrados de terras situadas além da Linha de Tordesilhas, as primeiras fronteiras ideais da nossa pátria.

Nessas jornadas avultam os homeriadas chamados Antônio Raposo Tavares, o Rei do Bandeirismo; Fernão Dias Pais, o Caçador de Esmeraldas; Luiz Pedroso Xavier; Rafael de Oliveira, Baltazar Fernandes, Manoel Preto, Luiz Castanho de Almeida, Pascoal Moreira Cabral, Domingos Jorge Velho, Estevão Ribeiro Parente, Artur e Sebastião Paes de Barros, Domingos de Brito Peixoto e tantos outros.

O CICLO DO OURO

Ao findar o século dezessete principia o ciclo do ouro. Cem anos antes minera-se no Jaraguá, onde Afonso Sardinha descobre o primeiro ouro brasileiro. Tempo adiante em Iguape e Paranaguá tratam do

ouro de lavagem. Mas o grande ciclo do metal precioso começa no declínio de 1.700 quando os paulistas de Taubaté descobrem o ouro dos sertões de Cataguazes. No levantar do século dezoito começa a marcha em massa para as regiões mineiras das alterosas. E os portugueses de São Paulo, paulistas de Portugal como hoje somos paulistas do Brasil, devassam, povoam, fundam as principais cidades do território aurifero. Descobrem a seguir o ouro de Mato Grosso e de Goiás onde erguem as cidades civilizadoras. E pelo século a fora, povoam, defendem e civilizam as terras por eles conquistadas para a Coroa portuguesa, nessas jornadas magníficas de traçar as atuais fronteiras da América Portuguesa.

O CICLO DO CAFÉ

Entregues à cultura da cana de açúcar, em Itú, Piracicaba, Pôrto Feliz, Campinas e Jundiaí, os paulistas cuidam dos seus engenhos em pleno florescimento. No primeiro quartel do século dezenove, o café entra na província de São Paulo, pelo município de *Bananal* logo depois transformado no mais rico e mais importante de São Paulo. O café desce o Vale do Paraíba, entra no Vale do Tietê, atravessa a serra dos Cristais e por Itatiba procura as terras férteis de Campinas. Em pouco tempo invade os tabuleiros de Limeira e os vales do Mogi-Guaçú e do Piracicaba.

Ao aproximar-se o meado do século, o senador Vergueiro, português de Portugal, inicia em S. Paulo e no Brasil a primeira tentativa da colonização em massa, nas suas fazendas de Piracicaba Limeira, por meio do braço livre. Tempo adiante, o govêrno da Província facilita a grande imigração italiana para os trabalhos da lavoura cafeeira já derramada para além de Rio Claro, São Carlos do Pinhal e Ribeirão Preto.

Em grandes ondas a imigração européia invade a terra roxa. À frente, o caboclo, o brasileiro e negro derrubam a mata virgem. São os machadeiros. Passado o fogo, coveado o terreno, plantado o café, chega o italiano para cultivá-lo. É o elemento humano mais adaptável aos trabalhos agrícolas. O português continua no serviço mais pesado, no trabalho mais duro, no avançamento das estradas de ferro, E assim, o nacional e o estrangeiro se unem para modificar a paisagem econômica e financeira do Brasil e do Estado.

Trezentos e cinquenta anos deslizaram com pés de lã no silêncio impressionante do tempo. As águas correram por baixo das pontes alçadas como vírgulas a prender as margens dos ribeirões reunos da imperial cidade de São Paulo, para ligar as cabeças dos caminhos aos pés das ruas enladeiradas.

Ha menos de cem anos, quem vinha dos lados de Pinheiros, da Embuaçava, da Lapa, da Freguesia do O', da Casa Verde, de Santana, da Penha, da Moóca, do Ipiranga, ou do Ibirapuera, avistava, de longe, as torres sobrenceiras da Boa Morte, do Carmo, da Sé, do Colégio, de São Bento, e de São Francisco, como silhueta recortadas no espaço acima do casario baixo e do arruado estreito. E quando subia a ladeira de Tabatinguera, ou do Carmo, tinha a impressão de entrar num velho burgo cochilante dentro da paisagem contemplativa.

O CICLO DA INDÚSTRIA

Estamos na soleira do século vinte. A cidade de São Paulo parece acordar do sono trissecular. Desapareceram os nomes antigos das ruas. A rua da Imperatriz é a Rua Quinze de Novembro; a rua Marechal Deodoro, hoje desaparecida, fora a rua do Imperador; a rua do Príncipe era a Quintino Bocaiuva. Embora a rua Direita continuasse e a de São Bento permanecesse, a cidade perdera alguma coisa do tradicional aspecto de cidade imperial), para ir-se, aos poucos, republicanizando-se. As ruas Quinze, de São Bento, a Direita, batizada com o nome que não pegou de Marechal Floriano, e o Largo do Rosário, hoje Praça Antonio Prado, já haviam mudado a fisionomia antiga, pela sutuosidade de seus predios, pela febril circulação em certas horas do dia, pelo trânsito apressado de milhares de pessoas ,e pela infinidade de casas comerciais abertas em poucos anos. Nesse triângulo o movimento de carros de praça, tilburis, bondes e pedestres vai crescendo. O linguajar pausado e característico dos velhos paulistas, rico de notas graves, é dominado pelos dialetos dos imigrantes, cujo vozear cantado e vivo punha no ambiente o colorido variado e intenso das palavras estrangeiras. E o italiano dialetal invade a cidade, espraia-se pelos bairros, domina as cidades novas e as fazendas cafeeiras.

O ciclo industrial começa a entreabrir-se na cidade, como consequência do ciclo do café e do açúcar. O Braz transforma-se. Alteiam-se as torres das fábricas e os apitos rasgam o silêncio do espaço, nas ma-

nhãs garoentas e nas tardes enfumaçadas. O elemento italiano se encarrega de modificar o sistema econômico e financeiro da Nação e do Estado. São Paulo perde, aos poucos, as características tradicionais luso-brasileiras continuadas através do Império. Sem perder os aspectos latinos, adquire nova fisionomia, italianizando-se. Esse movimento profundamente modificador da vida rural e da vida citadina, estabelece o contraste entre cidades velhas e cidades novas. Itu, Porto Feliz, Tietê, Itapetininga, Tatuí, Piracicaba continuam a lavoura açucareira sem sentir a influência do elemento imigratório italiano.

Mais vivo, mais intenso, mais poderoso esse influxo se nota em Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos do Pinhal, Araraquara, Jaú, Baurú, isto é, zonas novas, por onde avança a Paulista, a Sorocabana, a Araraquarense e a Douradense, hoje integrada na Paulista. E dessa mobilidade rural intensa, dessa criação viva de riqueza, graças ao café, a indústria fabril da capital vai sentir os efeitos benéficos e fecundos

SÃO PAULO NO PRIMEIRO DECÊNIO DO SÉCULO XX

São Paulo adormecera e dormira embalado pela romântica modinha das serenatas acadêmicas, em noites de luar profundo, mesmo quando os bicos de gás amarelavam envoltos no halo esbranquiçado e fosco do nevoeiro cerrado; São Paulo acordara na manhã garoenta, ouvido atento, aos compassos das canções napolitanas, aos pregões diferentes onde se alteiavam as vozes da Sabóia e do Veneto, até a Calábria e a Sicília. No comércio e na indústria predomina o elemento italiano. E na Guarda Cívica a proeminencia cabe aos portugueses, embora em número muito reduzido, em relação ao outro.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1.º de novembro de 1894, quando o autor destas linhas, nascido na roça, tinha apenas cinco meses de idade, o Instituto Histórico observa a transformação econômica e social da velha cidade de Manoel da Nóbrega rejuvenescida pelo afluxo de sangue novo, de sangue latino aos pontos vitais do seu organismo pulsante de novas energias.

Funcionam, além das livrarias Garraux e Laemert, importantes estabelecimentos bancários, alguns já desaparecidos. O Banco Alemão, o Banco União de São Paulo, o London Bank, o Banco Construtor e Agrícola de São Paulo, o Banco de Santos, o Banco dos Lavradores, a Banque Française du Brésil; as fábricas de cerveja Bavária e Antárctica, fábricas de tecidos, do Braz e do Bom Retiro. Ainda fazem grande figura os palacetes dos Drs. Antônio Prado, Elias Chaves, Barão de Tatuí, Marquês de Itú, e de D. Veridiana Prado. Estão em pleno florescimento os hoteis do Oeste, da Boa Vista, a Rotisserie, o Grande Hotel, o Hotel Paulista.

O CONVÊNIO DE TAUBATÉ

Mal haviam os paulistas conquistado, nos mercados européus, a primazia da produção cafeeira, quando lhes sobrevem tremenda crise econômica. Os cafèzais abotoavam e floriam em produção esplendida. Caem os preços assustadoramente. O angustioso problema da apavorante situação financeira, empolga a lavoura, a indústria e o comércio. A praça de Santos prova a solidez de seus negócios e adianta aos fazendeiros para mais de 200.000 contos de reis. O govêrno do Estado não vacila. Realiza-se o "Convênio de Taubaté", onde se traçam os planos da "valorização", num golpe atrevido, talvez o mais ousado até então em matéria econômico-financeira, quer em São Paulo, no Brasil ou estrangeiro.

Sanitários do referido pacto, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o primeiro cumpre o estipulado, enquanto os dois outros aplicam a fins diferentes os produtos da sôbre-taxa, destinados exclusivamente à defesa do café contra os jogadores da "baixa"!

Assim, Minas e Rio assinaram o Convênio de Taubaté e se aproveitaram dos esforços dos paulistas. Foram eles os únicos a manterem os seus compromissos. Graças aos quais o preço do principal produto de exportação foi elevado, não só em benefício da terra bandeirante, mas dos mineiros e fluminenses. Nem estes, nem aqueles seriam capazes de se abalançar à aventura perigosa da valorização do café, sem os paulistas. E para isso, num gesto sem exemplo, comprometeram toda a sua fortuna e todo o seu crédito, com uma felicidade rara no campo dos negócios.

Não há quem ignore o que foi a valorização do café, em 1906, quando os preços do produto roçavam pelo mesquinho, mal davam para o custeio das fazendas. A crise já durava cinco anos. A safra desse ano atingira a 16.000.000 de sacas. Não interviesse o govêrno no mercado, os negociantes européus e americanos assenhorar-se-iam quasi de graça dessa colossal

safra. Com os fartos estoques de reserva manteriam a baixa nos anos seguintes. Para os lavradores paulista o resultado seria fatal, pois, não poderiam saldar seus debitos com as casas comissárias de Santos. E o próprio orçamento do Estado seria fundamentalmente atingido.

Não hesitaram os enérgicos e decididos administradores de São Paulo; não protelaram imediatas e firmes providências exigidas pelo caso; arrendaram a Sorocabana adquirida havia pouco, e levantarm um empréstimo de 3.000.000 de libras e, logo outro de 15.000.000. Com esse dinheiro entraram na praça de Santos e retiraram do mercado exportador 8.500.000 sacas de café, armazenando-se nos portos de consumo, aqui e na Europa.

Continuasse a baixa, por mais dois ou três anos, ou sobreviessem grandes safras, o nosso Estado, em franca prosperidade, abriria calamitosa e medonha falência, com prejuízos incalculáveis para o país todo.

Foram pequenas as colheitas seguintes. O plano audaz da valorização foi coroado de êxito. O café foi estabilizado ao preço médio de 4$500 por 10 quilos. E com o "Convênio de Taubaté" os paulistas salvam a economia e as finanças nacionais ameaçadas da bancarrota.

Por essa forma, São Paulo, liquida todos os seus compromissos e atira-se, com o lastro da agricultura, no ciclo da indústria paulistana. A cartada feliz da valorização do café produz efeitos em todo país e em todo São Paulo. Triplica o valor dos imóveis; os terrenos da capital sobem de cotação; crescem as cidades do Oeste; o colono italiano adquire as primeiras terras e planta café por sua conta afim de se tornar fazendeiro; muitos deixam a lavoura e se instalam com casa de negócio nas cidades; outros abrem ou instalam fábricas para o florescimento e a prosperidade econômica e social de São Paulo e do Brasil inteiro.

Nesse primeiro decênio do século, faça-se justiça, o colono ideal, o colaborador mais enérgico, mais eficiente nos serviços da lavoura e na prosperidade econômica de São Paulo, sem dúvida, é o italiano. Predomina a arquitetura italiana nas construções novas da capital paulista nessa década decisiva, porque são italianos 3/4 dos pedreiros e quasi todos os mestres de obras. São italianos as indústrias e fábricas, os estabelecimentos bancarios, e comércio em geral.. E o Braz parece uma Itália em miniatura, onde se ouvem todos os dialetos dos Alpes à Sicília.

(De "A Gazeta", 11-5-56)

ÁGUA, VEÍCULO DE DOENÇAS

Desde épocas remotas se atribui à água usada na alimentação a propagação de certas doenças. Estão neste caso, entre outras, as febres tífica e paratífica. Hoje está comprovado experimentalmente que a água de consumo é um dos fatôres de propagação dessas moléstias.

Evite as febres tífica e paratífica fervendo ou, pelo menos, filtrando a água destinada a beber. —

DECÁLOGO DO CAFEICULTOR MODERNO

Preceitos gerais de plantio do café em São Paulo

I — Adquira sòmente sementes despolpadas, de colheita recente, preferìvelmente selecionadas e distribuidas pelo govêrno; calcule, para plantio com *mudas,* à base de 1,25 quilos por covas, e procure formar uma lavoura com 25% de Caturra e 75% de Mundo Novo, Bourbon Amarelo ou Bourbon Vermelho.

II — Em viveiros prèviamente construidos, semeie diretamente nos recipientes cheios de terra bem estercada e adubada, de agôsto a outubro — ou em canteiros preparados como para horta, quando por qualquer motivo a semeação só possa ser feita em novembro ou dezembro; calcule a área necessária de viveiro, considerando que cada metro quadrado dá para produzir 110 mudas individuais de 8 cm de diâmetro.

III — As mudas assim preparadas "no ponto" para plantio em março-abril-maio, que é a melhor época, e deverão ter mais ou menos 20 cm de altura, porte reto e vigoroso; e providencie para que, ao menos 1 mês antes de serem utilizadas, as mudas passem a receber paulatinamente maior isolação (até 70% de "sol").

VI — Escolha, com o maior cuidado os terrenos de solos profundos, despraguejados e pouco sujeitos aos ventos frios e às geadas — e nunca cubra com o cafèzal mais de 33% da área total de sua propriedade, ou mais de 50% quando se tratar de chácara ou pequenos sítios; escolhida a área que vai ser utilizada, trate de destocá-la (se for o caso) arando e gradeando em seguida.

V — Com bastante antecedência, proceda à demarcação geral dos talhões, dos carreadores-mestres em nível e dos carreadores de interligação, e das linhas de nível onde serão demarcadas as "cóvas"; cada talhão deverá conter mais ou menos 5.000 pés ou "covas". Solicite, para estes trabalhos, a assistência da Secretaria da Agricultura.

I — Escolha, com o maior cuidado, o espaçamento adequado para o seu caso, tendo em vista que é mister formar uma lavoura cujo solo fique sombreado pelos próprios cafeeiros, com um único vão livre de 0,50 m a 0,80 m no meio das ruas de nível; recomendam-se os seguintes, para terras médias, já trabalhadas:

a) Variedade de Porte Grande — 2,50 m x 3,30 m.

b) Variedade Caturra — 2,00 m x 2,80m.

VII — Com alguma antecedência ,mande abrir covas de 50 cm 50 cm de "boca", por 40 cm de profundidade, tomando o cuidado de separar a "terra" removida dos primeiros vinte centímetros, com a qual misture cêrca de 15 a 20 litros de estêrco bem curtido, 300 a 400 gr. de farinha de ossos e 60 a 80 gr. de cloreto de potássio; essa parte "gorda" será colocada no fundo da cova que, em seguida, é enchida, para aguardar o momento do plantio.

VIII — No dia apropriado (chuvoso ou após forte chuva), plante 4 mudas por cova, em quadro de mais ou menos 25 cm de lado, tomando o cuidado de remover antes a "capa" dos cartuchos, não quebrar o "terrão" e comprimir bem a terra ao redor de todo o cilindro enraizado, acabando por "abaciar" a superfície de cada cova e cobrir essa depressão, em torno das plantinhas, com

vegetação morta. Uma turma de 12 homens, convenientemente organizados, podem plantar até 2.000 covas por dia de serviço.

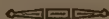
IX — A nova lavoura, até o 3.º ou 4.º ano, será cultivada apenas com forte adubação verde ou "forrageamento" do solo livre; a partir da primeira "franca produção", constitui com os adubos verdes, porém, proceda a uma adubação completa de 2 em 2 anos. Cafèzal assim formado — de alto rendimento, fácil trato — justificará amplamente a introdução intensiva dos modernos meios de cultivo, tais como desbrota sistemática, calagem, cobertura do solo, controle preventivo de pragas e irrigação, inclusive e principalmente, uma cuidadosa colheita que possibilite a produção de café de melhor qualidade.

X — Se V. se dispuser a plantar café em terras já trabalhadas, deve, acima de tudo, ter sempre em mente estes três lemas:

1.º) Café é lavoura para meio século — e por isso não admite erros iniciais, especialmente quanto ao espaçamento e capricho geral do plantio.

2.º) É sempre preferível ter um menor número de pés, que possam ser bem tratados — do que uma grande extensão que não esteja de acordo com sua capacidade de cultivo.

3.º) Gaste o que for preciso, no começo, para economizar e usufruir amplamente no fututro, com base em uma lavoura de elevado rendimento, custeio econômico e que produz café de melhor cotação no mercado. —

Da "Fôlha da Manhã", 5-5-56)

ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA

As crianças, por estarem em período de crescimento, precisam, proporcionalmente, de maior quantidade de alimentos do que os adultos, sobretudo alimentos plásticos: sais e proteínas.

Zele pela saúde de seus filhos, dando-lhes os alimentos de que necessitam, de acôrdo com suas idades. —

INSTRUÇÃO N.º 131, DA SUMOC

Texto definitivo

Com algumas modificações, foi divulgada de novo a Instrução n.º 131, da SUMOC, que, no seu item 6.º, revogava as instruções 112, 117 e 130, às quais foram juntadas, agora, para o mesmo fim, as instruções 114, 115 e 121. Eis na íntegra a resolução da SUMOC, em seu texto definitivo:

"A Superintendência da Moeda e do Crédito, na forma da deliberação do Conselho, em sessão desta data, resolve, de conformidade com os artigos 111, alínea "h", e 6.º do decreto-lei n. 7.293, de 2 de fevereiro de 1945, considerando a necessidade de serem criadas condições favoráveis à exportação de produtos brasileiros, bem como as vantagens de serem unificados os dispositivos em vigor, relativos ao pagamento de bonificação aos exportadores, como referido pelo art. 9.º, da lei n. 2.145, de 29 de dezembro de 1953, baixar a seguinte instrução:

I — Serão atribuídas as seguintes bonificações fixas por dólar americano, ou o seu equivalente em outras moedas, aos produtos de exportação classificados nas quatro seguintes categorias: 1.ª *Categoria*: para o café em grão, em moedas conversíveis e de conversibilidade limitada, 18,70; em outras moedas, 17,19. 2.ª *Categoria*: para o algodão em pluma, cacau em amêndoas, massa de cacau e couros crus, de qualquer espécie, em moedas conversíveis e de conversibilidade limitada, 36,64; em outras moedas, 34,41 4.ª *Categoria*: para todos os demais e resíduos de beneficiamento de fiação, amendoim, batata, bananas e outras frutas de mesa, castanhas do Pará (com casca e descascadas), cedro e outras madeiras em troncos ou serradas em bruto, cêra de carnauba ou ouricuri ou licuri, chá, erva-mate cancheada ou mate beneficiado, farinha de mandioca, feijão, feijão soja, fumo em fôlha ou em corda, lã bruta, suja ou limpa, de qualquer espécie, maçaranduba magnesita (carbonato de magnésio natural), sementes de mamona ou rícino, manteiga e torta de cacau, mentol ou óleo mentolado, milho, minérios de ferro, minério de manganês, óleo de essência de pau-rosa, óleo de oiticica, óleo sassafrás, peles em bruto de qualquer espécie, diaçaba, pinho, serrado em bruto (inclusive ripas e quadradinhos), quartzo, piezo-elétrico e em bruto (cristal de rocha), sorva — em moedas conversíveis e de conversibilidade limitada, 36,64; em outras moedas, 34,41. 4.ª *Categoria*: para todos os demais produtos não incluídos nas três categorias precedentes, em moedas conversíveis e de conversibilidade limitada, 48,64; em outras moedas, 45,92.

II — No licenciamento da exportação, a Carteira de Comércio Exterior observará sempre os fatores que resguardem e interêsse do consumo interno, dependendo, além disso e quando se tratar de manufaturas, da comprovação, pelos interessados, de que a mão de obra e a matéria-prima nacionais concorrem com, pelo menos, 70% (setenta por cento) na integração do respectivo custo de produção.

III — A presente instrução não alterará as normas vigentes para as operações com o algodão da safra de 1955-56, do sul e do norte do país.

IV — A liquidação dos contratos de câmbio provenientes de mercadorias vendidas pela Comissão de Assuntos do Algodão e outros produtos, anteriormente à vigência da presente instrução, será processada de acôrdo com o regime que vigorava na data do fechamento das vendas pela citada Comissão.

V — A presente instrução entrará em vigor na data de sua publicação no "Diário Oficial", aplicando-se às exportações cujos embarques se realizarem a partir de sua vigência.

VI — Ficam revogadas as instruções ns. 112, 114, 115, 117, 121 e 130, de 17-1-1955, 5-2-1955, 3-5-1955, 22-6-1955, 26-7-1955 e 17-4-1956, respectivamente.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", 26-5-56, n.º 419.)

Importação Holandesa de Café

Nos primeiros cinco meses de 1955, o total de café importado pela Holanda atingiu a 488.132 sacas, contra 463.059 sacas no mesmo período de 1954 e 471.884 sacas nos mesmos meses de 1953.

ORIGEM CONFORME PAÍSES

PAÍSES	*Ano* 1955 (11 *meses*) *Sacas*
Brasil	60.987
Colômbia	72.873
América Central	131.827
África	159.450
Indonésia	53.247
TOTAL (x)	488.132

(x) Com outros.

Êstes números mostram o café africano em primeiro lugar, como tem acontecido, também, nos dois anos anteriores; mas em cotejo com 1953 o Brasil está em situação de particular inferioridade, por ter atingido, no período em questão de 1953, 155.052 sacas, contra menos de 61.000 sacas no mesmo período de 1955. A Colômbia tem progredido nêsse mercado, subindo de um total de 40.157 sacas nos primeiros 11 meses de 1953, para 72.873 sacas em idêntico período de 1955. — (Forum Econômico.)

(Do 'Diário de S. Paulo'.)

O CAFE' VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

Nº. 978 CARTA SEMANAL DO MERCADO 6 de Abril de 1956

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Esta semana, várias agências oficiais e organizações particulares consideram em seus relatórios, com otimismo, as possibilidades de que as atividades econômicas durante o ano de 1956 excedam as do ano de 1955.

O Bureau of Census, tratando do volume da mão de obra empregada no transcurso de 1955, declara que o número de pessoas empregadas alcançou um novo recorde, ao passo que o índice do desemprêgo não passou de quatro por cento em relação ao total do número de trabalhadores disponíveis, incluindo-se nêsse número tôdas as pessoas da população civil trabalhando pelo menos 15 horas por semana, isto é, 65.800.000 pessoas, o que representa também um novo recorde. O aumento é, naturalmente, em parte, um reflexo do aumento da população do país. O total médio da mão de obra utilizada foi de 63.200.000 pessoas no ano passado. O aumento se verificou em grande parte nas atividades industriais em geral, uma vez que o aumento registrado na lavoura foi muito ligeiro. O aumento da mão de obra foi acompanhado também por um aumento nas horas de trabalho, nas indústrias, inclusive as horas de trabalho extra. Segundo informa o relatório do Bureau of Census, o novo recorde da mão de obra nos Estados Unidos sòmente foi igualado duas vêzes no período de após-guerra — em 1948, quando os veteranos da guerra voltaram a engrossar as fileiras do trabalho, e em 1950, quando a defesa da Coréia do Norte se achava em processo de formação. A expansão da mão de obra se deve, em grande parte, à mão de obra feminina, sendo de 21.000.000, em média, o número de mulheres trabalhando ou à procura de emprêgo nas estatísticas de 1955.

A indústria das construções, a respeito da qual havia certas preocupações no princípio dêste ano, está agora mostrando renovada vitalidade, com indicações de que suas atividades em 1956 excederão as de 1955, segundo foi apurado numa investigação levada a efeito por uma emprêsa fabricante de materiais de construção, para determinar os compromissos já assumidos para novas obras. O setor das construções de residências particulares, que anteriormente era o fator mais importante na indústria das construções, será menos importante êste ano, esperando-se aumentos espetaculares nos setores relacionados com a indústria, o comércio e as obras públicas.

Um dos ramos mais importantes da produção industrial dos Estados Unidos, e que também serve de excelente índice para o volume das atividades da manufatura em geral, é a da fabricação de máquinas-ferramentas, e essa também está dando indicações de que vai exceder o volume do ano passado. De particular interêsse para a América Latina é o fato de que são as encomendas latino-americanas que estão contribuindo em grande parte para o incremento dêsse ramo da produção da indústria dos Estados Unidos, segundo informa um

relatório de um grupo de exportadores norte-americanos. Um porta-voz dêsse grupo declara que isso se deve tanto ao novo impulso da industrialização da América Latina como ao desejo dos manufatureiros latino-americanos de melhorar a qualidade dos seus produtos e reduzir os custos da sua produção, para que possam competir com vantagem com os concorrentes estrangeiros.

De acôrdo com notícias de fontes oficiais publicadas esta semana, o volume das vendas por atacado durante o mês de fevereiro aumentou de 15% em relação ao volume registrado em fevereiro de 1955, ao passo que o volume dos estoques nas mãos dos comerciantes por atacado aumentou apenas de 10% no mesmo período.

Os preços da produção agrícola continuam a baixar, em comparação com os dos anos anteriores. Apesar dos aumentos da temporada de fevereiro a março, os preços se achavam ainda 5% abaixo dos preços do ano passado na mesma época, e 27% abaixo dos preços máximos registrados em 1951.

Embora o total dos investimentos norte-americanos no exterior tenha diminuído cêrca de 10% em 1955, na América Latina êles aumentaram 17%, considerando-se nessas cifras ùnicamente o capital investido diretamente em emprêsas comerciais e industriais. A receita procedente dos investimentos aumentou de uns 20% em 1955 em relação a 1954.

O Mercado de Valores esteve fechado na Sexta-feira Santa, abrindo com grande firmeza na segunda-feira, os preços-médios alcançando novos máximos. O mercado declinou, entretanto, durante o resto da semana, perdendo a firmeza anterior.

MERCADO DO CAFÉ

Observou-se um notável desinterêsse pelos cafés futuros na semana passada, devendo-se isso ao fato de que se tratou da Semana Santa; mas a falta de movimento dos cafés físicos também influiu no mercado a têrmo. Registrou-se uma grande quantidade de compras e vendas de contratos, para obtenção de posições próximas em troca das posições mais distantes; mas o número de lotes dependendo de entrega na posição de maio é atualmente de 103.500 sacas no Contrato B, e 39.000 sacas no Contrato M, devendo-se começar as entregas dêsse café na Bôlsa no dia 27 de abril próximo. O interêsse pelos cafés do Contrato M aumentou consideràvelmente durante os últimos meses, tendo sido vendidos 2.340 lotes (585.000 sacas) no mês de março, ao passo que no mesmo mês foram vendidos apenas 3.415 lotes (853.750 sacas) no Contrato B.

Os preços dos cafés torrados continuaram a declinar, e muitas marcas estão agora sendo vendidas por preços nos mesmos níveis em que estavam no fim de janeiro e princípio de fevereiro, quando começou a alta dos preços. Consta agora que os vendedores por atacado e no varejo estão com amplos estoques, e muitos torradores estão aguardando que êsses estoques voltem a diminuir. Nesta época do ano, geralmente começa a se fazer sentir um declínio na procura, declínio êsse que continua até os meses quentes do ano, de modo que os comerciantes de café torrado não se sentem impelidos a comprar, com urgência, seus suprimentos de café verde. As expectativas de chegada de cafés em Nova York nas duas semanas seguintes indicam, por sua vez, uma redução nas importações do mês de abril.

O Conselho Diretor do Bureau Pan-Americano do Café convidou a National Coffee Association dos Estados Unidos, a FEDECAME, a Comissão Es-

pecial do Café da Organização de Estados Americanos e os representantes da Associação Inter-Africana do Café, ora em formação, para se fazerem representar por observadores na Reunião Anual Ordinária que o Conselho vai realizar no próximo mês de maio, inaugurando-se o dia 14, na cidade de Nova York. O Sr. Andrés Uribe C., Presidente em exercício do Bureau, declarou que o propósito dos mencionados convites é dar aos representantes de outros grupos interessados no café uma apreciação compreensiva dos programas de pesquisas e de propaganda do Bureau, tais como são os mesmos levados a efeito nos Estados Unidos e no Canadá.

Mercado a têrmo: Na quinta-feira passada, o mercado abriu com firmeza, mas o Contrato B perdeu terreno durante o dia, fechando com preços entre inalterados e 40 pontos abaixo, com apenas 73 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M fechou com ganhos de 25 a 44 pontos, em 133 lotes vendidos. O mercado esteve cerrado na Sexta-feira Santa. Na segunda-feira, as transações foram diminutas, com perdas de 5 a 10 pontos no Contrato B, em 25 lotes vendidos, e com preços entre inalterados e 25 pontos abaixo no Contrato M, em 20 lotes vendidos. Na têrça-feira, o mercado melhorou um pouco, com 171 lotes vendidos no Contrato B, que fechou com preços entre inalterados e 18 pontos abaixo, e com 96 lotes vendidos no Contrato M, que fechou com perdas de 15 a 50 pontos, tendo chegado a perder 100 pontos com os rumores de uma mudança na política monetária da Colômbia. Na quarta-feira, os preços se firmaram um pouco mais, mas as atividades não foram grandes. O Contrato B fechou com altas de 20 a 30 pontos, em 61 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com altas de 50 a 120 pontos, em 45 lotes vendidos. Na quinta-feira, ontem, o Contrato B fechou com altas de 80 a 107 pontos, em 233 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M fechou com altas de 45 a 129 pontos, em 161 lotes vendidos.

Nesta semana, de quinta-feira passada até ontem, o Contrato B registrou ganhos de 60 a 105 pontos, num total de 563 lotes vendidos ,ao passo que o Contrato M registrou ganhos de 130 a 198 pontos, num total de 455 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Houve pouco movimento no mercado, mas como os vendedores mantiveram seus preços, não houve nem altas nem baixas apreciáveis. Observou-se mais firmeza nas cotações dos colombianos, ao passo que não se notou quase venda nenhuma de cafés do México e da América Central. Consta que os produtores da Costa do Marfim, África, já venderam mais de 200.000 sacas da safra atual aos compradores dos Estados Unidos. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 54,00 cents, e os colombianos, a 66,75 cents.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com os seguintes preços:

Contrato B: 15 pontos acima e 10 pontos abaixo.

Contrato M: 45 pontos abaixo e 10 pontos acima.

Havia esta manhã, dependendo de entrega: Contrato B, 2.027 lotes; Contrato M, 1.100 lotes.

NOTA: A Organização de Estados Americanos proclamará o dia 11 de abril próximo o "Dia do Café", como parte das celebrações oficiais da Semana Pan-Americana no Hemisfério. Em nossa Carta Semanal seguinte daremos detalhes relacionados com o "Dia do Café".

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	U. S. A.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
			Destinos Principais		
BRASIL (*)	31-3-56	71,000	56,000	12,000	139,000
	24-3-56	160,000	53,000	20,000	233,000
	2-4-55	140,000	80,000	10,000	230,000
COLÔMBIA (")	31-3-56	66,016	21,647	2,041	89,704
	24-3-56	59,712	11,434	3,204	74,350
	2-4-55	89,042	7,908	879	97,829

ESTOQUES NO ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
		Países de origem		
31-3-56	61,573	194,116	131,181	386,870
24-3-56	54,598	160,605	120,607	335,810
2-4-55	53,096	158,953	31,621	243,670

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	31-3-56	24-3-56	2-4-56
		Semanas terminadas em:		
	Portos	2,754,000	2,811,000	1,890,000
BRASIL (*)	Santos	420,000	442,000	95,000
	Rio	176,000	130,000	109,000
	Paranaguá	2,191,000 (º)	2,176,000 (%)	238,000 (&)
	Pernambuco	15,000	16,000	18,000
	Bahia	16,000	15,000	18,000
	Angra dos Reis	41,000	40,000	22,000
	TOTAL	5,613,000	5,630,000	2,390,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	14,992	22,149	43,068
	Cartagena	39,091	60,095	57,201
	Buenaventura	64,105	79,668	44,092
	Cúcuta	44,518	45,696	162,506
		162,706	207,608	306,867

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DO INTERIOR DE S. PAULO:

Safra	Jan. 1956	Dez. 1955	Jan. 1955
1951-1952	—	—	1,000
1952-1953	—	—	13,000
1953-1954	—	—	—
1954-1955	—	—	3,768,000
1955-1956	5,449,000	5,717,000	—
	5,449,000	5,717,000	3,782,000

Despachos de café por estradas de ferro: 1 *de julho de* 1955 *e* 31 *de janeiro de* 1956, *destinado para:*

Santos	8,372,000
Rio	275,000
Angra dos Reis	18,000
Outros (")	1,845,000
	10,510,000

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(º) 790,000 livre e 1,401,000 retidos.
(%) 763,000 livre e 1,413,000 retidos.
(&) 183,000 livres e 55,000 retidos.
(") Incluindo sacas do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

O MERCADO DO CAFÉ EM LONDRES

Em seu recente número de março, a revista "Coffee & Tea Industries" publica um artigo de John Hay com o título acima, artigo que apresentamos a seguir aos leitores da nossa Carta Semanal, devidamente traduzido:

"Antes de 1939, Londres era um dos mais importantes mercados de café do mundo, com a participação dos maiores compradores de vários países, de modo que os produtores podiam vender o seu café colocando-no no mercado londrino, em vez de ter que distribuí-lo separadamente nos outros países. Depois da Segunda Guerra Mundial, com a escassez do dólar, os mercados de muitas mercadorias deixaram de reiniciar as suas atividades imediatamente, o que fizeram, entretanto, à medida que a situação relacionada com o dólar ia melhorando, até voltar ao seu funcionamento normal.

Apesar do fato de que a libra não é ainda inteiramente conversível, o Govêrno do Reino Unido está seguindo uma política segundo a qual os negociantes britânicos dispõem da maior liberdade para fomentar o comércio de tôdas as mercadorias, dentro dos limites da solvência da moeda inglêsa.

O fato é importante para as Repúblicas da América Latina, especialmente para aquelas que dependem econômicamente da venda no exterior de uma ou mais mercadorias, sendo a receita dessarte obtida vital para o bem-estar dos seus povos. O café domina muitas das economias latino-americanas, representando, nos casos da Colômbia, de El Salvador e da Guatemala, mais de 75% da receita procedente de suas exportações. Nos casos de Costa Rica e da Nicaragua, a porcentagem é inferior a 50%, mas ainda considerável.

Os Estados Unidos são incontestàvelmente os maiores consumidores de café do mundo; mas grandes quantidades do produto são também consumidas nos mercados da Europa, e todos os dólares obtidos pelas Repúblicas da América Central contribuem muito para o financiamento dos projetos levados a efeito pelos governos dessas Repúblicas.

O café é apenas uma das mercadorias negociadas no mercado de Londres em que centenas de milhões de libras de outros produtos — chá, trigo, lã, borracha e metais não ferrosos — são vendidos com a ajuda dos recursos fornecidos pelos experimentados comerciantes londrinos, para benefício dos produtores estrangeiros.

Para que o mercado de café de Londres recupere sua posição dominante do período anterior à guerra, como mercado central do comércio mundial do café, o Govêrno do Reino Unido, apesar das dificuldades do dólar, permite que os negociantes britânicos comprem com dólares, livremente, o café importado da América Central, para revender o produto na área da libra, tanto na Europa como em outras partes. Isso quer dizer que os outros países que não dispuserem de dólares para a compra do café da América Central poderão, dêsse modo, obter o produto em Londres, pagando em libras.

Êsse arranjo é de grande valia para os países produtores de café latino-americanos, uma vez que serve para alargar os seus mercados no estrangeiro, ao mesmo tempo facilitando as transações para o pagamento do produto. Os

produtores de café da América Latina evitam, dessa maneira, a necessidade de realizar numerossas vendas a compradores individuais com os quais não dispõem de contactos comerciais, em muitos casos.

É pequena a porção de café que é realmente embarcada para Londres nêsse processo. Depois de adquirir o café, o negociante londrino em geral faz arranjos para que a mercadoria seja enviada diretamente, através dos portos europeus, para os compradores a quem o café é revendido.

O volume dêsse comércio de reexportação de café, via Londres, é considerável, tendo sido de cêrca de $200.000.000 em 1954, dos quais $20.000.000 de café da Colômbia. Os principais mercados de reexportação do café comprado em Londres são os da Holanda, da Suécia, da Suíça e da Itália. De 1939 a 1954, os consumidores britânicos não puderam beber café da América Central, devido às restrições impostas à importação; mas em 1955 o British Board of Trade permitiu que as compras para consumo interno de café chegassem a $7.000.000, o que foi mais do que suficiente para as necessidades do Reino Unido nos níveis de preços atuais, tendo-se usado apenas a têrça parte dessa quantia para tal fim.

No momento, a procura de café na Grã Bretanha se concentra principalmente nos produtos da África e de Jamáica, os quais são mais baratos do que os outros da mesma qualidade. Os cafés da América Central sempre tiveram, entretanto, uma aceitação tradicional no mercado britânico, esperando-se que aumente a procura dos mesmos, uma vez que os consumidores se acostumem novamente com o café preparado com as mesclas feitas com as importações da América Central."

Nº. 979 CARTA SEMANAL 13 de Abril de 1956

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Em muitos setores da economia norte-americana observa-se presentemente um aumento de atividades, o que torna ainda mais otimistas as perspectivas atuais quanto ao ano de 1956. Os economistas do Govêrno antecipam um total maior no valor total dos produtos e dos serviços dêste ano, uma vez que se continue a média anual esperada para o segundo trimestre, estimada em .... 400.000.000.000. A receita individual continuou a subir no primeiro trimestre, e, com o otimismo dos negócios, espera-se que também continue a aumentar o consumo individual, especialmente devido ao fato de que os aumentos de salários nos contratos esperados na primavera e no verão contribuirão para incrementar substancialmente o total das receitas individuais.

Diante de uma procura sem precedentes, os fabricantes de aço estão enviando mais cedo do que de costume os seus navios para transporte de minério aos roteiros do norte, com a esperança de que êles possam navegar entre os gelos desta época de degelo e trazer das áreas setentrionais dos Estados Unidos e do Canadá os suprimentos necessários de minério de ferro. Muitos fornecedores de aço estão atrasados nas entregas das encomendas, com a contínua expansão da economia em geral, estando a procura de aço excedendo a capaci-

dade de produção. É interessante observar que isso está acontecendo apesar do fato de que no primeiro trimestre dêste ano houve uma redução de 20% na produção de automóveis, de modo que nos círculos industriais está sendo discutida a possibilidade da falta de aço nos meses de maio e junho. Se as vendas de carros melhorar apreciàvelmente nas semanas próximas, as companhias manufatureiras insistirão, naturalmente, no sentido de receber as encomendas feitas prèviamente às usinas de aço, o que ocasionará uma diminuição de suprimento para as outras indústrias, as quais, assim, terão que diminuir a sua produção ou comprar aço por preços mais elevados, com bonificação. A prosperidade econômica da Europa está agora dando sinais de retraimento, e se essa tendência continuar, o aço europeu poderá ser importado, por algum tempo, por preços especiais, com bonificação.

Em março avolumou-se a mão de obra nos Estados Unidos, com um acréscimo de 500.000 pessoas a mais empregadas, sendo o total de 63.100.000. Essa cifra representa um aumento de 2.500.000 em relação ao mês de março de 1955. Na indústria dos tecidos houve uma redução de mão de obra, mas essa redução foi contrabalançada por um aumento na indústria das construções e em outras indústrias que normalmente se expandem nessa temporada do ano, com a melhoria do tempo. A mão de obra na agricultura agora é de 5.700.000 pessoas, ou cêrca de 9% do total das pessoas empregadas no país. O número de desempregados permaneceu o mesmo: 2.800.000. O aumento das ocupações decorreu em parte das atividades comerciais da temporada da Páscoa e em parte do crescimento natural da mão de obra. Os trabalhadores agrícolas que deixaram de trabalhar no inverno não são considerados como desempregados, uma vez que não estão em busca de trabalho, constituindo, ao contrário, elementos adicionais para a próxima temporada. O máximo da ocupação ocorreu em agôsto de 1955, com 65.900.000 de pessoas empregadas nos Estados Unidos.

Em março, o total do valor das construções executadas e das projetadas chegou a quase três bilhões de dólares, o primeiro trimestre dêste ano igualando o mesmo período de 1955. As restrições oficiais monetárias estabelecidas pelo Federal Reserve Board afetam as construções mais do que a qualquer outra atividade industrial, uma vez que quase todos os projetos são financiados mediante hipotecas. Entretanto, a indústria das construções espera expandir-se nos meses vindouros, com o estímulo fornecido pelo Govêrno sob várias formas, especialmente para a construção de casas particulares.

As atividades no Mercado de Valores foram irregulares, devido aos rumores de aumento nos juros e às vendas provocadas para pagamento dos impostos, no dia 15, mas as perdas foram pequenas para a maioria das ações. As ações do aço não se alteraram, esperando-se um recorde no primeiro trimestre do ano. As ações das companhias de aviões melhoraram, com os contratos dados pelo Govêrno, no valor de muitos milhões de dólares para a construção de aparêlhos impulsionados pela energia atômica.

MERCADO DO CAFÉ

Como parte das celebrações da Semana Pan-Americana, que ora termina, o dia 11 de abril foi proclamado o "Dia do Café" pelo Dr. Cesar Túlio Delgado, Presidente da Organização de Estados Americanos. Comemorações relacionadas com o "Dia do Café" tiveram lugar em Washington, D.C., em Nova York, Mon-

treal e em várias cidades dos Estados Unidos. Falando em um almôço na capital norte-americana, de que participaram representantes governamentais e diplomatas, o Sr. Andrés Uribe, Presidente em exercício do Bureau Pan-Americano do Café, declarou que a estabilização da indústria do café é essencial ao desenvolvimento econômico e social da América Latina. O Sr. Uribe chamou também a atenção para o fato de que tem sido estudada a questão do acôrdo internacional do café, tornando-se necessário um exame aprofundado das relações entre a produção do café e o consumo atual e o consumo potencial do produto. Mencionando a importância do comércio da América Latina para os Estados Unidos, o Sr. Uribe declarou que "é significativo o fato de que com a receita obtida com a sua exportação de café os países latino-americanos pagam 45% das importações que fazem aos Estados Unidos".

Nesta semana, os preços se mostraram definitivamente mais firmes, com ganhos consideráveis tanto no Contrato B como no Contrato M, no mercado a têrmo. Embora não se registrasse um aumento especial nos preços dos cafés físicos, a firmeza dos futuros também se fêz refletir, no fim da semana, nos preços dos físicos. O Contrato M mostrou uma firmeza ligeiramente maior do que o Contrato B, ao contrário da tendência observada em fevereiro e março, de declínio geral. A julgar-se pelas compras de café para consumo nos lares, não se observou nenhuma reação do público em relação aos aumentos dos preços no varejo havidos nos dois últimos meses. As compras das donas de casa têm se mantido altas, mais ou menos no mesmo nível do último trimestre de 1955. Embora os estoques de café nas mãos dos torradores se calculem agora em mais de 2.600.000 sacas, o máximo observado no período de um ano e meio, essa quantidade representa apenas o abastecimento suficiente para três semanas de consumo. Os torradores, que pouco tem comprado, há duas semanas e meia, nos mercados primários, em breve terão que voltar a comprar café novamente, mesmo que seja apenas para manter a torrefação reduzida nesta temporada do ano.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, o mercado esteve incerto, com resultados variados, o Contrato B fechando com 10 pontos abaixo e 10 pontos acima, em 174 lotes apenas vendidos, o Contrato M fechando com baixas em tôdas as posições, de 27 a 55 pontos, em 125 lotes vendidos. Na segunda-feira, depois do anúncio de que o Conselho Social e Econômico da Organização de Estados Americanos tinha votado no sentido de que a Comissão Especial do Café preparasse um projeto de acôrdo internacional do café, os preços geralmente subiram, o Contrato B fechando com altas de 5 a 35 pontos, em 174 lotes vendidos, e o Contrato M fechando com altas de 42 a 65 pontos, em 125 lotes vendidos. Na terça-feira, o mercado continuou a se mostrar firme, o Contrato B com altas de 55 a 83 pontos, em 184 lotes vendidos, e o Contrato M com altas de 70 a 93 pontos, em 230 lotes vendidos. Na quarta-feira, os preços subiram ainda mais bruscamente, especial no Contrato M, o qual fechou com ganhos de 80 a 144 pontos, em 115 lotes vendidos, observando-se os maiores ganhos nas posições mais distantes. O Contrato B fechou com ganhos de 25 a 32 pontos, em 198 lotes vendidos. Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com altas de 7 a 75 pontos, em 315 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com ganhos de 25 a 100 pontos, em 142 lotes vendidos.

Da quinta-feira passada até ontem, o Contrato B registrou aumentos de 120 a 205 pontos, num total de 999 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M registrou altas de 260 a 300 pontos, num total de 789 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Embora durante tôda a semana as atividades neste mercado tenham sido diminutas, alguns torradores começaram a comprar novamente cafés físicos nos meados da semana. E apesar da falta de atividades, os preços subiram notadamente, como reflexo da firmeza dos preços no mercado a têrmo. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 55,25 cents, e os colombianos, a 69,50 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com baixas de 16 a 40 pontos, e o Contrato M, com baixas de 5 a 50 pontos.

O número de lotes dependendo de entrega, no Contrato B, era de 2.037, e no Contrato M era de 1.170.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Destinos principais			
		U. S. A.	EUROPA	OUTROS	TOTAL
BRASIL (*)	7-4-56	82,000	103,000	26,000	211,000
	31-3-56	71,000	56,000	12,000	139,000
	9-4-55	120,000	25,000	14,000	159,000
COLÔMBIA (")	7-4-56	80,010	21,203	3,909	105,122
	31-3-56	66,016	21,647	2,041	89,704
	9-4-55	30,889	10,456	—	41,345
	Dados mensais				
BRASIL (*)	Março 1956 (&)	711,000	439,000	51,000	1,201,000
	Fevereiro 1956	1,307,000	588,000	83,000	1,978,000
	Março 1955	490,000	369,000	64,000	923,000
COLÔMBIA (")	Março 1956	313,279	70,797	9,156	393,232
	Fevereiro 1956	471,117	73,363	9,947	554,427
	Março 1955	323,938	44,984	5,558	374,480

ESTOQUES NO ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	Países de origem			
	BRASIL	COLÔMBIA	OUTROS	TOTAL
7-4-56	64,225	231,692	143,271	439,188
31-3-56	61,573	194,116	131,181	386,870
9-4-55	34,665	163,715	37,264	235,644

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em:		
		7-4-56	31-3-56	9-4-55
BRASIL (*)	Santos	2,800,000	2,754,000	1,824,000
	Rio	441,000	420,000	136,000
	Vitória	184,000	176,000	112,000
	Paranaguá	2,178,000 (°)	2,191,000 (%)	228,000 (")
	Pernambuco	13,000	15,000	20,000
	Bahia	17,000	16,000	18,000
	Angra dos Reis	41,000	41,000	27,000
	TOTAL	5,674,000	5,613,000	2,365,000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	15,451	14,992	47,928
	Cartagena	46,211	39,091	59,018
	Buenaventura	60,146	64,105	73,942
	Cúcuta	42,015	44,518	165,085
	TOTAL	163,823	162,706	345,973

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.

(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.

(O) 757,000 livre e 1,421,000 retidos.

(%) 790,000 livre e 1,401,000 retidos.

(") Livre.

(&) Cifras preliminares.

Nº. 980 — CARTA SEMANAL — 20 de Abril de 1956

SITUAÇÃO ECONÔMICA

As autoridades monetárias dos Estados Unidos chegaram à conclusão de que a economia nacional está sendo afetada pelas pressões inflacionárias, e no dia 12 dêste o Federal Reserve Board anunciou que seria aumentada a taxa de descontos. Para os bancos que fazem parte do Sistema Federal de Reserva, o aumento dos juros que êles devem pagar pelos empréstimos feitos aos Bancos da Reserva Federal nos seus respectivos distritos, dos quais há 12 nos Estados Unidos, representa também um aumento nos juros para os que lhes fazem empréstimos. Assim sendo, muitos bancos comerciais importantes aumentaram os seus juros nesta semana. A medida tomada pelo Federal Reserve Board tem como objetivo manter ou reduzir o volume dos empréstimos comerciais e diminuir tanto a acumulação de estoques de mercadorias como a extensão dos investimentos especulativos. Essa decisão foi tomada com a finalidade de se evitar que, como se supõe, as facilidades de créditos estão sendo utilizadas com o propósito de fomentar a demanda de produtos de fabricantes cujas indústrias já se acham funcionando no máximo da sua capacidade. O índice dos preços no atacado chegaram no princípio dêste mês ao seu ponto mais elevado desde dezembro de 1951, depois de ter permanecido inalterável durante quase um ano. Em consequência da mudança dos preços no atacado, o índice dos preços no varejo, que tem estado também inalterável durante quase três anos, provàvelmente sofrerá um aumento em breve. Segundo informa o Federal Reserve Board, esta semana, a produção industrial baixou ligeiramente em março, esperando-se, porém, que essa tendência não continue no mês de abril corrente. A baixa observada no mês passado, segundo a mesma fonte, se deve ao fato de que a produção das mercadorias de consumo, especialmente os automóveis, não teve o aumento que em geral se observa nesta época do ano. Na sua maioria, porém, as outras atividades industriais foram intensas. As cifras das vendas no varejo, da mão de obra ocupada e das receitas também estiveram perto dos níveis de récorde. A procura de créditos e de capitais foi grande, e os relatórios de muitas corporações, que agora estão sendo publicados, sôbre os lucros realizados no primeiro trimestre de 1956, indicam que as vendas foram maiores que as do mesmo período no ano passado, mas que os lucros líquidos foram menores do

que nos trimestres anteriores. Isso se explica pelo fato de que muitas emprêsas comerciais têm dispendido grandes quantias em pesquisas levadas a efeito com o fim de conseguir mais freguêses que possam absorver a sua produção intensificada.

O Presidente Eisenhower vetou esta semana o projeto de lei agrícola segundo o qual seria renovado o apôio dos preços num alto nível. O Presidente declarou que a lei serviria justamente para prejudicar os seus próprios propósitos, e que faria voltar a imperar a política agrícola que tem sido provadamente contrária aos interêsses dos lavradores e dos consumidores, criando demasiados excedentes da produção. O Chefe do Executivo solicitou ao Congresso a aprovação de outro projeto de leite, segundo o qual os lavradores seriam pagos pela diminuição da sua produção. Os preços dos produtos agrícolas constituem um ponto delicado da economia norte-americana, e continuam a ser motivos de muitas preocupações pessimistas. Como consequência do declínio dos preços agrícolas, vários manufatureiros de máquinas agrícolas anunciaram já que vão reduzir a sua produção devido à ecassez das vendas. Por exemplo, grandes fabricantes como a International Harvesting Co., a Allis Chalmers Co. e a Ford Motor Co. já reduziram sua fabricação de tratores numa proporção de 13 a 30% no ano corrente.

Depois das atividades da semana passada, os preços do Mercado de Valores continuaram a declinar, mas de maneira mais vagarosa durante esta semana. As restrições impostas ao crédito e as vendas de ações para pagamento de impostos de 1955 (pagos até 16 de abril) foram os fatores citados em relação com a situação. As ações das companhias de automóveis estiveram particularmente fracas em virtude dos relatórios segundo os quais a produção de carros, até agora, está 20% abaixo do nível registrado na mesma época do ano passado.

MERCADO DO CAFÉ

Foram irregulares as tendências dos preços no Mercado a Têrmo, esta semana, embora em geral revelando firmeza, e as altas causaram vendas para a realização de lucros. O renovado interêsse a respeito de um acôrdo internacional do café, demonstrado pelo fato de que o Conselho Social e Econômico Inter-Americano, da Organização de Estados Americanos, votou a favor da preparação de um esbôço do referido acôrdo, redigido pela Comissão Especial do Café, é considerado como uma boa influência no mercado. Os comerciantes do café não deram grande atenção às notícias de que houve ligeiras geadas no sul do Brasil, uma vez que se considera ainda cedo para que possa ocorrer uma geada forte nesta época do ano, e os observadores citam o fato de que as duas últimas geadas ocorreram ambas em julho.

A procura de café por parte dos torradores é muito moderada ainda, mas as ofertas do produto também não são volumosas, de modo que não se nota nenhuma pressão na estrutura dos preços no mercado de físicos. Consta que o Presidente Kubitschek declarou, em entrevista com os jornalistas, que o seu Govêrno não está considerando a realização de reformas monetárias no transcurso do ano corrente. Embora essa declaração não elimine a possibilidade de que o Presidente mude de parecer no futuro, de acôrdo com as circunstâncias ou

as necessidades, ela desfaz os rumores atuais acêrca das ditas reformas, rumores êsses que causam perturbações no mercado. Por outro lado, as notícias vindas da Colômbia indicam que quaisquer modificações na política monetária daquele país não afetarão o valor cambial do café, de modo que, em geral, a atmosfera básica do mercado do café atualmente parece ser favorável à realização dos negócios.

Mercado a Têrmo: Na sexta-feira passada, os preços declinaram durante o comêço do dia, com as vendas para realização de lucros, depois de uma contínua alta dos preços durante vários dias. Todavia, o interêsse dos compradores aumentou no fim do dia, tendo o Contrato B fechado com perdas de 5 a 35 pontos apenas, em 157 lotes negociados, e o Contrato M fechado com ganhos de 5 a 40 pontos, em 133 lotes negociados.

Na segunda-feira, a alta dos preços, parcialmente interrompida na sexta-feira, tornou a se manifestar. O Contrato B registrou ganhos de 96 a 125 pontos, em 272 lotes vendidos, e o Contrato M registrou ganhos de 50 a 108 pontos, em 153 lotes vendidos.

Na terça-feira, os preços se mostraram enfraquecidos, e essa fraqueza provocou nova liquidação durante o fim do dia. O Contrato B fechou com perdas de 83 a 95 pontos, em 190 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com perdas de 75 a 95 pontos, em 128 lotes vendidos.

Na quarta-feira, os preços tiveram uma grande flutuação, e, embora houvesse sinais de firmeza no fim do dia, o Contrato B fechou com preços entre inalterados e 15 pontos abaixo, em 148 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com perdas de 40 a 90 pontos, em 81 lotes vendidos.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com altas de 30 a 49 pontos, em 156 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com ganhos de 15 a 95 pontos, em 136 lotes vendidos.

Na semana de quinta-feira passada até ontem, o Contrato B registrou ganhos de 5 a 85 pontos, num total de 923 lotes, ao passo que o Contrato M registrou resultados variados, com 20 pontos abaixo e 85 pontos acima, num total de 631 lotes vendidos.

Mercado de Físicos: O mercado de físicos esteve pouco ativo esta semana, os preços permanecendo firmes, e tanto a procura como a oferta foram pouco intensas. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 56,25 cents, e os colombianos, a 68,75 cents.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com baixas de 10 a 30 pontos no Contrato B, e com 25 pontos abaixo e 2 pontos acima do Contrato M. No Contrato B, 2.011 lotes estavam dependendo de entrega; no Contrato M, 1.236. Na sexta-feira passada, essas cifras eram, respectivamente, 2.037 sacas e 1.117 sacas.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais*			
		U. S. A.	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	14-4-56	150,000	60,000	4,000	214,000
	7-4-56	82,000	103,000	26,000	211.000
	16-4-55	187,000	117,000	2,000	306,000

COLÔMBIA (")	14-4-56	50,725	9,493	1,240	61,458
	7-4-56	80,010	21,203	3,909	105,122
	16-4-55	45,130	4,496	291	49,917

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*Países de origem* *COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
14-4-56	67,858	240,058	160,096	468,012
7-4-56	64,225	231,692	143,271	439,188
16-4-55	27,652	163,021	36,474	227,147

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* *14-4-56*	*7-4-56*	*16-4-55*
BRASIL (*)	Santos	2,789,000	2,800,000	1,873,000
	Rio	497,000	441,000	118,000
	Vitória	179,000	184,000	113,000
	Paranaguá	2,171,000 (O)	2,178,000 (%)	213,000 (&)
	Pernambuco	12,000	13,000	15,000
	Bahia	18,000	17,000	19,000
	Angra dos Reis	42,000	41,000	20,000
	TOTAL	5,708,000	5,674,000	2,371,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	21,717	15,451	52,166
	Cartagena	40,884	46,211	60,192
	Buenaventura	82,698	60,146	73,108
	Cúcuta	42,015	42,015	167,000
	TOTAL	187,314	163,823	352,466

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.

(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.

(O) 770,000 livre e 1,401,000 retidos.

(%) 757,000 livre e 1,421,000 retidos.

(&) 210,000 livre e 3,000 retidos.

NOTÍCIAS DO CAFÉ

COSTA DO MARFIM: Os exportadores de café da Costa do Marfim e as autoridades francêsas encarregadas da administração do Fundo para Apôio do Café naquela área de produção na África chegaram a um acôrdo sôbre um novo contrato, tendo os administradores do Fundo concordado em comprar o restante da safra de 1955-56, o qual é estimado pelas fontes oficiais em 1.833.000 sacas. Até a semana passada, cêrca de 82% da safra tinham sido colocados no mercado, incluindo-se nêsse total 475.000 sacas compradas pelo próprio Fundo.

O Fundo está financiando o café da Costa do Marfim, na base de 26 c/ o quilo pelo café pesado em Abijan, beneficiado, e um pouco menos pelo café não beneficiado dos plantadores. O café está sendo adquirido para o Fundo pelos exportadores da Costa do Marfim, que recebem uma compensação de uma fração de cent (U.S), a libra, por mês, para financiamento e armazenamento do produto. O café assim adquirido pode ser vendido pelo Fundo através dos exportadores, a qualquer tempo, de acôrdo com o parecer dos administradores do Fundo, segundo resa o novo contrato. Os exportadores têm o direito de solicitar a compra do café do Fundo, por conta própria, mas apenas três meses depois de ter sido o café adquirido pelo Fundo. Nêsse caso, o Fundo deve oferecer um preço — baseado na média das cotações nos mercados da França e do estrangeiro — e os exportadores podem aceitar ou rejeitar tal preço no prazo de alguns dias.

("G. G. Paton", 13 de abril de 1956.)

BÉLGICA: Segundo notícias do Congo Belga, a Bélgica continua sendo êste ano o país que mais compra café daquela área, seguida de perto pelos Estados Unidos.

Dos dois tipos de café produzidos no Congo Belga, o Arábica continua sendo o mais importante. As exportações do café Robusta foram de 360.617 sacas durante o ano de 1955, e embora essa cifra constitua um novo recorde, devemos ter em conta que está apenas ligeiramente acima do recorde anterior, de 346.450 sacas, registrado em 1945.

Por outro lado, as exportações do café Arábica do Congo Belga subiram de 20% no ano de 1955, sendo de 104.850 sacas. O aumento é notável, porque a área devotada ao cultivo do Arábica foi menor êste ano do que no ano anterior. Entrementes, as exportações do café da área de Ruanda-Urundi aumentaram de 80%, em consequência dos projetos de limpeza do terreno e de novas plantações feitas no transcurso dos últimos cinco anos.

Os Estados Unidos compraram grande parte do aumento da produção de café Arábica do Congo Belga, sendo o total de suas compras em 1955 de 158.150 sacas. A Bélgica, porém, comprou mais de sua própria colônia, com um total de 264.600 sacas. A Itália teve o terceiro lugar em 1955, comprando ùnicamente café Robusta, ao passo que a Alemanha teve o quarto lugar, comprando principalmente café Arábica de Kivu.

Segundo as informações de fontes do comércio do café, as vendas do café Arábica, embora às vêzes difíceis, constituem um problema menos difícil do que as vendas do café Robusta, o qual sofre uma tremenda competição de outras fontes de produção. O café Arábica é semelhante ao tipo suave produzido na Colômbia.

("Journal of Commerce", 3 de abril de 1956.)

UGANDA: Segundo afirmam os técnicos do novo Grupo de Pesquisa do Café, do Departamento de Agricultura de Uganda, o café Arábica surgiu de um cruzamento das espécies Excelsa e Eugeniodes. Essa é a informação dada à publicidade recentemente por um correspondente britânico que visitou as áreas de produção do café na África Oriental. Declaram os referidos técnicos

que essas duas variedades realizaram um cruzamento natural, em que as características de ambas foram retidas em seus cromossomas, dando como resultado a planta Arábica, a qual agora se acredita ter sido, assim, um produto híbrido aparecido originalmente na Etiópia.

O Grupo de Pesquisa do Café vai tentar repetir o cruzamento em condições controladas. A variedade Robusta é nativa de Uganda e de outras partes da África.

"Uganda — escreve o dito correspondente britânico — não tem nenhuma ambição territorial ao reclamar para si a original planta do café... Mas parece que a primeira planta do café não foi Arábica, tendo havido vários tipos de "café do mato", incluindo-se entre êles o café Robusta."

("News Letter", N.C.A., 13 de abril de 1956.)

Nº. 981 CARTA SEMANAL 27 de Abril de 1956

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Segundo estimativa do Conselho de Assessores Econômicos do Presidente dos Estados Unidos, a produção total de mercadorias e serviços no primeiro trimestre de 1956 ascendeu à média anual de $399.000.000.000. O aumento da produção nêsse período foi muito maior do que se esperava, e apenas recentemente alguns economistas do Govêrno manifestaram a opinião de que talvez no segundo trimestre o total de $400.000.000.000 pudesse ser alcançado. Os fatores mais importantes considerados nessa estimativa são a receita individual e as despesas dos consumidores, que muito aumentaram no período em questão. Observa-se que a produção industrial total diminuiu ligeiramente, estando a um nível abaixo do último trimestre de 1955, ao passo que o aumento no valor total da produção se atribui mais aos altos preços do que ao incremento do volume da produção. Os relatórios comerciais das grandes corporações sôbre o primeiro trimestre do ano, ora publicados, indicam que os ganhos das indústrias do aço e do petróleo subiram a novos níveis de recorde. Segundo um porta-voz da indústria do aço, a acumulação de inventários dêsse produto é que explica, em parte, a intensa procura que mantém as usinas funcionando no máximo da sua capacidade. Se assim é, a produção do aço diminuirá mais tarde êste ano. Por sua vez, os inventários estão sendo acumulados devido ao fato de que o contrato atual entre as emprêsas e os sindicatos termina êste ano, e os dirigentes das companhias estão se preparando para negociar um novo contrato. O contrato das emprêsas do aço com os sindicatos em geral estabelecem a norma a ser seguida nas demais indústrias, de modo que as referidas negociações serão observadas de perto e cuidadosamente pelos interessados em todo o país. As perspectivas da indústria dos automóveis são um pouco desfavoráveis, contemplando-se uma redução de 10% em algumas usinas, porque as vendas ficaram aquém da expectativa. A produção corrente é bastante menor do que a do ano passado nesta época. A acumulação dos estoques, tanto no setor da produção como no setor do comércio, continua, embora não se observe nenhuma aceleração no ritmo dessa acumulação, a qual se deve, numa proporção de 40%, na opinião dos economistas do Departamento do Comércio, ao custo mais alto das mercadorias substituídas.

Por outro lado, as indústrias de fabricação de máquinas-ferramentas e de construções oferecem excelentes expectativas. O volume das encomendas novas para compras de máquinas-ferramentas aumentou grandemente no mês de março, depois de ter baixado bruscamente em fevereiro, em lugar de ter baixado ainda mais como se esperava. Em consequência, aumentou também o volume das encomendas ainda não satisfeitas. A indústria das máquinas-ferramentas é uma das que apresentam mais variações, constituindo um dos indicadores econômicos mais importantes. A construção das casas particulares de habitação diminuiu, estando numa média anual de 1.100.000 unidades; mas os preparativos que estão sendo levados a efeito para as novas construções indicam um aumento de atividades nêsse importante setor nos meses vindouros.

O Congresso dos Estados Unidos aprovou a verba de $1.200.000.000 para o programa de financiamento especial das terras de cultivo não cultivadas. De acôrdo com o dito programa, os lavradores serão compensados pelo fato de não cultivarem as terras de cultivo das culturas que atualmente estão em super-produção, não podendo, entretanto, plantar outras culturas nessas terras. Em anos anteriores, os lavradores cujos plantios eram restringidos recebiam relativamente alto apôio nos preços da sua produção reduzida, e, ao mesmo tempo, faziam outros plantios nas terras não utilizadas, dêsse modo contribuindo para agravar o problema da super-produção agrícola. O novo programa tem como fim remediar as deficiências dos programas anteriores e aumentar a receita dos lavradores.

Os preços do Mercado de Valores estiveram firmes no comêço da semana, particularmente os das ações das indústrias de aço, de estradas de ferro e de petróleo. No transcurso da semana, porém, os preços se mostraram variáveis, acreditando-se que os preços altos atuais poderão ser afetados com facilidade pelos acontecimentos políticos ou econômicos de ordem geral desfavoráveis e apresentar, consequentemente, uma baixa geral.

MERCADO DO CAFÉ

Os preços do café baixaram bruscamente, no meio da semana, depois de se terem mantido em altos níveis durante a maior parte do mês corrente. A oferta de cafés colombianos da nova safra por baixos preços, por parte dos exportadores, foi o fator mais importante nêsse declínio, segundo a opinião de muitos observadores. Outros declaram que o declínio atual é uma ''correção'' natural do mercado, achando-se os preços muito altos ùltimamente em relação à situação geral. Os preços do café, especialmente os do café da Colômbia, recentemente tiveram um aumento de 4 a 5 cents, êsse aumento sendo mantido durante umas três semanas, sem que se modificasse a situação da procura. Não havendo nem um suprimento abundante de certos tipos de café nem uma boa procura dêles, recentemente, o mercado tem se tornado o mercado dos comerciantes de café, pròpriamente dito, e nessas condições as liquidações ocasionais podem provocar um reajustamento brusco dos preços da mercadoria. Por outro lado, a procura ocasional dos torradores, para substituir suprimentos, pode provocar pressões altistas no mercado. O fator da temporada é talvez o mais importante a ser considerado no momento, uma vez que o comércio do café espera nesta época do ano uma tendência de diminuição nas vendas do produto, não se tornando particularmente necessário manter os estoques nos canais de distribuição em

níveis relativamente altos. Pode-se dizer, com bastante precisão, que no momento os torradores acham que estão pelo menos em igualdade de condições com os fornecedores que declaram ter suprimentos limitados de bom café.

O Sr. Manuel Mejia, Gerente geral da Federação Nacional de Cafèicultores da Colômbia, declarou, em entrevista coletiva com a imprensa, no dia 25 do corrente, que êste ano será favorável aos produtores de café e que serão mantidos os bons preços. O consumo mundial melhorou muito durante êste ano, e na Europa tem surgido bons mercados nos últimos dois anos. O Sr. Mejia declarou mais que a safra de abril-junho na Colômbia será menor do que as dos anos mais recentes e que a produção total de 1956 não será provàvelmente boa.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, os preços estiveram geralmente frouxos, o Contrato B fechando com perdas de 45 a 60 pontos, em 136 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M fechou com preços entre inalterados e 35 pontos abaixo, em 71 lotes vendidos.

Na segunda-feira, o mercado abriu com uma nota de debilidade, mas durante o dia as compras aumentaram, dando alguma firmeza aos preços. O Contrato B fechou com ganhos de 15 a 35 pontos, em 164 lotes negociados, ao passo que o Contrato M fechou com 5 pontos abaixo e 30 pontos acima, em 48 lotes negociados.

Na têrça-feira, as transações pràticamente cessaram, sendo vendidos apenas 54 lotes no Contrato B e 38 no Contrato M. O mercado se mostrou débil, o Contrato B perdendo de 25 a 32 pontos, e o Contrato M perdendo de 6 a 63 pontos.

Na quarta-feira manifestou-se uma grande pressão de vendas, e algumas opções do Contrato B foram vendidas com a baixa máxima de 200 pontos durante o dia. Em sua maioria, os preços das posições se reabilitaram, tendo os comerciantes aumentado as compras para coberturas, perto do fechamento. O Contrato B fechou com baixas de 115 a 125 pontos, e o Contrato M com baixas de 49 a 190 pontos. Foram vendidos 244 lotes no Contrato B e 180 lotes no Contrato M.

Ontem, quinta-feira, o Contrato B fechou com perdas de 20 a 70 pontos, em 271 lotes negociados, e o Contrato M fechou com 50 pontos acima e 50 pontos abaixo, em 98 lotes negociados.

Na semana de sexta-feira passada até ontem, o Contrato B registrou perdas de 200 a 240 pontos, em um total de 869 lotes vendidos, ao passo que o Contrato M registrou perdas de 125 a 180 pontos, em um total de 435 lotes vendidos.

Mercado de físicos: Embora as atividades nêsse mercado tenham sido muito diminutas, os preços em geral se mantiveram firmes até quarta-feira, quando houve uma descida brusca, coincidindo com a baixa no mercado a têrmo. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 55,50 cents, e os colombianos, a 66,25 cents.

Última hora: Esta manhã, o Contrato B abriu com altas de 35 a 100 pontos, e o Contrato M com altas de 25 a 100 pontos. Havia 1.882 lotes dependendo de entrega no Contrato B e 1.301 no Contrato M. Na sexta-feira passada, essas cifras eram, respectivamente, 2.011 lotes e 1.236 lotes.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*U. S. A.*	*Destinos principais* *EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	21-4-56	169,000	112,000	18,000	299,000
	14-4-56	150,000	60,000	4,000	214,000
	23-4-55	157,000	65,000	15,000	237,000
COLÔMBIA (")	21-4-56	58,642	4,692	1,459	64,793
	14-4-56	50,725	9,493	1,240	61,458
	23-4-55	64,315	7,997	3,909	76,221

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*Países de origem* *COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
21-4-56	60,351	238,546	180,023	478,920
14-4-56	67,858	240,058	160,096	468,012
23-4-55	27,215	153,174	36,499	216,888

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	*Semanas terminadas em:* *21-4-56*	*14-4-56*	*23-4-55*
BRASIL (*)	Santos	2,777,000	2,789,000	1,778,000
	Rio	483,000	497,000	81,000
	Vitória	186,000	179,000	121,000
	Paranaguá	2,157,000 (°)	2,171,000 (%)	189,000 (&)
	Pernambuco	13,000	12,000	14,000
	Bahia	16,000	18,000	20,000
	Angra dos Reis	42,000	42,000	20,000
	TOTAL	5,674,000	5,708,000	2,223,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	20,207	21,717	39,672
	Cartagena	48,922	40,884	65,032
	Buenaventura	104,138	82,698	84,342
	Cúcuta	38,289	42,015	167,573
	TOTAL	211,556	187,314	356,619

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) 769,000 livre e 1,388,000 retidos.
(%) 770.000 livre e 1,401,000 retidos.
(&) 187,000 livre e 2,000 retidos.

NOTÍCIAS DO CAFÉ

Propaganda do café gelado: Com o propósito de transformar o verão nos Estados Unidos numa estação de maior consumo do café, o Bureau Pan-Americano do Café está auspiciando um programa de propaganda para se

incrementar a bebida do café gelado, dêsse modo contribuindo para o desaparecimento da queda das vendas do café durante o verão, queda essa avaliada em $100.000.000.

Embora o café gelado já seja uma bebida popular em certas áreas dos Estados Unidos, acredita-se que mediante uma intensiva campanha de promoção o café possa partilhar da popularidade de outras bebidas nêsse grande mercado dos refrescos e tornar maior o consumo total do produto.

O Bureau fará publicar uma série de anúncios sôbre o café gelado nas revistas populares mais importantes, a começar com uma reclame de especial efeito no número de 2 de junho na ''The Saturday Evenig Post''. Essa campanha conta com a cooperação de companhias de café e mercados-de-cadeia de destaque, tendo muitas delas já encomendado material de publicidade e de propaganda, que é apresentado como complemento da campanha de promoção. material êsse também preparado pelo Bureau.

Através dos anúncios aos consumidores, o Bureau está oferecendo um novo livreto com receitas preparadas com café, e as companhias que cooperam com o Bureau também oferecem o livreto aos seus freguêses. O Bureau está também publicando anúncios sôbre o café gelado em revistas comerciais especializadas no negócio do café, no negócio dos restaurantes e no negócio das vendas de artigos alimentícios no varejo. As indústrias correlatas à do café, como as firmas produtoras de gêlo e de sorvetes, também estão dando publicidade ao café gelado, no esfôrço conjunto de promoção organizado pelo Bureau.

O progresso da América Latina: O Sr. Eugene Black, Presidente do Banco Mundial, prediz que a América Latina fará os maiores progressos do mundo livre nos próximos vinte anos, desde que não haja uma guerra de grandes proporções. Falando perante o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, na semana passada, sôbre o progresso econômico do mundo, o Presidente do Banco Mundial disse, entre outras coisas, o seguinte:

''A continuação do progresso econômico nos países industrializados tem. naturalmente, que depender de um fornecimento maior de matérias primas e de produtos agrícolas por parte dos países sub-desenvolvidos. No que se refere à América Latina, as nações produtoras de metais são as que mais se beneficiarão com êsse progresso. É provável que o aumento da receita dos países latino-americanos em consequência da sua produção agrícola seja menor no futuro, uma vez que os movimentos sumamente favoráveis comerciais no período de após-guerra, em relação aos produtos agrícolas da América Latina. talvez não se repitem. Os países produtores de café e trigo, por exemplo, provàvelmente hão de ter alguns problemas de reajustamento. Por outro lado, parece ser bastante considerável, potencialmente, a expansão industrial em maior escala da América Latina, e a realização dessa potencialidade industrial contribuirá para que os países latino-americanos adotem uma política realista em matéria de câmbios. Em conjunto, portanto, a perspectiva de progresso da América Latina é a de um ritmo geral de desenvolvimento que, embora um tanto inferior ao registrado desde 1946, continuará talvez sendo superior ao ritmo de desenvolvimento dos Estados Unidos e da Europa.''

Notícias de Haiti: Informa-se que entrará em vigor a partir de 1 de outubro de 1956 a lei aprovada no verão passado, segundo a qual todo o café de Haiti deverá ser exportado em sacas de sisal de 60 quilos, em lugar de 80 quilos, como atualmente. As autoridades haitianas solicitaram aos interessados que informassem os compradores a respeito dessa modificação, de modo que os exportadores estão agora dando a conhecer o fato aos que desejam importar café de Haiti, dizendo-lhes que os contratos de compra da safra exportável de 1956-1957 serão feitos na base de sacas de 60 quilos. Consta que alguns exportadores já estão adotando o novo regulamento de 60 quilos, aplicando-o mesmo aos embarques anteriores à data oficial de 1 de outubro de 1956.

Importação de Café pela Bélgica-Luxemburgo

(Ano de 1955, em confronto com o de 1954)

	Sacas de 60 quilos		% + ou —	% sôbre o total	
	1954	1955	em 1955	1954	1955
Brasil	154.800	244.858	+ 45,3	21,8	28,8
Congo Belga	141.696	157.779	+ 11,4	19,9	20,2
Colômbia	68.581	79.986	+ 16,6	9,6	19,2
Haiti	121.019	68.545	— 43,4	17,0	8,8
Angola	25.149	30.649	+ 21,9	3,5	3,9
Guatemala	14.306	30.203	+ 111,1	2,0	3,9
África Orient. Brit.	473	21.379	+ 45 vêzes	0,1	2,7
Indonésia	62.246	20.185	— 67,6	8,8	2,6
Holanda	9.539	19.455	+ 104,0	1,3	2,5
Salvador	2.351	13.915	+ 5 vêzes	0,3	1,8
México	12.013	12.818	+ 6,7	1,7	1,6
Outros	99.591	101.821	+ 2,2	14,0	13,0
TOTAL	711.764	781.593	+ 9,8	100,0	100,0

(Quadro elaborado pela ''Fôlha da Manhã'', com números absolutos de Georges Gordon Paton & Co.).

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XXI | São Paulo, 24 de Abril de 1956 | N.º 364

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1955/1956

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	Julho Fevereiro	1.ª dezena Março	2.ª dezena Março	3.ª dezena Março	TOTAL
Santos a Jundiaí	114 995	3 726	5 545	4 989	129 255
Sorocabana	1 600 607	16 548	15 430	14 858	1 647 443
Paulista	3 242 746	25 873	15 807	20 141	3 304 567
Mogiana	885 831	7 182	10 557	5 027	908 597
Araraquara	1 086 052	9 903	8 070	4 223	1 108 248
Noroeste do Brasil	1 533 839	11 953	5 471	4 583	1 555 846
Central do Brasil	4 737	—	112	—	4 849
Estrada de Rodagem	2 543	—	—	—	2 543
Total	**8 471 850**	**75 185**	**60 992**	**53 821**	**8 661 348**

NOTA: Os despachos nas E.E. F.F. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO AO RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS

DESPACHADO	RIO DE JANEIRO			ANGRA DOS REIS		TOTAL
	FERROVIÁRIO		RODOVIÁRIO	Ferrov.	Rodov.	
	Comum	Pref.	Comum	Comum	Comum	
Julho/Fevereiro	31 935	2 801	288 362	2 468	15 090	340 656
1.ª dez. Março	4 300	—	34 565	—	—	38 865
2.ª " "	2 275	—	21 881	—	—	25 156
3.ª " "	—	—	14 832	—	—	14 832
Total	**38 510**	**2 801**	**359 640**	**2 468**	**15 090**	**418 509**

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR SÉRIES

DEZENAS	Comum	Preferencial	Despolpado	TOTAL
Julho/Fevereiro —	7 937 680	843 441	30 885	8 812 006
1.ª dez. Março —	87 905	26 145	—	114 050
2.ª " "	60 362	24 545	241	85 148
3.ª " "	47 834	20 819	—	68 653
Total	8 133 781	914 950	31 126	9 079 857

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS, DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

DEZENAS	PARANÁ			MINAS GERAIS			GOIÁS		MATO GROSSO	ESPÍRITO SANTO	Rio de Janeiro	TOTAL
	Comum	Pref.	Despol.	Comum	Pref.	Despol.	Comum	Pref.	Comum	Comum	Comum	
Julho/Fevereiro-	1165 543	10 574	3 527	324 635	367 723	6 704	58 007	1 860	7 583	5 122	2 563	1 953 841
1.ª dez. Março	21 084	369	—	55	5 031	—	x —	—	—	—	—	26 539
2.ª " "	17 550	—	—	260	3 515	—	x —	—	—	—	—	21 325
3.ª " "	x —	—	—	x 359	1 419	—	x —	—	—	—	—	1 778
Total	1204 177	10 943	3 527	325 309	377 688	6 704	58 007	1 860	7 583	5 122	2 563	2 003 583

PERNAMBUCANO — Despolpado - Julho/Fevereiro - 56............. 720

TOTAL GERAL............. 2 004 203

x Incompleto

PREFERENCIAL

DEZENAS	Despachado	Liberado	Convertido	Retido	A Liberar
1.ª Julho — 55	13 997	6 187	7 810	—	—
2.ª "	33 774	20 528	13 246	—	—
3.ª "	58 649	36 776	21 873	—	—
1.ª Agôsto —	50 399	33 834	16 565	—	—
2.ª "	68 496	53 202	15 294	—	—
3.ª "	87 528	77 442	10 086	—	—
1.ª Setembro —.........	70 286	63 469	6 817	—	—
2.ª "	66 264	58 614	—	7 650	—
3.ª "	83 783	72 484	—	11 299	—
1.ª Outubro	35 281	32 017	—	3 264	—
2.ª "	39 972	37 738	—	2 234	—
3.ª "	42 907	39 926	—	2 981	—
1.ª Novembro	25 863	24 560	—	1 303	—
2.ª "	29 062	25 434	—	3 628	—
3.ª "	19 890	17 415	—	1 475	—
1.ª Dezembro	12 500	11 169	—	1 239	92
2.ª "	15 375	13 885	—	1 490	—
3.ª "	17 735	16 088	—	1 647	—
1.ª Janeiro—56	10 252	8 473	—	1 629	150
2.ª "	9 791	8 183	—	1 608	—
3.ª "	11 903	10 475	—	1 205	223
1.ª Fevereiro	10 343	7 391	—	1 599	1 353
2.ª "	8 718	5 850	—	1 095	1 773
3.ª "	17 872	11 130	—	3 061	3 681
1.ª Março	26 145	2 341	—	845	22 959
2.ª "	24 545	—	—	—	24 545
3.ª "	20 819	—	—	—	20 819
Total	912 149	695 611	91 691	49 252	75 595

CONFORME O CLIMA

As fritadas e os demais alimentos gordurosos exigem muito tempo para a digestão. O abuso de pratos gordurosos, em climas quentes como o nosso, é mais absurdo do que o de sorvetes e bebidas geladas nos climas frios.

Evite o abuso de alimentos gordurosos e adote alimentação adequada ao clima do país. —

MOVIMENTO DO CAFÉ PAULISTA DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1955/1956 **"DESPOLPADO"** **(Até 31 de Março 1956)**

DEZENAS	Despachado	Liberado	Convertido	Retido	A Liberar
1.ª Julho — 55	1 373	1 195	178	—	—
2.ª "	1 151	1 147	4	—	—
3.ª "	419	332	87	—	—
1.ª Agôsto —	3 560	3 554	6	—	—
2.ª "	1 929	1 929	—	—	—
3.ª "	2 275	2 275	—	—	—
1.ª Setembro	2 857	2 857	—	—	—
2.ª "	2 524	2 524	—	—	—
3.ª "	2 049	2 049	—	—	—
1.ª Outubro	159	2 159	—	—	—
2.ª "	778	778	—	—	—
3.ª "	1 117	1 117	—	—	—
1.ª Novembro	3 166	3 166	—	—	—
2.ª "	1 310	1 310	—	—	—
3.ª "	1 295	1 295	—	—	—
1.ª Dezembro	789	751	—	38	—
2.ª "	279	279	—	—	—
3.ª "	—	—	—	—	—
1.ª Janeiro — 56	—	—	—	—	—
2.ª "	497	497	—	—	—
3.ª "	498	420	—	78	—
1.ª Fevereiro	757	757	—	—	—
2.ª "	6	16	—	48	—
3.ª "		39	—	—	—
1.ª Março —	—	—	—	—	—
2.ª "	241	—	—	—	241
3.ª "	—	—	—	—	—
Total	**31 126**	**30 446**	**275**	**164**	**241**

ÁGUA E DISENTERIA BACILAR

A água contaminada pode transmitir várias doenças, algumas bem graves, como a disenteria bacilar, assim chamada porque é causada por um bacilo. Êste micróbio pode ser veiculado pela água que não foi prèviamente fervida ou filtrada.

Evite a disenteria bacilar, bebendo sòmente água fervida ou filtrada. —

OUTROS ESTADOS

PRODUTORES		Despachado	Convertido	Total	Retido	Dest. Alt. Cancêl.	Liberado	A Liberar
Paraná	Comum.	1 204 177	+ 280	1 204 457	—	29 497	340 835	834 125
	Despol.	3 527	—	3 527	249	—	3 278	—
	Pref.	10 943	- 280	10 663	3 560	—	5 903	1 200
Minas Gerais	Comum	325 309	+ 51 284	376 593	—	—	216 890	159 703
	Despol.	6 704	- 266	6 438	—	—	6 438	—
	Pref.	377 688	- 51 018	326 670	21 189	—	280 402	25 079
Goiás	Comum	58 007	+ 273	58 280	—	—	32 710	25 570
	Pref.	1 860	- 273	1 587	126	—	1 461	—
Mato Grosso	Comum	7 583	—	7 583	—	—	3 200	4 383
Espírito Santo	Comum	5 122	—	5 122	—	—	—	5 122
Rio de Janeiro	Comum	2 563	—	2 563	—	—	—	2 563
Pernambuco	Despol.	720	—	720	—	—	720	—
Total		**2 004 203**	—	**2 004 203**	**25 124**	**29 497**	**891 837**	**1 057 745**

PÊSO EXCESSIVO

Uma das principais causas do acúmulo de gordura no organismo é a alimentação desregrada, principalmente o abuso de doces, massas, farinhas, bolos e alimentos gordurosos. Além do aumento exagerado de pêso, a gordura excessiva pode ter como consequência o diabete e outras doenças da nutrição.

Corrija o excesso de gordura comendo moderadamente e reduzindo aos poucos a quantidade de doces, massas e alimentos gordurosos. —

COMUM

DEZENAS	Despachado	Convertido	Total	Dest. Alt. e Anulado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho — 55	398 612	7 988	406 600	—	406 600	—
2.ª "	577 649	13 250	590 899	—	590 899	—
3.ª "	1 020 799	21 960	1 042 759	—	1 042 759	—
1.ª Agôsto	782 540	16 571	799 111	1 500	797 611	—
2.ª "	717 423	15 294	732 717	1 804	730 913	—
3.ª "	848 322	10 359	858 681	3 800	853 281	1 600
1.ª Setembro	587 707	6 817	594 524	2 447	368 337	223 740
2.ª "	597 414	—	597 414	3 855	—	593 559
3.ª "	590 791	—	590 791	2 314	—	588 477
1.ª Outubro	263 109	—	263 109	—	—	263 109
2.ª "	287 657	—	287 657	3 400	—	284 257
3.ª "	252 947	—	252 947	2 190	—	250 757
1.ª Novembro	137 076	—	137 076	600	—	136 476
2.ª "	113 529	—	113 529	2 600	—	112 929
3.ª "	113 703	—	113 703	2 365	—	111 338
1.ª Dezembro	63 437	—	63 437	1 700	—	61 737
2.ª "	55 058	—	55 058	500	—	54 558
3.ª "	50 619	—	50 619	—	—	50 619
1.ª Janeiro — 56	20 204	—	20 204	833	—	19 371
2.ª "	22 703	—	22 703	—	—	22 703
3.ª "	29 313	—	29 313	—	—	29 313
1.ª Fevereiro	20 920	—	20 920	—	—	20 920
2.ª "	13 040	—	13 040	7	—	13 033
3.ª "	35 253	—	35 253	33	—	35 220
1.ª Março	49 040	—	49 040	—	—	49 040
2.ª "	36 206	—	36 206	—	—	36 206
3.ª "	33 002	—	33 002	—	—	33 002
Total	7 718 073	92 239	7 810 312	27 948	4 790 400	2 991 964

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1955/56

MÊS	ENTRADAS								MOVIMENTO				Existência
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranàense	Matogrossense	Pernambuco	Espírito Santo	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	
Julho	275 538	2 553	1 600	3 420	—	—	120	283 231	602 480	587 246	1 866	—	1 785 509
Agôsto ...	823 005	51 291	1 894	22 166	—	—	—	898 356	504 401	521 704	9 036	—	2 170 428
Setembro .	736 242	68 515	6 523	19 794	—	—	—	831 074	692 223	741 817	48 492	12 696	2 273 483
Outubro ..	634 301	77 279	910	48 882	—	—	—	761 372	717 201	672 680	51 348	7 445	2 273 751
Novembro	657 963	77 165	710	35 765	—	—	—	771 603	556 604	520 620	35 952	12 552	2 465 350
Dezembro	695 083	70 167	9 481	38 191	400	—	—	813 322	512 520	519 396	30 932	18 937	2 754 157
Janeiro ...	471 875	—	600	45 572	—	555	—	518 602	587 574	631 645	11 036	22 086	2 696 235
Fevereiro .	665 393	86 745	4 171	80 067	1 600	165	—	838 141	998 895	1 044 258	25 135	38 358	2 548 704
Março ...	618 842	91 259	10 008	60 180	1 200	—	—	781 489	662 862	572 674	17 208	23 630	2 673 753

CÂMBIO EM NOVA YORK S(

ABRIL D

(Valor das diversas

DIAS	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr$	Buenos Aires peso	Monte-vidéo peso	Paris franco
2	2,80 1/2	1,00 5/32	0,01 38	0,02 50	0,26 12	0,0028 19/32
3	2,80 11/16	1,00 5/32	0,01 37	0,02 50	0,26 25	0,0028 5/8
4	2,80 3/4	1,00 5/32	0,01 36	0,02 53	0,26 25	0,0028 5/8
5	2,80 11/16	1,00 3/16	0,01 36	0,02 51	0,25 87	0,0028 5/8
6	2,80 3/4	1,00 7/32	0,01 36	0,02 50	0,25 87	0,0028 19/32
9	2,80 7/8	1,00 7/32	0,01 36	0,02 51	0,25 75	0,0028 19/32
10	2,80 7/8	1,00 9/32	0,01 36	0,02 53	0,25 75	0,0028 19/32
11	2,80 7/8	1,00 5/16	0,01 36	0,02 53	0,25 87	0,0028 19/3
12	2,80 7/8	1,00 7/32	0,01 36	0,02 53	0,25 87	0,0028 19/3
13	2,80 7/8	1,00 7/32	0,01 36	0,02 53	0,25 87	0,0028 19/3
16	2,80 7/8	1,00 1/14	0,01 36	0,02 53	0,25 87	0,0028 19/3
17	2,80 15/16	1,00 1/14	0,01 36	0,02 55	0,26 00	0,0028 19/3
18	2,81 1/4	1,00 5/16	0,01 35	0,02 53	0,26 00	0,0028 19/3
19	2,81 1/8	1,00 5/16	0,01 34	0,02 53	0,25 87	0,0028 19/3
20	2,80 15/16	1,00 13/32	0,01 31	0,02 53	0,25 87	0,0028 19/3
23	2,81 00	1,00 7/16	0,01 28	0,02 67	0,25 87	0,0028 19/3
24	2,81 00	1,00 17/32	0,01 28	0,02 77	0,25 62	0,0028 19/3
25	2,80 7/8	1,00 23/12	0,01 28	0,02 72	0,25 62	0,0028 19/3
26	2,80 13/16	1,00 11/16	0,01 28	0,02 64	0,25 62	0,0028 19/3
27	2,80 19/32	1,00 9/16	0,01 28	0,02 64	0,25 75	0,0028 19/3
30	2,80 11/16	1,00 1/2	0,01 29	0,02 55	0,25 75	0,0028 19/3
Mínima ..	**2,80 1/2**	**1,00 5/32**	**0,01 [illegible]**	**0,02 50**	**0,25 62**	**0,0028 19/3**
Média ...	**2,80 27/32**	**1,00 11/32**	**0,01 34**	**0,02 56**	**0,25 87**	**0,0028 19/3**
Máxima ..	**2,81 1/4**	**1,00 23/32**	**0,01 38**	**0,02 77**	**0,26 25**	**0,0028 5/8**

ÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

E 1956

moedas em dólar)

Berna franco	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder	Brasil Cr$ Oficial
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 13	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 13	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 13	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 13	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 14	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 5/8	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 15	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 9/16	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 7/16	0,26 15	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 7/16	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/2	0,26 16	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/8	0,26 14	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/8	0,26 14	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/8	0,26 14	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/8	0,26 13	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3/8	0,26 13	0,05 50
0,23 34	0,19 35	0,02 36	0,03 50	0,0200 3|8	0,26 13	0,05 50
0,23 34	**0,19 35**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,02 00 3/8**	**0,26 13**	**0,05 50**
0,23 34	**0,19 35**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,02 00 1/2**	**0,26 15**	**0,05 50**
0,23 34	**0,19 35**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,02 00 5/8**	**0,26 16**	**0,05 50**

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Abril de 1956

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Alemanha	8.034	
	Áustria	2.284	
	Belgo-Luxemb. U.E.	3.725	
	Dinamarca	4.366	
	Espanha	8.333	
	Finlândia	40.699	
	França	16.502	
	Grã-Bretanha	1.000	
	Grécia	5.603	
	Holanda	1.375	
	Islândia	1.220	
	Itália	2.733	
	Iugoslávia	20.125	
	Noruega	290	
	Tchecoslováquia	10.896	127.185
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	750	
	Estados Unidos	78.753	79.503
AMÉRICA DO SUL	Argentina	30.044	
	Uruguai	1.398	31.442
AMÉRICA CENTRAL	Curaçáo	25	25
ÁFRICA	Egito	404	
	Marrocos Francês	125	
	Moçambique	70	
	Somália Italiana	125	
	Sudoeste Africano	25	
	Tunísia	600	
	U. S. Africana	3.145	4.494
ÁSIA	Chipre	1.000	
	Líbano	300	
	Síria	250	1.550
OCEANIA	Austrália	68	68
Total para o exterior			244.267
CABOTAGEM	Sul	200	200
Total geral			244.467

Consumo de bordo - 41 scs.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1956

MESES	Entradas	Embarques
1955		
julho	219.969	225.155
agôsto	412.061	274.964
setembro	489.389	578.249
1.° trimestre	**1.121.419**	**1.078.368**
outubro	413.432	531.044
novembro	484.748	369.955
dezembro	455.891	383.390
2°. trimestre	**1.354.071**	**1.284.389**
1.° Semestre	**2.475.490**	**2.362.757**
1956		
janeiro	256.093	348.737
fevereiro	178.117	406.995
Março	303.091	358.451
3.° trimestre	**737.301**	**1.114.183**
abril	378.419	244.467

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1956

VIAS	PROCEDÊNCIAS								TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Pernambuco	Goiás	
E. F. C. do Brasil .	24.606	950	—	—	14.280	—	—	—	39.836
E. F. Leopoldina .	—	18.273	2.235	13.787	—	—	—	—	34.295
Regulador	—	—	—	3.442	—	—	—	—	3.442
Rodoviário	45.391	131.357	12.200	13.159	85.556	7.358	2.663	1.712	299.396
Cabotagem	—	—	—	—	—	—	1.450	—	1.450
Totais	69.997	150.580	14.435	30.388	99.836	7.358	4.113	1.712	378.419

DEFESA DOS OLHOS

A leitura de perto cansa os olhos e concorre para a miopia. Muitas pessoas lêem de perto ùnicamente por fôrça do hábito que cumpre corrigir. Outras, porém, fazem-no porque a vista já não está boa e não lhes permite ler a distância razoável. Esses casos precisam de correção imediata, por meio de lentes indicadas por especialistas.

Coloque sempre o jornal e o livro a 30 ou 35 centímetros dos olhos. Se assim não conseguir ler, consulte o médico oculista. —

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

Sacas de 60 quilos

1956	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	Angra dos Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	2 696 235	687 777	97 396	6 012	799 108	7 362	17 141	4 311 031
Fevereiro	2 548 704	412 458	115 222	6 622	779 733	2 262	17 204	3 882 205
Março	2 673 753	334 078	177 190	7 228	764 129	7 352	14 600	3 978 330
Março — 1955	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
” — 1954	1 715 331	358 284	77 322	6 225	556 901	—	17 997	2 732 060
” — 1953	1 713 441	165 797	10 019	4 880	654 834	211	14 516	2 563 698
” — 1952	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

ABRIL DE 1956

(Em cents por libra (peso) 453,60)

DIAS	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 Extra mole	Tipo 4 Extra mole	Tipo 4	Tipo 7
2	N/cotado	N/cotado	55.25	54.00	N/cotado	43.25
3	”	”	55.25	54.00	”	43.25
4	”	”	55.25	54.00	”	43.00
5	”	”	55.25	54.00	”	43.00
6	”	”	55.25	54.00	”	43.50
9	”	”	55.75	54.50	”	43.50
10	”	”	55.75	54.50	”	43.50
11	”	”	55.75	54.50	”	43.50
12	”	”	56.25	55.00	”	43.75
13	”	”	55.75	55.50	”	43.75
16	”	”	56.75	55.50	”	43.75
17	”	”	57.25	56.00	”	43.75
18	”	”	57.25	56.00	”	43.75
19	”	”	57.75	56.50	”	43.75
20	”	”	58.25	57.00	”	43.75
23	”	”	57.75	56.50	”	43.50
24	”	”	57.75	56.50	”	43.25
25	”	”	57.25	56.00	”	43.00
26	”	”	57.25	56.00	”	42.75
27	”	”	57.25	56.00	”	42.75
30	”	”	57.75	56.50	”	43.00
Mínima	—	—	55.25	54.00	—	42.75
Média	—	—	56.56	55.36	—	43.38
Máxima	—	—	58.25	57.00	—	43.75

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

(Em cents. por libra (pêso) 453,60) — Abril de 1956

PROCEDÊNCIA	DIAS				MÉDIA	SOMA
	4	11	18	26		
COLÔMBIA:						
Medelim Excelso...	2) 66 1/2	2) 67 1/4	2) 70 00	2) 68 1/2	68 1/16	272 250
Armenia..........	2) 66 1/2	2) 67 1/4	2) 70 00	2) 68 1/2	68 1/16	272 250
Manizales	2) 66 1/2	2) 67 1/4	2) 70 00	2) 68 1/2	68 1/16	272 250
COSTA RICA:						
Hard	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
Atlantic Fino	”	”	”	”		
EQUADOR:						
Lavado	2) 65 00	2) 65 00	2) 65 00	2) 65 00	65 00	260 00
Extra não lavado ..	2) 54 00	2) 54 00	2) 54 00	2) 53 00	53 3/4	215 00
GUATEMALA:						
Antigua	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
Extra primeira	”	”	”	”		
Lavado bom.......	”	”	”	”		
Bourbon	”	”	”	”		
HAITÍ:						
Lavado bom mole..	2) 60 00	2) 60 00	2) 62 00	2) 62 00	61 00	244 00
Catado à mão	2) 48 00	2) 48 00	2) 50 00	2) 52 00	49 50	198 00
HONDURAS:						
Lavado bom.......	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
T. 5 - Comum duro.	”	”	”	”		
MÉXICO:						
Coatepec	2) 66 00	2) 65 1/2	2) 67 1/2	2) 67 1/2	66 5/8	266 500
Tapachula primeira.	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
NICARÁGUA						
Matagalpa	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
Lavado prmeira ...	”	”	”	”		
EL SALVADOR:						
Lavado primeira.....	2/ 64 1/2	2) 65 00	2) 67 00	2) 66 1/4	65 11/16	262 750
S. DOMINGOS:						
Lavado bom mole..	2) 60 00	2) 60 00	2) 61 00	2) 61 00	60 50	242 00
Fino	2) 61 00	2) 61 00	2) 62 00	2) 62 00	61 50	246 00
VENEZUELA:						
Maracaibo	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
CONGO BELGA:						
Lavado robusta.....	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
Natural robusta...	”	”	”	”		
MOCA:						
Moca (Arábia)	2) 62 00	2) 60 00	2) 61 1/2	2) 61 1/2	61 1/4	245 000
JAVA E N. E. I.						
Genuino Java lavado	N/cot.	N/cot.	N/cot.	N/cot.		
UGANDA:						
Lavado	2) 32 00	2) 32 00	2) 33 1/2	2) 32 00	32 3/8	129 500
ETIÓPIA:						
Harrar............	2) 56 1/2	2) 55 00	2) 55 1/2	2) 56 00	55 3/4	223 000
Djima	2) 51 1/2	2) 51 00	2) 53 00	2) 53 00	52 1/8	208 500

Observações: 2- Desembarcado á vista líquido

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONíVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

ABRIL DE 1956

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T.4	Sem Descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
2	392,50	379,50	359,50	297,00	219,00
3	392,50	379,50	359,50	297,00	219,00
4	392,50	379,50	359,50	297,00	219,00
5	391,50	378,50	358,50	297,00	219,00
6	391,50	378,50	358,50	297,00	219,00
9	391,50	378,50	358,50	297,00	—
10	391,50	378,50	358,50	297,00	219,00
11	391,50	378,50	358,50	300,00	222,00
12	391,50	378,50	358,50	300,00	225,00
13	397,50	378,50	364,50	300,00	223,50
16	400,00	388,50	368,50	302,00	224,00
17	408,50	395,50	370,50	302,00	224,00
18	416,50	405,00	375,50	302,00	224,00
19	420,00	406,50	375,00	302,00	224,00
20	421,50	410,00	376,50	302,00	224,00
23	416,50	405,00	375,00	302,00	224,00
24	415,00	403,50	375.00	302,00	224,00
25	412,00	401,00	373,50	302,00	224,00
26	412,50	402,00	373,50	300,00	222,00
27	417,00	406,00	373,50	300,00	222,00
30	420,00	409,50	373,50	300,00	222,00
Mínima	391,50	378,50	358,50	297,00	219,00
Média	403,98	391,79	366,86	299,76	222,13
Máxima	421,50	410,00	376,50	302,00	225,00

COTAÇÕES DE CAFÉ A TÊRMO EM NOVA YORK

Em cents por libra (peso) 453,60 — Contrato "B"

ABRIL DE 1956

DIAS	MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO 1957	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
2	50.50	50.60	50.60	50.00	49.75	49.45	48.50	48.55	N/cotado	47.70
3	50.75	50.60	49.90	49.90	49.35	49.35	48.55	48.50	47.75	47.52
4	50.35	50.90	49.75	50.15	49.20	49.60	48.32	48.70	47.45	47.78
5	51.25	51.70	50.35	51.15	49.90	50.60	48.95	49.73	N/cotado	48.85
6	51.60	51.80	51.25	51.20	50.75	50.65	49.80	49.70	48.97	48.75
9	51.94	51.85	51.25	51.35	50.75	50.90	50.05	49.95	49.10	49.10
10	52.25	52.68	51.59	52.15	51.26	51.65	50.30	50.75	49.37	49.75
11	53.01	53.00	52.70	52.45	52.10	51.95	51.10	51.00	50.30	49.98
12	53.50	53.50	53.10	53.20	52.65	52.25	51.55	51.30	50.45	50.05
13	53.10	53.25	52.85	52.85	52.05	52.15	50.90	51.00	49.80	50.00
16	53.50	54.25	53.50	53.81	52.75	53.34	51.60	52.20	50.60	51.25
17	54.20	53.30	53.65	52.98	53.34	52.41	52.05	51.25	50.90	50.30
18	53.15	53.25	52.50	52.83	52.00	52.36	50.80	51.25	49.90	50.25
19	53.75	53.55	53.35	53.25	52.90	52.85	51.80	51.70	50.65	50.70
20	53.35	52.95	53.00	53.70	52.60	52.36	51.60	51.20	50.59	50.25
23	52.50	53.25	52.40	53.05	51.95	52.62	50.90	51.40	49.95	50.40
24	53.00	52.95	52.70	52.73	52.50	52.35	51.15	51.15	50.20	50.15
25	52.50	51.75	52.20	51.55	51.80	51.10	50.65	50.00	49.50	48.90
26	51.40	51.55	51.00	50.90	50.70	50.50	49.70	49.50	48.70	48.30
27	52.25	52.25	51.75	51.40	51.50	50.80	50.05	49.50	48.70	48.45
30	52.75	53.50	52.20	52.75	51.45	52.20	50.20	50.40	49.20	49.55
Mínima	50.35	50.60	49.75	49.90	49.20	49.35	48.32	48.50	47.45	47.52
Média	52.41	50.50	51.98	52.02	51.49	51.50	50.41	50.42	49.59	49.43
Máxima	54.20	54.25	53.65	53.81	53.34	53.34	52.05	52.20	50.90	51.25

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

FEVEREIRO DE 1956

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
2	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	N/cotado	4.89 47	N/cotado	3.64 02	4.95 03
3	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.92 03	"	3.64 02	—
4	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.92 03	"	3.64 02	4.94 89
5	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.85 05	"	3.64 02	4.94 68
6	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.85 05	"	3.64 02	4.94 57
7	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.83 80	"	3.64 02	4.94 42
9	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	N/cotado	4.83 80	N/cotado	3.64 02	4.94 42
10	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.84 43	"	3.64 02	4.94 36
11	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.83 90	"	3.64 02	4.94 34
12	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.85 36	"	3.64 02	4.94 51
13	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.86 30	"	3.64 02	4.94 89
14	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.87 56	"	3.64 02	4.94 77
16	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.87 56	N/cotado	3.64 02	4.94 97
17	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.86 30	"	3.64 02	—
18	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.87 56	"	3.64 02	4.94 97
19	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.86 30	"	3.64 02	4.94 74
20	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.86 30	"	3.64 02	4.94 62
23	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	N/cotado	4.85 68	N/cotano	3.64 02	4.94 36
24	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.83 49	"	3.64 02	4.94 51
25	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.78 27	"	3.64 02	4.94 31
26	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.81 95	"	3.64 02	4.94 04
27	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.86 93	"	3.64 02	4.94 28
28	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.81 33	"	3.64 02	4.94 01
30	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	N/cosado	4.81 33	N/cotado	3.64 02	4.94 01
Mínima	52.69 60	18.82 00	4.42 69	066. 07	—	4.78 27	—	3.64 02	4.94 01
Média	52.69 60	18.82 00	4.42 69	066. 07	—	4.85 49	—	3.64 02	4.94 53
Máxima	52.69 60	18.82 00	4.42 69	066. 07	—	4.92 03	—	3.64 02	4.95 03

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA — ABRIL DE 1956

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina Peso	Uruguai peso	Chile peso	Suécia corôa	Holanda florim
2	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	N/cot.	4,71 98	N/cot.	3,55 13	4,82 93
3	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,74 42	"	3,55 13	—
4	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,74 42	"	3,55 13	4,82 79
5	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,67 77	"	3,55 13	4,82 59
6	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,67 77	"	3,55 13	4,82 48
7	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,66 58	"	3,55 13	4,82 34
9	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,66 58	"	3,55 13	4,82 34
10	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,67 18	"	3,55 13	4,82 34
11	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,66 58	"	3,55 13	4,82 25
12	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 07	"	3,55 13	4,82 42
13	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 97	"	3,55 13	4,82 79
14	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,70 17	"	3,55 13	4,82 68
16	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,70 17	"	3,55 13	4,82 87
17	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 97	"	3,55 13	—
18	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,70 17	"	3,55 13	4,82 87
19	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 97	"	3,55 13	4,82 65
20	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 97	"	3,55 13	4,82 53
23	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 37	"	3,55 13	4,82 28
24	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,66 29	"	3,55 13	4,82 42
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,61 31	"	3,55 13	4,82 22
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,64 81	"	3,55 13	4,82 97
27	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,69 57	"	3,55 13	4,82 19
28	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,64 22	"	3,55 13	4,82 03
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,64 22	"	3,55 13	4,82 03
Mínima	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,28 34**	**0,63 28**	—	**4,61 31**	—	**3,55 13**	**4,81 97**
Média	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,28 34**	**0,63 28**	—	**4,68 19**	—	**3,55 13**	**4,82 46**
Máxima	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,28 34**	**0,63 28**	—	**4,74 42**	—	**3,55 13**	**4,82 93**

MOVIMENTO DO CAFÉ

MAIO

DIAS	ENTRADAS						
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Pernambuco	Bahia
2	—	16 521	—	—	11 058	—	—
3	8 957	—	—	—	10 394	—	—
4	—	11 260	—	1 679	—	—	—
5	—	—	—	—	—	—	—
7	—	15 749	6 837	—	—	—	—
8	7 021	7 868	—	8 494	—	—	—
9	—	11 480	—	5 055	—	—	—
10	—	10 115	5 556	—	5 063	—	—
11	6 504	11 331	—	—	—	—	—
12	—	—	—	—	—	—	—
14	—	—	—	—	22 800	—	—
15	11 073	450	—	—	—	—	8 058
16	9 996	21 761	—	—	—	—	—
17	—	15 210	—	—	10 539	—	—
18	—	6 902	9 906	3 833	5 843	—	—
19	—	—	—	—	—	—	—
21	8 956	10 769	—	—	5 950	—	—
22	9 523	7 464	—	3 647	—	—	—
23	8 842	9 625	—	—	8 245	—	—
24	7 236	6 466	—	1 242	6 928	—	—
25	8 348	4 450	—	—	7 579	—	—
26	—	—	—	—	—	—	—
28	10 448	—	1 761	1 393	10 146	—	—
29	—	—	275	2 962	11 586	—	—
30	13 410	—	—	5 477	17 823	2 382	4 972
Total	**110 314**	**167 421**	**24 335**	**33 782**	**134 004**	**2 382**	**13 030**

NO RIO DE JANEIRO

DE 1956

		EMBARQUES			Retirados do Mercado	Consumo Local	Consumo de Bordo	Existência
Goiás	Total	Exterior	Cabotagem	Total				
—	27 579	4 289	—	4 289	—	—	—	468 979
—	19 351	12 560	—	12 560	—	—	—	475 770
—	12 939	2 780	—	2 780	—	—	—	485 929
—	—	15 359	—	15 359	—	—	—	470 570
—	22 586	4 250	—	4 250	—	—	—	488 906
—	23 383	—	—	—	—	—	—	512 289
—	16 535	41 681	—	41 681	—	—	—	487 143
—	20 734	42 894	—	42 894	—	—	—	494 983
—	17 835	16 740	—	16 740	—	—	—	496 078
—	—	9 150	—	9 150	—	—	—	486 928
—	22 800	—	—	—	—	—	—	509 728
—	19 581	20 902	—	20 902	—	—	—	508 407
—	31 757	—	—	—	—	—	—	540 164
—	25 799	8 835	—	8 835	—	—	—	557 128
—	26 484	37 351	—	37 351	—	—	—	546 261
—	—	17 256	—	17 256	—	—	—	529 005
—	25 675	15 094	—	15 094	—	—	—	539 586
—	20 634	3 550	—	3 550	—	—	—	556 679
—	26 712	9 382	—	9 382	—	—	—	574 000
—	21 872	17 691	—	17 691	—	—	—	578 181
—	20 377	14 641	—	14 641	—	—	—	583 917
—	—	5 633	—	5 633	—	—	—	578 284
—	23 748	15 919	—	15 919	—	—	—	586 113
—	14 823	17 661	—	17 661	—	—	—	583 275
1 560	45 624	19 709	80	19 789	102	22 000	10	586 998
1 560	486 828	323 327	80	323 407	102	22 000	10	—

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de **Câmbio Oficial**, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de **Abril**. 1956

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Holanda	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
2	52,6960	18,82	4,9486	4,4936	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3774	0,0538
3	52,6960	18,82	4,9439	4,4967	—	3,6402	—	—	0,3777	—
4	52,6960	18,82	—	4,4967	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
5	52,6960	18,82	—	4,4950	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
6	52,6960	18,82	4,9468	4,4950	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3777	0,0538
7	52,6960	18,82	—	4,4950	—	3,6402	—	—	0,3773	0,0538
9	52,6960	18,82	—	4,4950	4,4278	3,6402	—	—	—	0,0538
10	52,6960	18,82	4,9442	4,4919	—	3,6402	2,7499	—	0,3774	0,0538
11	52,6960	18,82	—	4,4927	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3773	0,0538
12	52,6960	18,82	4,9433	4,4927	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
13	52,6960	18,82	4,9439	4,4910	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3744	0,0538
14	52,6960	18,82	4,9433	4,4900	4,4278	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
16	52,6960	18,82	4,9500	—	—	3,6402	2,7499	—	—	—
17	52,6960	18,82	4,9197	4,4900	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3772	0,0538
18	52,6960	18,82	—	4,4900	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
19	52,6960	18,82	4,9451	4,4889	—	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
20	52,6960	18,82	4,9439	4,4872	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3772	0,0538
23	52,6960	18,82	4,9463	4,4862	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3772	0,0538
24	52,6960	18,82	4,9436	4,4888	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3772	0,0538
25	52,6960	18,82	4,9451	4,4895	4,4278	3,6402	2,7499	—	0,3772	0,0538
26	52,6960	18,82	4,9430	4,4886	—	3,6402	2,7499	—	0,3771	0,0538
27	52,6960	18,82	4,9404	4,4891	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3772	0,0538
28	52,6960	18,82	4,9474	4,4892	4,4278	3,6402	2,7499	0,6607	0,3773	0,0538
30	52,6960	18,82	4,9500	4,4906	—	3,6402	—	—	0,3772	0,0538
Média	**52,6960**	**18,82**	**4,9454**	**4,4914**	**4,4277**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3772**	**0,0538**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Médias diárias de Câmbio Livre, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de

ABRIL de 1956

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Uruguai	Holanda	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Espanha	Bélgica	França
2	205,8188	74,5000	74,2870	19,4000	19,2000	17,4843	17,5710	12,7000	8,3954	2,5870	1,7900	1,4000	—
3	203,8133	—	74,5957	—	—	17,4875	17,5428	-	8,5000	2,6203	1,7700	1,4719	0,1200
4	206,2995	75,0506	74,6605	—	19,5548	17,4635	17,6161	12,6524	8,6958	2,6087	1,7820	1,4800	—
5	205,6880	—	75,7990	20,7900	19,8250	17,9555	17,8017	12,9000	8,7000	2,6571	1,7963	1,5000	—
6	207,7738	—	75,1959	—	19,6116	17,9083	17,6498	13,0000	8,7000	2,6206	1,7931	1,5000	—
7	208,0000	—	75,6767	—	19,3500	17,6541	17,6000	12,8000	—	2,6589	—	—	—
9	207,5000	—	75,6626	19,8000	—	—	17,6217	—	9,0000	2,6176	1,8011	—	0,1250
10	207,3078	—	75,2209	—	19,6000	17,7250	17,7000	—	—	2,6599	1,7913	1,1998	—
11	207,6737	—	75,4871	—	19,6000	17,7309	17,5721	13,0583	8,5000	2,6349	1,8180	1,5000	—
12	207,1425	—	75,4113	19,9000	19,7000	17,9748	17,7956	12,8922	8,4000	2,6484	1,8262	1,5000	—
13	208,1173	—	75,3049	20,4847	19,9000	17,7663	17,7040	13,0000	8,5318	2,6505	1,8212	1,5100	—
14	208,3290	—	75,6534	—	—	17,5717	—	—	—	2,6635	1,9900	1,5000	—
16	208,6227	—	75,6479	—	—	—	16,5000	13,5000	8,6000	2,6394	1,8384	—	—
17	207,0271	—	75,2570	19,4081	19,7985	17,5306	17,6128	12,9000	8,5000	2,6430	1,7990	1,5100	—
18	208,0561	75,8000	75,3425	19,1000	19,5000	17,8754	17,6333	—	8,2000	2,6414	1,7900	—	—
19	208,6748	—	75,8065	19,4500	19,7500	17,9512	17,7027	13,2000	—	2,6163	1,8017	1,5017	—
20	211,1888	—	76,7028	19,8842	20,2000	18,1522	18,0300	13,3000	8,7337	2,6677	1,8237	1,5500	—
23	221,2996	75,0000	79,1593	—	—	18,8000	17,5000	14,3000	—	2,7286	1,8803	1,6689	—
24	217,3642	—	78,7502	—	20,7785	18,8107	18,4500	14,6000	—	2,7517	1,9059	—	0,1250
25	216,6158	—	78,2303	—	—	18,3533	18,3113	13,8000	7,8000	2,6848	1,8559	1,5500	—
26	222,1721	81,0000	78,0315	21,9637	—	19,2832	18,4364	11,5000	8,6784	2,7569	1,9200	1,6186	—
27	219,9715	—	79,6431	—	—	18,7216	18,6983	—	9,5000	2,7782	1,9083	—	—
28	220,2476	80,2000	79,8633	20,0000	21,0000	18,9050	18,7066	-	8,4479	2,7855	1,9000	1,6162	—
30	219,8475	—	79,8943	—	—	18,8000	18,7000	—	—	2,7800	1,9100	1,5897	—
Média	**211,0228**	**76,9251**	**76,4666**	**20,0437**	**19,8245**	**18,0866**	**17,8481**	**13,1314**	**8,5872**	**2,6721**	**1,8399**	**1,5298**	**0,1233**

CÂMBIO

— 1956 —

MERCADO SOB TAXAS LIVRES

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o mês de ABRIL

PAÍSES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Alemanha	Marco	1.008.358	820.531
Argentina	Pêso	165.485	167.774
Bélgica	Franco	426.724	700.660
Bolívia	Boliviano	—.—	300
Canadá	Dollar	3.423	4.009
Chile	Pêso	4.500	8.620
Dinamarca	Corôa	422.433	250.586
Espanha	Peseta	543.847	743.813
Estados Unidos	Dollar	8.020.473	8.177.192
França	Franco	6.180.560	4.247.610
Holanda	Florin	170.100	156.978
Inglaterra	Libra	395.347	367.713
Itália	Lira	2.002.750	2.165.410
Paraguai	Guarani	5.410	17.500
Perú	Sol	110	110
Portugal	Escudo	5.724.271	6.827.671
Suécia	Corôa	103.599	128.029
Suiça	Franco	297.288	300.805
Uruguai	Pêso	25.544	21.769
Venezuela	Bolivar	275	275

CONVÊNIOS

	COMPRAS	VENDAS
US$ Alemanha	285	144
US$ Áustria	1.435	—.—
US$ Chile	12.953	213
US$ Espanha	32.301	15.251
US$ Finlândia	4.679	2 268
US$ Grécia	182	—.—
US$ Hungria	4.733	3.238
US$ Itália	15.714	45.797
US$ Iugoslávia	21.788	614
US$ Japão	109.365	78.470
US$ Noruega	12.822	2.183
US$ Polônia	8.884	—.—
US$ Tchecoslováquia	9.325	1.173
US$ Turquia	156	134

CÂMBIO

- 1956 -

MERCADO SOB TAXAS OFICIAIS

Resumo das Operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o mês de ABRIL

PAÍSES	MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Alemanha	Marco	11.971.720	9.292.732
Bélgica	Franco	26.880.974	12.391.059
Dinamarca	Corôa	5.356.918	6.162.274
Estados Unidos	Dólar	13.939.387	5.829.931
França	Franco	976.266.976	716.161.353
Holanda	Florin	1.560.152	1.405.197
Inglaterra	Libra	3.380.643	2.108.957
Portugal	Escudo	11.154	69.708
Suécia	Corôa	8.614.975	7.700.327
Suiça	Franco	790.157	1.243.666
Uruguai	Pêso	—.—	12

CONVÊNIOS

	COMPRAS	VENDAS
US$ Alemanha	6.003	10.670
US$ Argentina	1.136.335	900.664
US$ Áustria	156.763	165.291
US$ Bolívia	10.514	9.000
US$ Chile	73.188	489.046
US$ Espanha	4.844.123	3.817.665
US$ Finlândia	478.460	470 961
US$ Grécia	295.073	347.962
US$ Holanda	3.250	3.250
US$ Hungria	900.660	625.305
US$ Itália	975.236	712.131
US$ Iugoslávia	649.363	480.757
US$ Japão	3.260.570	1.816.200
US$ Noruega	1.124.146	1.147.050
US$ Polônia	480.681	543.017
US$ Portugal	166 012	160.015
US$ Tchecoslováquia	1.106.404	1.181.308
US$ Turquia	93 351	45.378
US$ Uruguai	440 611	163.021
£s/ Islândia	—.—	25

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A